

CADERNO Nº 10

CADERNO Nº 10

Lições sobre as diversas virtudes e a amizade com Deus.

Pe. Manuel Nunes Formigão

BREVE HISTÓRIA DA VISITAÇÃO

Como a Ordem da Visitação tem muitos pontos de semelhança com o nosso querido Instituto, especialmente quanto ao espírito que os anima, lembrei-me de vos fazer uma breve descrição dos princípios daquela Congregação, fundada por S. Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal e que, mais de trezentos anos depois que se abriu a primeira casa, dá ao mundo maravilhado o exemplo do fervor primitivo de que nunca decaiu, ao contrário de tantas outras Ordens e Congregações que precisaram de ser reformadas.

Era, em 1610, S. Francisco de Sales, Bispo de Genebra, desterrado da sua cidade episcopal; curtia então as amarguras do exílio na pequena cidade de Annecy, uma das mais belas e encantadoras cidades da França, situada num vale aprazível e ameno, banhado pelas águas cristalinas dum lago.

Os Santos Fundadores tinham resolvido de comum acordo que fosse ali o berço do Instituto nascente. Para essa cidade se dirigiu Santa Chantal, a cavalo, segundo o costume desse tempo, acompanhada dalgumas senhoras, parentes ou amigas. Durante a longa jornada de seis dias, todas puderam admirar a sua piedade, a sua caridade e a sua modéstia. Ela estava morta para o mundo e toda cheia do grande desígnio da sua consagração absoluta a Deus. Pelo caminho, nas povoações que atravessava, no lugar onde devia passar a noite, informava-se dos pobres e doentes, ia vê-los, levava-lhes socorros, tratava-os com as suas próprias mãos, fazia-lhes as camas e encomendava-se às suas orações. Na sua passagem por Genebra, juntava a esses actos de caridade um tocante acto de humildade. Um dos parentes próximos de Santa Chantal tinha prestado relevantes serviços a essa cidade. Por esse motivo, como um primo da Santa tivesse passado por Genebra no ano anterior, e os habitantes, em sinal de reconhecimento, lhe tivessem feito uma espécie de ovação, ela, receando que, reconhecendo-a, lhe fizessem o mesmo, mudou de nome, fez-se chamar a baronesa de Rombilly em vez de baronesa de Chantal, para não ser descoberta, e, atravessando rapidamente Genebra, tomou logo a estrada de Annecy.

Quando soube que ela se aproximava, S. Francisco de Sales, e com ele vinte e cinco pessoas, conselheiros e senhoras, montaram a cavalo para irem ao seu encontro. Nas ruas estacionava uma multidão considerável que acolheu Santa Chantal com as

maiores demonstrações de alegria. O Sr. Favre, Presidente do Parlamento de Saboia, tinha reclamado o direito de lhe dar hospedagem em sua casa. Logo no primeiro dia, a Santa conquistou para o Instituto a filha do Presidente, Maria Jaquelina Favre, que, ardendo em desejo de se dar a Deus, mas ignorando a maneira de realizar esse desígnio, logo que pôs os olhos na Santa foi como se uma luz do Alto lhe iluminasse o espírito. Por um lado, Santa Chantal bem depressa reconheceu o valor dessa jovem, *“querida de Deus e dos homens pelas suas raras virtudes, dotada de muito bom espírito, dum grande critério ponderado e sólido, e de alma branca como a neve”*. São estas as próprias palavras da Santa, escritas por ela no livro da fundação de Annecy.

A sua chegada a esta cidade fora no dia de Ramos. A Semana Santa foi ocupada em visitar as Igrejas, as pobres e os doentes. Depois duma curta estada no castelo de Thorem, onde deveres de família a obrigaram a ir, voltou para Annecy. Ao entrar em casa de S. Francisco de Sales, viu no átrio duas senhoras de distinção, uma já idosa e a outra ainda muito nova, que se apresentavam para falar ao Santo Bispo. O rosto modesto e inocente da jovem atraiu os olhares da Santa. A jovem, por sua vez, logo que viu Santa Chantal, sentiu-se iluminada e abrasada de amor. *“Pois quê! Meu Deus! exclamou ela, será este o momento de me ouvirdes, e ides, enfim, mostrar-me o que quereis fazer de mim”*? Mas ela ocultou a sua comoção e, tendo sido admitida à presença da Santa e tendo-lhe pedido a honra dum colóquio particular, abriu-lhe o seu coração, manifestou-lhe o seu desejo de se fazer religiosa, as suas incertezas tão cruéis até então, a impressão que acabava de sentir ao ver Santa Chantal; e, quando saiu dessa longa conversa, a Visitação nascente contava mais uma aspirante. Esta jovem era Maria Péronne de Chatel. Vamos estudar em resumo a sua vida antes da sua entrada na Visitação.

Maria Perónne de Châtel, tinha vinte anos, era rica, de estatura bem proporcionada, graciosa de rosto, cheia de entusiasmo pela música, pela dança e pela poesia, conversando admiravelmente, distinguindo-se, enfim, em todas essas artes encantadoras e fúteis que fazem a felicidade e constituem o ornamento da sociedade. Ela própria compunha canções, baladas, redondilhas e cantava-as a primor. Amada do mundo, amando-o também, fácil de seduzir, lutava, mas debilmente, não tendo para se defender contra tantas seduções senão um espírito naturalmente sério, e essas fortes impressões de fé, que tinha recebido numa educação solidamente cristã. Efectivamente,

sua mãe, a Senhora de Châtel, era uma dessas mulheres superiores como havia muitas então, nas quais a grandeza do carácter e a energia da fé formavam um género de beleza hoje raro. Um só traço bastará para fazer ver a sua fisionomia. Na idade de oitenta anos, coroando uma vida de virtudes com um grande sacrifício, tomou o hábito de noviça na Ordem de Visitação e é como simples religiosa que ela se encontra, sujeita à autoridade de sua própria filha Maria Péronne, tornada sua superiora.

Como não havia de ser excelente a educação dada por uma tal mulher! Por isso, até aos dezasseis anos tudo correu bem. A piedade, a modéstia de Maria Péronne encantavam sua admirável mãe. *“Vede a minha mais novita; ela há-de ser a maior das suas irmãs”*. Mas estas esperanças duraram pouco. Chegada a essa idade amável e perigosa em que se sai da infância para entrar na juventude, Maria Péronne mudou de repente. A leitura de romances, as lisonjas do mundo, o gosto da poesia, esses talentos da música e da dança, que tão pouco valem em si mesmos mas de que as pessoas novas tanto se envaidecem, diminuíram nela o gosto das coisas de Deus e ela sentiu-se pouco a pouco arrastada para o mundo.

Felizmente, Deus velava por essa alma, a respeito da qual tinha tão grandes desígnios. A primeira graça que lhe concedeu foi a graça do tédio, do aborrecimento. Ela ia sem cessar às festas e aos saraus, muitas vezes inebriada mas nunca feliz, e não era raro, à saída das reuniões, em que mais tinha brilhado, encontrá-la banhada em lágrimas. Havia no seu coração um abismo que se alargava continuamente, que lhe parecia tanto mais vazio e tanto mais profundo quanto mais prazeres lançava nele. Então, ardente e entusiasta como era, passando depressa aos extremos, ouviam-na, ainda toda revestida com os adornos do baile, exclamar, chorando: *“Maria Péronne, tu nunca há-de ter paz senão num convento”*! Isso era verdade; mas era preciso muito para lá chegar.

Uma afeição legítima, mas demasiado meiga, acabou entretanto por levar a perturbação à sua alma. Um moço fidalgo que era adido à embaixada, dotado de todas as qualidades que podem merecer a estima das jovens de bem, concebeu por ela uma paixão fortíssima e lha declarou dentro dos termos impostos pela virtude. Maria Péronne sensibilizou-se com isso e o seu coração achou-se assim num desses delírios perigosos em que se desce todos os dias um pouco, mesmo contra vontade.

Mas, quanto mais ela brincava com o mundo, mais Deus a apertava com o vivo agulhão da sua graça. Tendo-lhe caído nas mãos o *Memorial*, do Padre de Granada, leu com avidez essas páginas admiráveis em que o Santo religioso descreve a felicidade das almas castas e as alegrias do amor de Deus. Dividida então entre duas seduções contrárias e, por assim dizer, rasgada em duas, sofria horrivelmente. “*Ai, dizia ela, continuamente, a Deus, porque permitis que o meu coração e os meus pensamentos corram após outras coisas e que um mortal, que não posso nem quero odiar, os arrebate? Tapai os meus ouvidos para que não torne a ouvir a voz dessa sereia*”. Gemia assim aos pés dos altares; mas, logo que a sereia reaparecia, o seu coração tornava a descer com complacência a todas essas coisas que não podia nem queria odiar. Era preciso que voltasse a pegar no livro e, de novo, a força renascia. Uma calma doce e profunda entrava outra vez no seu espírito e aí reinava, ao menos durante algum tempo.

Sob o encanto sempre crescente desse livro de oiro, Maria Péronne resolveu renunciar ao que tinha feito a glória mundana e a alegria louca da sua mocidade dotada duma voz muito harmoniosa e muito delicada, amava com paixão a música; renunciou a ela, assim como à poesia que, segundo a sua própria expressão, tinha estimado mais que qualquer outra rapariga do seu tempo, e à qual voltará nos dias da sua velhice, encantando o claustro com a beleza e o ardor divino dos seus cânticos. Disse também adeus à dança, posto que apreciava como ninguém; e, por mais instâncias que lhe fizessem, não quis tornar a aparecer no baile que todos os dias se realizava nos salões da Embaixada de França e onde ela era a mais desejada.

Tais sacrifícios não se faziam, como é natural, sem que custassem muito a essa alma generosa, mas inclinada ao mundo. Às vezes, o som dos violinos chegava ao seu quarto e ela sentia acordar o seu entusiasmo pela dança. Mas então pegava num livro de piedade, onde estava expresso que a morte fazia dançar toda a gente na mesma cadência, e ela conservava os olhos fixos nessa imagem trágica, até que o temor da morte tivesse feito desaparecer o desejo que havia sentido de voltar às futilidades do mundo.

A oração acabou a obra que a leitura e a meditação tinham começado; uma oração, não só viva, fervorosa, contínua, mas tão familiar, tão íntima, que se poderia concluir que, mesmo no meio do mundo, no mais aceso dos deslumbramentos e do turbilhão, Maria Péronne não tinha perdido a inocência baptismal. É esse, com efeito, o

carácter das almas inocentes. Elas têm com Deus uma intimidade, uma familiaridade e, se assim se pode dizer, um à vontade de que as almas pecadoras, embora arrependidas, nem sequer suspeitam e de que quase nunca são capazes. Enquanto estas, conservando-se aos pés do Divino Salvador, os beijam e os banham com as suas lágrimas, como Santa Maria Madalena, aquelas, como S. João, descansam no seu peito e interrogam-no com uma liberdade que mete medo às outras.

Julgou-se, por momentos, que Maria Péronne ia sepultar-se nas Clarissas ou nas Carmelitas, refúgio nessa época de todas as almas heróicas; mas opôs-se a isso a fraqueza da sua saúde. Não sabendo já o que havia de ser, recorreu a Deus e disse-lhe, na sua simplicidade ordinária: *“Meu Deus, vós bem vedes os meus trabalhos e a minha fraqueza; permiti-me que vos diga que, por ocasião da próxima festa do Espírito Santo, me mostreis o lugar em que me devo consagrar ao vosso serviço. Se não o fizerdes, serei obrigada a entrar numa religião mitigada”*. Deus ouvia-a e não estava longe o dia em que, na própria semana do Pentecostes, encontrando pela primeira vez a Madre Chantal, ia sentir o seu coração inflamar-se, e o mistério da sua vocação desvendar-se a seus olhos.

Entretanto, S. Francisco de Sales adquiriu, em Annecy, quase nas margens do lago, uma casinha de aparência modesta, com um pátio dum lado e um pomar do outro, pagando uma parte do preço e ficando a pagar juros do resto. Nunca se viu o Santo mais feliz do que no dia em que assinou o contrato. *“Nunca estive mais contente do que agora, dizia ele; encontrei um cortiço para as minhas abelhas, ou antes, uma gaiola para as minhas pombinhas”*. No dia marcado para a entrada, S. Francisco de Sales, depois de ter convidado Santa Chantal e as suas duas primeiras companheiras, Maria Jaquelina Favre e Carlota de Bréchar, a jantar com seus irmãos, mandou-as entrar no seu gabinete de trabalho e, não podendo conter a sua comoção à vista dessas castas esposas de Jesus que já não respiravam senão o doce ar da solidão e ardiam no desejo de deixar tudo por Deus, excitou-as a fazerem o seu sacrifício com palavras dignas da santidade da sua bela alma e das altas virtudes daquelas a quem se dirigia. No momento em que entravam na primeira casa do Instituto, Ana Jaquelina Costa lançou-se-lhes aos pés, prometendo-lhes de joelhos toda a espécie de serviços e uma inteira fidelidade, na sua condição de Irmã Conversa. A casa estava cheia de senhoras, a maior parte delas suas parentes e amigas, que ambicionavam a felicidade de serem as últimas a abraçá-las.

A noite que se aproximava forçou toda a gente a retirar-se, e as três fervorosas noviças encontraram-se a sós com Deus. Uma grande paz enchia as suas almas. “*Eis, disse a Santa, o lugar das nossas delícias. Eis-nos enfim no repouso dos filhos de Deus*”. Puseram-se de joelhos, agradecendo ao timoneiro divino que as tinha conduzido ao porto depois de tantas tempestades, ouviram a leitura do regulamento que S. Francisco de Sales lhes tinha dado por escrito e, caindo nos braços umas das outras, juraram mutuamente uma eterna afeição. Jaquelina Favre e Carlota de Brécharde prometeram, além disso, a Santa Chantal, uma obediência filial. Elas acariciaram também a boa Ana Jaquelina Costa, escolhida por Deus para ser a primeira Irmã Conversa da Visitação. Depois retiraram-se todas para as suas celas e deixaram com alegria e para sempre os seus vestidos e o mundo. Carlota de Brécharde, a mais viva e entusiasta, tirando certos enfeites que as jovens usavam nesse tempo, pisou-os aos pés. Muitas vezes elas disseram mais tarde que nunca tinham tido um repouso tão doce e tão calmo como durante essa primeira noite do seu retiro. Só Santa Chantal é que não pôde dormir. Toda a noite o seu coração se derretia de amor, na adoração das vias admiráveis pelas quais Deus tinha feito que a empresa fosse coroada de feliz êxito. Por momentos, porém, esta paz foi perturbada por uma dúvida que atravessou o seu espírito. A empresa não era temerária? Não era tentar a Deus encarregar-se do governo da sua família religiosa? Onde iria buscar o necessário para alimentar e vestir as suas Irmãs? Mas a consideração da bondade e da misericórdia de Deus, em breve fizeram desaparecer essa perturbação. O hábito que tinham arranjado era a coisa mais desajeitada deste mundo. Pois as memórias do Instituto dizem que nunca as orgulhosas rainhas do Egipto se revestiram de melhor vontade com as suas galas do que estas humildes servas com a simplicidade dos seus pobres hábitos. Às 8 horas da manhã, S. Francisco de Sales foi dizer a Santa Missa e dar a Sagrada Comunhão às suas queridas Filhas, e à tarde voltou e fez-lhes deixar os nomes de senhora e menina, demasiado pomposos para as almas que tinham renunciado a tudo e demasiado frios para exprimir a ternura com que se deviam amar, substituindo-os pelos doces nomes de mãe e de irmã. Aprovou o hábito que tinham arranjado, mas não pôde deixar de sorrir ao ver a touca pouco elegante que tinham adoptado.

Entretanto, a Irmã Conversa Ana Jaquelina Costa não sabia como havia de preparar a refeição. Não encontrando provisões em casa e não tendo dinheiro para as

comprar, tinha ido logo de manhã procurar Santa Chantal para lhe expor o seu embaraço, e esta tinha-se contentado de sorrir e tinha-lhe dito: “*Minha filha, Deus providenciará.*”. Ouvindo isto, Ana Jaquelina sossegou e a princípio tinha esperado tranquilamente. Mas, sendo já mais de dez horas e não vendo chegar coisa alguma, foi ao jardim, apanhou algumas ervas, pediu emprestada a uma vizinha uma chávena de leite, misturou e pôs ao lume tudo a cozer. Foi essa a primeira refeição das novas reclusas. Sentavam-se à mesa, quando bateram à porta. Ana Jaquelina foi ver quem era. Era um criado do Presidente Favre que trazia, da sua parte, pão, vinho e carne. Esta caridade, que chegava tanto a propósito, deu muita alegria a todas as Irmãs e um pouco de arrependimento à boa Jaquelina que não se tinha confiado com bastante abandono à Providência Divina.

A 2 de Julho de 1610, dia da festa da Visitação, a Vésperas, as Irmãs cantaram pela primeira vez o ofício da Santíssima Virgem. Santa Chantal presidia. A Madre Favre era cantora-mor e corista do seu coro; a Madre de Brécharde corista do seu; e, como não eram ainda senão três, tinham convidado para as auxiliar com a sua voz, que era bela, M.lle de la Roche, filha do Governador do Castelo de Annecy, ainda muito mundana então, mas que, tocada pela graça, ia tornar-se brevemente uma das colunas da Ordem nascente. S. Francisco assistiu, desde o princípio até ao fim, a este ofício, de joelhos diante da balaustrada do coro, com os olhos marejados de lágrimas e o coração inundado de consolação.

Entretanto, a pobreza não diminuía. A primeira noite que Santa Chantal e as suas filhas passaram na sua casa, não havia nem pão, nem vinho, nem azeite, nem provisões de espécie alguma; o que uma boa alma admirava, considerando que, se tivesse acontecido alguma coisa durante a noite, elas não tinham sequer um coto de vela para acender. Seis meses depois, era a mesma nudez. “*Recordo-me, diz Santa Chantal, de que uma vez a nossa boa Irmã Conversa comprou um pouco de carvão por três tostões. Fomos todas três, como ordena a regra, com as nossas chaves abrir a caixa do dinheiro. Não encontramos lá senão precisamente esses três tostões; e, na verdade, não foi sem alegria*”.

Noutra ocasião., tinham-lhes dado por esmola um pequeno barril de vinho. Dele beberam, desde o dia 6 de Junho de 1610 até à vindima do ano de 1611, durante esses dias, tendo as Irmãs feito uma certa provisão de vinho, o barril secou a tal ponto que

Santa Chantal ficou admirada; e ela assegurava que, se não tivessem pensado em renovar a provisão de vinho, o barril nunca se teria esgotado.

Contudo, o fervor ainda era maior que a pobreza. Julgar-se-ia ler uma página de história encontrada nas catacumbas, vendo a descrição que Santa Chantal traçou desses tempos heróicos. *“É impossível, diz ela, poder contar as graças e os favores celestes que Nosso Senhor derramava nestas queridas almas. Por isso, via-se brilhar nesta comunidade um grande fervor, exactidão e obediência, um admirável recolhimento e espírito de oração, uma candura e uma inocência infantis, com uma suavidade e santa alegria e doçura nas suas conversas, e um tão grande amor de união entre elas, que era, na verdade, um paraíso de delícias estar lá dentro. Não se falava senão de Deus e dos meios de avançar no seu santo amor”*.

Nós fazíamos escrúpulo, dizia ela ainda, das menores observâncias. Aconteceu um dia que as nossas duas queridas Irmãs, passeando no pomar, encontraram algumas pêras caídas debaixo duma pereira. Quiseram saber se era tempo de as apanhar e cada uma delas pôs um bocado na boca sem o engolir. Elas entraram apesar disso em grandes escrúpulos, de sorte que o disseram ao nosso bem-aventurado pai que as obrigou a confessar essa falta e lhes ordenou que a dissessem à superiora, assim como tudo o que lhes acontecesse fazer contra a observância, por pequena e insignificante que lhes parecesse a matéria; e este grande Santo inspirou-nos um amor tão ardente pela maior exactidão e simplicidade que, à menor falta, tínhamos remorso de consciência e não podíamos suportá-lo no coração sem que imediatamente nos fôssemos lançar aos pés da superiora para nos acusarmos dela com grandes sentimentos de humildade. A Santa acrescenta: *“Nós estivemos seis semanas, nós as três com a boa Irmã Conversa, numa tão grande doçura de vida, que a nossa muito amada Irmã Jaquelina Favre dizia que, se não fosse a glória de Deus, teria querido que passássemos assim a nossa vida sem aumentar o nosso número”*. Não era possível. O perfume da virtude que saía da Congregação nascente era suave de mais para não atrair em breve a Annecy uma multidão de almas desejosas de se formar na virtude sob a direcção de S. Francisco de Sales e de Santa Joana de Chantal.

A 22 de Julho de 1610, seis semanas depois da fundação, receberam Claudia Francisca Roget. Era uma jovem de Annecy, muito virtuosa e muito estimada, que tomou o hábito com uma alegria toda inocente, mas que Deus não fez senão mostrar à

Congregação, porque morreu pouco tempo depois, ainda com mais alegria: “*A primeira das minhas filhas*, dizia S. Francisco de Sales, *que foi ver no Céu o que Deus prepara para as outras*”.

Quatro dias depois, a 26 de Julho, chegou a Maria Péronne de Châtel, de quem já falei e que devia deixar na Ordem uma tão profunda e tão piedosa lembrança de inocência, de serenidade e de santa alegria no santo serviço de Deus.

Foi seguida dois dias mais tarde por Maria Margarida Milletot, filha dum Conselheiro do Parlamento da Borgonha, e pouco depois de Maria Adriana Fichet, duma das melhores famílias de Saboia; esta última, que tinha sido baptizada por S. Francisco de Sales e quase educada por ele, tomou o hábito no quarto da Madre de Chantal, de joelhos, ao pé do fogão. A Santa, que estava doente, estava sentada ao pé do lume por lhe terem proibido os médicos que descesse à Igreja.

Claudia Maria Tholier, de Chambéry, apresentou-se no mês seguinte e foi recebida em oitavo lugar. A nona foi M.lle de la Roche, filha do Governador de Annecy. Era uma jovem de 48 anos, ainda bastante mundana, mas que o tinha sido mais nos anos anteriores, muito fervorosa, de bela estatura, cheia de espírito e de graça, dum génio muito alegre e intimamente ligada com Jaquelina Favre. Quando esta se converteu no meio dum baile, como já vimos, M.lle de la Roche, que não tinha recebido a mesma luz, começou a troçar da sua amiga e a repreendê-la de deixar o mundo e de se aplicar ao serviço de Deus. Quando Maria Jaquelina, retirada na Igreja, fechava os olhos e juntava as mãos para rezar com mais atenção, M.lle de la Roche arremedava-a imitando-a para se divertir. Por fim foi conquistada. À força de acompanhar Maria Jaquelina à Igreja, contraiu o gosto da oração, mas sem pensar, contudo, em entrar jamais no convento. Se ia lá, era por amizade para com a Ir. Favre, por veneração para com a Madre de Chantal e porque nas grandes solenidades mandavam-na buscar para sustentar com a sua bela voz o coro muito pouco numeroso, das religiosas. Posta assim em relação cada dia com S. Francisco de Sales e Santa Chantal, testemunho quotidiano das maravilhas que Deus operava nesses primeiros dias da Visitação, ela teve, pouco a pouco, a revelação dum mundo mais belo do que aquele que até então tinha conhecido e, aos 19 anos, arrancou-se à sua família e foi pedir aos Santos Fundadores o humilde véu das esposas de Jesus Cristo.

Ao chegar a casa do Santo Bispo, em 28 de Julho de 1611, encontrou lá M.lle Maria Amada de Blonay que ia também oferecer-se a Deus. Ambas, belas e puras como anjos, compreenderam-se sem palavras e, caindo nos braços uma da outra, começaram a abraçar-se com testemunhos duma amizade toda santa. S. Francisco de Sales, que as viu nessas demonstrações de estima sobrenatural sem que elas soubessem que as estava observando, chamou secretamente o pai de M.lle Maria Amada, o Sr. De Blonay, e disse-lhe: *“Vede, meu caro irmão como as nossas pombinhas se acariciam; espero que Deus receberá gostosamente a oferta delas e que as tornará a ambas extremamente frutuosas no pequeno pombal onde as vamos encerrar”*.

M.lle da la Roche tinha 19 anos e M.lle de Blonay, 18; ambas foram, com efeito, na Ordem nascente, duas das mais inocentes pombas e dos seus mais inabaláveis sustentáculos.

Muitas outras coisas, muitos outros episódios verdadeiramente interessantes e edificantes havia a referir acerca dos primeiros tempos do Instituto da Visitação, mas não é possível por agora alongarmo-nos mais sobre este assunto tão agradável como proveitoso. Basta o que fica dito para formarmos uma ideia do fervor, do bom espírito, das santas disposições, da generosidade, do núcleo inicial de almas chamadas por Deus para formarem os alicerces da nova Ordem destinada a edificar o mundo com exemplos admiráveis das mais belas virtudes religiosas e a dar à Igreja as mais peregrinas flores da santidade. Que a sua lembrança seja um estímulo para imitarmos essas almas no amor de Deus e no desejo ardente de perfeição e oferecermos a Deus, aos Anjos e aos homens um espectáculo semelhante àquele que ofereceu na sua época a primeira Betânia da Ordem da Visitação. Peçamos, ao Senhor, por intercessão de Sua Mãe Santíssima, e procuremos, quanto em nós couber, que a Casa de Nossa Senhora das Dores seja a cópia fiel, o retrato vivo, a reprodução exacta do Paraíso na terra, que foi a santa Casa de Annecy!

1.^a Meditação: O FIM DO HOMEM

(Natal de 1941)

O homem foi criado (para isso, para esse fim) para louvar, honrar e servir a Deus, Nosso Senhor, e por este meio (louvando-O, honrando-O e servindo-O) salvar a sua alma.

O homem, de todas as criaturas visíveis a única racional, etc; o homem, o mais nobre..., o homem, termo universal...

Foi criado. O homem... eu ainda, obra prima visível da onnipotência de Deus, cuja sabedoria infinita não pode tirar uma coisa do nada sem se propor um fim digno dessa mesma sabedoria; que não pode deixar de querer e de exigir que essa criatura que lhe pertence, que ele dotou de razão e de liberdade, tenda para o fim que lhe foi assinalado. Não, o meu Deus e meu Criador não pode mostrar-se indiferente a que eu tenda ou não para o meu fim, não pode ver com os mesmos olhos a minha obediência e a minha rebelião. Essa indiferença opõe-se directamente à sua sabedoria infinita e repugna a todos os seus atributos.

Para louvar, honrar e servir a Deus Nosso Senhor

Criador de todas as coisas, origem de todos os seres, nada pode existir sem Deus. Ele é, pois, o Senhor de tudo o que existe; tem, portanto, sobre todas as criaturas um domínio supremo, inacessível; um domínio que o homem não pode desconhecer sem crime e ao qual os seus esforços tão insurrectos como culpados, não o subtrairão. É para com este Deus e Senhor que o homem tem três deveres a cumprir:

1.º - Louvá-Lo. Tudo o que nos rodeia e tudo o que está em nós publica as suas perfeições inefáveis: poderíamos nós recusar-lhe os nossos louvores? *Caeli narrant gloriam Dei (Sl 18, 21). Domine, Dominus noster, quam admirabile... (Sl 8, 2).*

2.º- Honrá-Lo ou, textualmente, **reverenciá-Lo.** Culto interno e externo; lembrança da sua presença em todo o lugar.

3.º- Servi-Lo. Conservar-me numa dependência da Sua vontade em todas as coisas, em toda a parte e sempre; fazer as minhas acções da maneira que Ele deseja; é

nisso que consiste o serviço de Deus. Porque aquele que serve alguém não faz a sua própria vontade, mas a do Senhor a quem serve. Este dever compreende:

- 1- a observância dos mandamentos;
- 2- deveres de estado;
- 3- escolha do estado de vida;
- 4- regulamento de vida...

Servir a Deus é ainda prestar-Lhe bons officios... isto é, fazer o que Lhe é agradável... recompensa... apostolado...

O dever de louvar é o mais fácil; o de honrar ainda não é muito difícil; o terceiro encontra inúmeras dificuldades na nossa natureza viciada pelo pecado. O serviço de Deus é, sem dúvida, capaz de fazer por si mesmo a glória e a felicidade do homem, porque a vontade divina é sempre boa, sempre perfeita em si mesma e, para a criatura, sempre desejável. Todavia, cegueira do entendimento... malícia da vontade... em todas as suas acções, no uso de todas as suas faculdades, afecta uma liberdade desregrada e uma independência illusória. É esta a origem de todo o mal; como a fonte de todo o bem para o homem consiste em servir a Deus e em fazer a Sua vontade. *Beati immaculati in via...* (Sl 118,1) *Domine, quid me vis facere?* (Act 9, 6) *Doce me facere voluntatem tuam!* (Sl 142,1).

Esta obrigação de servir a Deus merece, pois, da nossa parte, mais séria atenção. Porque: em **primeiro lugar**, ela encontra em nós grandes obstáculos; em **segundo lugar**, o serviço que devemos a Deus é de todos os momentos e sem interrupção. Não podemos praticar unicamente actos de louvor e de respeito; esforços tão contínuos excedem a fraqueza da nossa natureza. Mas, sem cessar, podemos e devemos servir a Deus, isto é, cumprir a Sua vontade. O cumprimento deste dever essencial estende-se a todos os momentos da nossa vida, mesmo aos do nosso sono, mesmo aos da noite.

Nada mais justo no seu objecto do que o cumprimento deste tríplice dever, nada mais honroso para a criatura inteligente... Nada pode impedir-nos de o cumprir, nada pode impedir-nos de tender para o nosso fim, nada pode impedir-nos de o alcançar, nem mesmo o mundo e o inferno conjurados contra nós. Consideremos a bondade de Deus que nos prescreveu um fim cuja consecução depende de nós: consideração que deve ser para nós uma fonte de tranquilidade, de segurança e de paz, no meio das vicissitudes da

vida. *Amicus autem Dei esse si vovere, esse nunc fio.* (Santo Agostinho – CONFISSÕES)

Outra consideração facilita ainda a obrigação de tender para o meu fim. Deus não se assemelha aos homens, e, nas empresas que forma para a sua glória, não exige de mim êxito; não pede senão a boa vontade, e esta boa vontade, por um Dom da liberalidade divina, depende inteiramente de mim. *Et haec sufficit Deo...* (S. Agostinho - SERMÕES).

Finalmente, toda a dificuldade que pode haver na consecução do nosso fim deve aplanar-se e desaparecer, em presença da utilidade e da necessidade desse fim.

E por este meio (cumprindo estas três espécies de deveres), salvar a sua alma. Que é salvar a alma? De que importância não é para mim salvar a alma? Que poderei eu comparar com este bem incomparável? Que trabalho ou que sacrifício poderá parecer-me difícil, não deverá antes parecer-me fácil, leve, doce, para obter um tão grande bem? Um bem cuja perda arrasta necessariamente após si o maior de todos os males? Porque, enfim, se não salvasse a minha alma, perdê-la-ia infalivelmente. Ora, perder a minha alma é condenar-me para sempre. Não há meio termo; não posso deter-me entre o Céu e o Inferno; é-me impossível não me perder, se não quiser salvar-me. Portanto, suprema utilidade, suprema necessidade da minha salvação. Ora, este último fim, que é a felicidade do homem e que consiste em obter o supremo bem e em evitar o supremo mal, tem uma conexão necessária com tudo o que acabei de explicar. Tenho sido fiel em louvar, em honrar, em servir a Deus? É do cumprimento destes deveres que depende a salvação da minha alma; não é, ainda uma vez, senão cumprindo-os que posso realizar a minha salvação.

E nada, sem dúvida, faz sobressair com mais brilho a bondade e a generosidade do Criador do que ter unido inseparavelmente o louvor, o respeito, o serviço que lhe devo com a minha utilidade suprema, e a minha felicidade eterna.

Servir a Deus, condição prévia: salvar a minha alma, consequência necessária. Servir a Deus é o meu fim próximo; devo realizá-lo nesta vida; salvar a minha alma é o meu fim último; possuí-Lo-ei na outra.

Esperemos, não só que havemos de alcançar a nossa salvação da bondade divina, mas tenhamos uma confiança firme e inabalável. *Unum est necessarium* (Lc. 10, 42).

Todas as nossas acções devem referir-se a este verdadeiro e único fim do homem, aliás são absurdas.

Não estamos sobre a terra para ler, escrever, etc.; estamos também para isso, mas não absolutamente para isso. O serviço de Deus diz respeito a todos os instantes da vida. Mesmo ao da morte.

É ao serviço de Deus que eu pratico esta acção? Esta acção pode ser-me útil para a vida eterna? A resposta a estas perguntas dependerá das circunstâncias das pessoas. Todos devemos servir a Deus como homens e como cristãos. Mas há pessoas como vós que têm obrigações particulares a cumprir. Vós tendes essas obrigações como religiosas. Campo vasto, imenso aberto a considerações bem práticas.

2.^a Meditação: O FIM DAS CRIATURAS

O fim das criaturas.

E as outras coisas que estão sobre a face da terra foram criadas para o homem e para o ajudar na consecução do fim para o qual foi criado. Não só as criaturas propriamente ditas, como são os animais, as plantas, os frutos e tudo o que está sobre a terra, mas ainda tudo o que há e existe, seja de que (?)¹ for, fora de Deus: os acontecimentos, as vicissitudes humanas e tudo o que os homens têm na conta de bens e de males.

Os males não estavam na primeira intenção do Criador, mas, depois da queda original, entram na nova ordem da Providência e podem chamar-se objectos criados ou criaturas. Tudo o que Deus criou é bom, mas é, por sua natureza de objecto finito, misturado com imperfeições e defeitos de que ele quer ou permite as concupiscências.

Foram criados para o homem...

1º - O homem na criação do mundo visível, é o fim do Criador. Deus criou tudo antes do homem.

Preparou para o homem uma morada; mobilou opulentamente e adornou com magnificência pare ele um rico palácio; depois fez o homem, a cujas ordens e serviço destinou e submeteu todas as criaturas.

2º - O homem para Deus, as criaturas para o homem.

Tirai o homem, fazei desaparecer do meio das criaturas a única que é ao mesmo tempo corporal e racional, e já não haverá para o mundo visível, para o ser privado de movimento como para o ser privado de razão, fim possível digno da sabedoria do Criador.

3º –_Portanto, as criaturas para o homem e não o homem para elas.

O homem é o senhor e não o escravo delas: deve dar-lhes ordens e não obedecer-lhes. Provera a Deus que as afeições do homem, de acordo com a natureza, o não provassem nunca dessa nobre prerrogativa de preeminência sobre os objectos criados!

4.º – Para o servir, para o servir nas suas necessidades, para sua utilidade e até para o seu prazer, mas também para a sua ocupação.

¹ Palavra imperceptível.

O homem tem necessidade de trabalho... Mesmo no estado de inocência trabalhava. Na ordem actual das coisas, as criaturas muitas vezes se revoltam contra o homem culpado. Fornecem-lhe assim a ocasião de praticar a virtude...

Ora, o homem, no uso das criaturas, pode e deve corresponder de três maneiras ao fim que o Criador lhe propôs e que Ele se propôs a Si mesmo, tirando-o do nada.

A **primeira** maneira é a *contemplação*: elevando-se pela consideração das criaturas ao conhecimento do Criador; ao conhecimento dessa sabedoria incriada, desse poder infinito, dessa bondade sem limites, dessa beleza sem imperfeições, etc. É o pensamento do Apóstolo.

A **segunda** maneira é o uso. A regra deste uso é a necessidade, a utilidade, uma recreação honesta, o convívio conveniente das faculdades da alma e do corpo. Acrescente-se o exercício da paciência, se se trata de suportar coisas penosas à natureza: frio, calor, moscas, mosquitos, pulgas, percevejos.

A **terceira** maneira é a *privação*, abstendo-nos do uso dos bens deleitáveis, pela virtude da temperança e da mortificação.

Destas três maneiras de nos ajudarem, das criaturas, para alcançarmos o nosso fim, a primeira é, sem contestação, a mais nobre; a segunda é (?)² ; a terceira, cuja aplicação no estado de inocência era tão fácil e a não consideração senão a proibição do Criador, reduziu-se a tão pouca coisa, tornou-se no estado da natureza decaída, duma necessidade extrema, e deveria ser, já não digo frequente, mas quase contínua; de sorte que, se, na prática, parecêssemos desconhecer esta terceira maneira de fazermos servir as criaturas ao nosso fim, faltaríamos infalivelmente à fidelidade e à moderação na segunda, e tornar-nos-íamos absolutamente incapazes da primeira. Porque, se no uso das criaturas, o homem não é constantemente senhor de si mesmo; se não recusa à vontade própria e à inclinação natural uma parte das suas exigências, é fora de dúvida que excederá os limites da temperança e que, longe de se elevar até ao Criador pela consideração e pelo uso das criaturas, ficará apegado à matéria que se mudará para ele em lodo, no qual se enterrará todos os dias cada vez mais.

Finalmente, o efeito principal que deve produzir em nós a contemplação das criaturas é elevar-nos, pela contemplação dos bens e dos males visíveis, ao pensamento

² Palavra imperceptível.

dos bens e dos males invisíveis; fazer-nos olhar os objectos visíveis como uma figura dos objectos invisíveis, e as coisas presentes como uma figura das coisas futuras.

É assim que tudo o que existe sobre a terra deve ser, entre as mãos do homem, um instrumento com o auxílio do qual ele se esforce por tender sem cessar para o fim para que Deus o criou.

O bom uso das criaturas.

Donde, se segue que o homem deve fazer uso delas na medida em que elas o ajudam para conseguir o seu fim, e deve desprender-se delas sempre que constituam um obstáculo à consecução do seu fim. (S. Luísa de Marillac e S. Vicente de Paulo)

Na verdade, se todas as criaturas, sem excepção, foram criadas para o homem e para o auxiliar na consecução do seu fim, é evidente que o motivo que pode levar-me a usar delas ou a abster-nos delas deve encontrar-se na resposta a esta pergunta: são-me elas úteis para o meu fim? Por consequência, se eu notar que algumas em particular me são verdadeiramente úteis, devo servir-me delas, tanto quanto me são úteis, nem mais nem menos; se eu notar, pelo contrário, que algumas me são prejudiciais, devo abster-me delas, devo repeli-las, devo desprender-me delas tanto quanto me são prejudiciais, nem mais nem menos. A razão é porque é essa a natureza dos objectos a que chamamos meios ou instrumentos; não devemos considerar neles senão uma única coisa; se eles são, e até que ponto, meios ou instrumentos próprios para o fim que nos propomos ao empregá-los. Se não têm essa aptidão, já não são meios, já não são instrumentos, e muito menos ainda o seriam se fossem positivamente contrários ao nosso fim. Devemos sempre encarar como fim o que é fim e como meio o que é meio, e só como meio. Não devemos desejar nem empregar os meios senão em relação ao fim.

Se examinarmos à luz viva deste princípio todas as acções, se as examinarmos seriamente, é impossível que não descubramos uma verdadeira desordem em toda a nossa conduta. O homem considera tão raramente e recorda-se tão pouco desse fim único de todas as criaturas! Ele interroga, ele consulta, antes de mais nada, as suas repugnâncias e os seus gostos. Daí, o desregramento, daí, as imperfeições, daí, os pecados. Porque, enfim, que esse objecto lisonjeie os meus sentidos ou que lhes repugne, não é de modo nenhum uma razão de o abraçar ou de o repelir. O que me

agrada pode muito bem ser, e será muitas vezes, um obstáculo ao meu fim; e o que me desagrada pode bem ser, e será muitas vezes, útil, às vezes até a única coisa útil ao meu fim. Mas, não, nós não abraçamos senão raras vezes o que repugna aos nossos sentidos; as mais das vezes evitamo-lo, temos-lhe horror; desejamos, pelo contrário, procuramos com ânsia, abraçamos com paixão o que lhes é agradável, utilizamo-lo, gozamo-lo mesmo sem ordem como sem medida: não procuramos noutra parte a fonte de todo o mal.

A alma consagrada, a alma interior deve desarreigar tudo o que nela é um obstáculo à perfeição. As palavras, tanto quanto na medida em que, nem mais nem menos, são a expressão da mais alta perfeição, perfeição verdadeiramente digna do homem, a única que a razão exige do homem porque é homem e, mais ainda, da alma consagrada. À luz deste princípio, quem é que não começará finalmente a descobrir o que lhe falta, tudo o que lhe falta?

Conclusão prática ou meio.

Por isso é necessário tornarmo-nos indiferentes a todos os objectos criados, em tudo o que é deixado à nossa liberdade e não lhe é proibido, de sorte que, da nossa parte, não queiramos mais a saúde que a doença, as riquezas que a pobreza, a honra que o desprezo, uma longa vida que uma vida curta e assim quanto a tudo o mais; desejando e escolhendo unicamente o que nos conduz ao fim para que fomos criados.

É por isso que, isto é, para chegarmos a fazer um uso tão perfeitamente regulado das criaturas, é necessário mostrarmo-nos, tornarmo-nos, fazermos-nos indiferentes para todas as coisas criadas. É esta uma disposição da alma, sem a qual nos seria absolutamente impossível observar a regra que nos recomenda que usemos ou nos privemos do uso das criaturas, na medida em que elas são um meio ou um obstáculo ao nosso fim, nem mais nem menos. Nada pode ser mais justo em si mesmo, mais vantajoso para a nossa salvação, mais conforme com a nossa salvação do que mostrarmo-nos inteiramente indiferentes para com todas as criaturas. (Não é faltar à caridade ou delicadeza para com as pessoas).

Em tudo o que é deixado à nossa liberdade e não lhe é proibido. No desprendimento de todas as coisas, podemos e devemos ter mais zelo pelas coisas do próprio uso e pelas que estão na casa. (S. Luísa de Marillac)

Há objectos que devemos evitar, há objectos que a lei divina, o nosso corpo, a justiça, a caridade nos obrigam a conservar e aos quais somos obrigados a dispensar os nossos cuidados. É um dever rigoroso querer o que Deus quer e manda, não querer o que ele não quer e proíbe. De sorte que, da nossa parte, não preferimos a saúde à doença, as riquezas à pobreza, a honra ao desprezo, uma longa vida a uma vida curta.

Não preferimos... Trata-se aqui duma disposição da alma, duma determinação livre da vontade. S. Inácio podia usar da expressão: “*Não procuremos antes...*” Assim podia ser, falando da pobreza e das riquezas, e mesmo da honra e da ignomínia, que, considerados em si mesmos, são objectos indiferentes. Mas a saúde e a doença, a longa duração e a brevidade da vida são doutra ordem. A conservação da saúde e da vida não está abandonada ao nosso livre arbítrio; ela cai sob um preceito formal e não nos é de modo nenhum permitido procurar a doença ou abreviar a duração da vida. Nestas coisas, nada melhor do que abandonarmo-nos a Deus com confiança e com uma indiferença plena e inteira de espírito e de coração. Há ainda muitas outras coisas, relativamente às quais devemos ser indiferentes: os talentos e os dons da natureza, os dons sobrenaturais, as consolações e as securas interiores, a condição, a classe que se ocupa no mundo (ou na vida religiosa), a habitação, o emprego, as ocupações desse emprego, as pessoas com quem se é obrigado a viver, o seu carácter, o seu procedimento, enfim todos os acontecimentos, felizes ou infelizes, e não só no que nos diz respeito, mas ainda no que se refere ao próximo, ao seu futuro, os mundanos nos seus negócios, a sua própria vida, numa palavra, todos os seus negócios particulares ou públicos, desejando e acolhendo unicamente o que nos conduz com mais segurança ao fim para que fomos criados.

A escolha é mais restrita que o desejo. Em muitas coisas, como sucede todos os dias, podemos ou devemos escolher, noutras só temos a liberdade do desejar.

Quem é que não compreende agora a extensão imensa da aplicação desta doutrina, a perfeição da sua prática?

E como sucede ordinariamente que os objectos que nos agradam naturalmente nos conduzem com menos segurança ao nosso fim, e que aqueles que nos desagradam

nos conduzem a ele com mais segurança, com que abundância de luz este único princípio nos mostra a necessidade da abnegação e da mortificação, que habituam a nossa vontade, mesmo mau grado seu, a abster-se, por amor da virtude, do que ela deseja, e a abraçar aquilo que lhe repugna, a renunciar? É só pela mortificação ou, sobretudo, pela mortificação que nos podemos tornar indiferentes e mostrarmo-nos indiferentes. Mas, por mais evidentes que sejam os princípios que devem servir de regra de conduta a todos o homem racional, é tal a fraqueza da vontade humana que jamais poderá conformar-se com eles na prática, sem o auxílio da graça. Peçamos ao Senhor a graça de compreender o que devemos fazer e a força de praticar o que tivermos compreendido.

3.^a Meditação: JUÍZO UNIVERSAL

1º Prelúdio: Josafat e a vinda de Jesus.

2º Prelúdio: temor do Juiz.

1º Ponto: Sinais precursores.

Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas, e sobre a terra os povos estarão na consternação. Os homens mirrar-se-ão de terror na expectativa dos males com que o mundo será ameaçado (S. Lucas): **1º** Na natureza física, **2º** A perseguição, **3º** O fogo, **4º** A voz do Arcanjo, **5º** Ressurreição, **6º** Reunião dos bons e maus, **7º** Separação, **8º** Aparecimento do Filho do Homem, **9º** Lágrimas e gemidos, clamores. Compenetrar-me destas verdades.

2º Ponto: Exame.

Principais pontos:

A manifestação das consciências. **1º** Os livros foram abertos: o livro geral e o livro especial, isto é, a sabedoria divina e a consciência de cada homem. Neles estão inscritos todos os pecados. **2º** Deveres de estado. **3º** Prestação de contas.

As exprobrações multiplicadas: **1º** dos Anjos bons, **2º** dos demónios, **3º** dos nossos santos protectores, superiores, etc. **4º** da consciência, **5º** de Nosso Senhor.

As comparações mais capazes de nos confundir. **1ª** com os infiéis, **2ª** com os pecadores, **3ª** com tantas pessoas boas, **4ª** com os do meu estado que se santificaram nas mesmas circunstâncias e com os mesmos meios, **5ª** com os que receberam menos graças, ou as mesmas, mas fizeram menos mal ou maior bem, **6ª** talvez com grandes santos cujo princípio de santidade foi a fidelidade às primeiras graças que me foram igualmente oferecidas e às quais eu resisti. Que poderei responder? Como suportar os olhares e as exprobrações de Jesus, meu Juiz, eu que tremo à vista duma pessoa irritada?

3.º Ponto: A sentença: maus e bons.

1ª sentença irrevogável, dupla: o louvor e a consolação dos justos, a confusão e o desespero dos maus; a prova retumbante da bondade e da justiça de Deus, a manifestação da sua Providência. **2º** As duas sentenças serão públicas e motivadas. E todos exclamarão: Vós sois justo, Senhor, e o vosso juízo é recto. **3º** Execução da sentença. É assim que cada um receberá o que é devido às acções boas ou más que tiver feito enquanto estava revestido do seu corpo (2ºCor).

Fruto: Dum lado, esperança e fervor; do outro, temor e tremor. Serei necessariamente do número dos primeiros ou dos segundos... mas do número de quais serei? Deus o sabe.

Colóquio: Ao meu Juiz, segundo os sentimentos de que estava penetrado: Justo Juiz... Deus vingador,... concedei-me o perdão dos meus pecados antes do dia das contas terríveis.

4.^a Meditação: O JUÍZO PARTICULAR

Não menos decisivo e mais próximo que o juízo universal.

1º Prelúdio: considerar-me como um culpado.

2º Prelúdio: pedir um temor salutar do juízo.

Primeiro ponto: *Considerar as pessoas presentes ao juízo.*

Primeiro, *a pessoa do Juiz*. Os seus atributos tornam-no imensamente terrível para o pecador: sábio, justo e incorruptível, infalível e imutável, não revoga as suas sentenças; Juiz supremo, as suas decisões são sem apelo; onnipotente, ninguém pode resistir à sua vontade; imenso, ninguém poderia evitar a sua presença.

Enquanto há tempo, quero aplacar o meu Juiz, torná-lo favorável.

Segundo, *a pessoa do culpado*. Sou eu e não outro em meu lugar; cheio de terror, coberto de compunção, abandonado de todos, só com as minhas obras boas e más; eu a tremer e a gemer como um culpado. Como os meus juízos e as minhas afeições serão então diferentes, relativamente a tudo o que passa e ao que é eterno!

Os acusadores:

O Demónio fará a enumeração de todos os pecados de omissão... de acção...dos que não impedi... daqueles de que fui ocasião...

O meu Anjo da Guarda me exprobrará os seus conselhos desprezados, as suas inspirações repelidas, os seus olhares manchados pelas minhas iniquidades...

Os Anjos da Guarda dos meus irmãos me exprobrarão os meus escândalos.

Não deis ao Demónio causa para vos acusar.

Testemunhas irrecusáveis:

As criaturas de que abusei, a sabedoria divina, a minha própria consciência. Forçar-me-ão a reconhecer as minhas obras de trevas.

Quero ouvir agora a voz da minha consciência para que não se levante então contra mim.

Segundo ponto. *Considerarei o exame que se realizará neste juízo.*

Será exacto, Tudo será pesado, nada omitido, nem mesmo uma palavra ociosa. Ser-me-ão pedidas contas da minha despesa e da minha receita, de todos os dons que recebi, dos talentos que me foram confiados; de tantas ocasiões de fazer o bem que me foram oferecidas, de tantas inspirações boas que me vieram do Alto, enfim, de todos os

meus pensamentos, palavras, acções e omissões. Este exame será rigoroso. Todas as minhas obras, e cada uma delas em particular, serão examinadas com rigor; todas serão postas na balança da justiça divina. Ser-me-ão pedidas contas não só da substância das minhas obras, mas das circunstâncias... da intenção.

Quantas obras em que eu punha a minha confiança serão então reprovadas como moeda falsa! Quantos pecados que eu ignorava por negligência culpável, sairão das pregas da minha consciência e se levantarão contra mim! Quantas faltas, que o arrebatamento e a dissipação me faziam olhar como leves, parecerão graves! Quantas, talvez, que eu julgava apagadas, atestarão que existem ainda inteiras quanto à pena!

Terceiro Ponto. *Considerarei a sentença...*

As duas sentenças: uma desejável, outra temível. Compará-las com os seus motivos. Meditar os (?)³, que se verificam no momento da morte.

Qual me caberá? Não sei, mas será o que eu quiser. Mas é só agora que posso escolher. Depois, não.

Merecer a sentença da condenação é fácil. A via é larga. É deixar-se arrastar pela natureza.

Para merecer a sentença favorável, são necessários o trabalho, a luta. Faz, em 1º lugar, frutos dignos de penitência; em 2º, esforça-te por entrares pela porta estreita e caminha com o pequeno número na santidade e na justiça cristã, em todos os dias da tua vida.

Colóquio: ao meu Juiz, ou antes, ao meu Salvador. Recordai-vos, ó bom Jesus, de que foi por minha causa que viestes à terra e não me deixeis perder nesse grande dia!... Procurando-me, sentastes-vos exausto de fadiga; resgatastes-me sofrendo a morte na cruz; que tantos trabalhos não sejam perdidos!...

*Recordare, Iesu pie,
Quod sum causa tuae viae
Ne me perdas illa die
Quaesus me, sedisti lassus
Redemisti crucem passus
Tantus labor non sit cassus*

³ Frase imperceptível.

5.^a Meditação: A MORTE

Que decide ao mesmo tempo do juízo particular, do juízo universal e da eternidade.

1º Prelúdio: leito de morte e circunstâncias.

2º Prelúdio.: pedir a graça de ser impressionado com o pensamento da morte – emendar-me – merecer uma boa morte.

Primeiro ponto: Que é morrer? Ouvi dizer – testemunha – não compreendi talvez.

Morrer quer dizer três coisas: **1º** desprendimento absoluto, universal e eterno de todas as coisas. **2º** dissolução do corpo... **3º** a passagem da alma... Que será ela para mim? É um mistério.

Eis o que meditarei sem temor, o que considerarei com tremor, o que olharei como devendo acontecer-me com certeza a mim e a todos os homens. Eis, sobretudo, o que me esforçarei por executar espiritualmente em mim, para poder dizer com S. Paulo: *“Eu morro, cada dia, para tudo e para mim mesmo”*.

Segundo ponto: Certeza da morte.

A morte é certa? Sim, nada mais certo. **1º-** A fé no-lo ensina. **2º-** A razão convence-me disso: todo o composto de elementos contrários deve dissolver-se É uma lei geral da natureza: o que recebeu a existência por via de geração está sujeito à corrupção... **3º-** A experiência confirma-o... de todos os séculos... de todos os dias, *sed ipsi in nobis ipsis responsum mortis habuimus* (2Cor. 1, 9), e esta fraqueza natural que sentimos e trazemos connosco, adverte-nos de que contraímos, ao nascer, a obrigação de morrer.

A necessidade, ou a certeza da morte, não me é evidente? Porquê, pois, proceder, como se devesse sempre viver, como se não devesse nunca morrer? É tempo de ser coerente. Quero, conduto, conforme com a crença, despojar-me de toda a afeição às criaturas e a mim mesmo; poder repetir com verdade estas palavras de S. Paulo: *Quotidie morior*.

Terceiro ponto: Incerteza das circunstâncias da morte.

Quando?... Onde?... Como?... Em que estado?

Conclusão: O dia, a hora me estão escondidos, para que eu esteja preparado todos os dias, a toda a hora. Jesus Cristo não diz: preparai-vos, mas estai preparados. Pois bem: estou eu preparado? E, se não o estou hoje, como o estarei amanhã. Amanhã é um dia incerto e eu ignoro se existirei amanhã.

Quarto ponto: A morte é um tribunal sem apelo. Quantas vezes morrerei? Uma só vez. Se morrer bem dessa vez, tudo está ganho; se morrer mal, dessa vez, tudo está perdido, sem remédio. (*Ecl.* 11, 3) O momento da morte é um momento decisivo de que depende a eternidade feliz ou infeliz. Salvar-se ou perder-se uma vez, é salvar-se ou perder-se para sempre! Se eu pudesse morrer mais vezes, duas pelo menos, poderia, da segunda vez, morrer melhor que da primeira, poderia arrepender-me de ter morrido em estado de pecado. Mas como é absolutamente certo que não morrerei senão uma vez, não se deve descurar nada para bem morrer dessa vez.

Conclusão:

1º ponto: Viver bem... segundo o meu estado; a morte é o eco da vida. Pedir muitas vezes, e com insistência, a graça de uma boa morte, por intercessão de Nossa Senhora, recitando a *Avé Maria*. Pensar muitas vezes na morte como próxima, como podendo surpreender-me a cada instante. Examinar frequentemente se eu queria morrer no estado em que estou.

Finalmente, fazer durante a vida o que, à hora da morte, queria ter feito.

Colóquio: A Jesus Cristo moribundo na Cruz. É tão terrível cair nas mãos de Deus vivo, como é consolador cair nas mãos dum Deus que morre, e que morre por mim.

Nota: Compreende-se toda a força que a meditação da morte adquire quando vem depois das outras grandes verdades. Porque sabemos que é preciso morrer e resignarmo-nos a isso; a morte é uma lei comum, importa cumpri-la. O homem desprovido de bens da fortuna teme menos a morte; o homem que sofre deseja-a; o ímpio confessa que o tempo é breve e daí conclui que deve apressar-se a gozar dos bens presentes. Mas, se é verdade que depois da morte, que pode apresentar-se a qualquer hora, há um juízo, um inferno, uma eternidade... tudo muda de aspecto. É então que a morte se torna para mim esse momento de que fala o Apóstolo, esse abrir e fechar de olhos que decide da minha sorte eterna, a porta do Céu ou do Inferno.

Algumas circunstâncias que se seguem imediatamente à morte. Eu solto o último suspiro; eis-me pálido, imóvel, insensível. Torno-me objecto de horror para os que me rodeiam. Confiam-me a mãos estranhas. Considera-se um dever de piedade a pressa que se mostra em que eu seja conduzido à minha última morada. Que é pois a saúde? Que são as amizades? Que são os gozos dos sentidos? Tudo, absolutamente tudo, é vaidade.

Conclusões: Combater o amor desregrado das pessoas sensuais; praticar a mortificação cristã.

2º ponto: No dia seguinte ao da morte.

À hora marcada, o cortejo fúnebre acompanha-me à Igreja. Algumas pessoas choram. Mas há mais aparência que realidade no pesar que se manifesta. Os sacerdotes rezam as orações da Igreja. Pedem para a alma o repouso eterno. Mas antes do dia da luz e do repouso, é preciso passar pela noite da expiação e dos sofrimentos. À beira da sepultura repete-se uma última oração. Depois, essa sepultura fecha-se para não se abrir senão no grande dia que encerrará o templo e abrirá a eternidade.

Que levarei eu para a cova? Apenas uma mortalha. Por isso **1º** desprendimento dos bens do mundo, **2º** amor da pobreza.

3º ponto: Algum tempo depois da morte.

As criaturas conservam apenas uma fraca lembrança de mim. Depois esquecem-me de todo. Habitaram-se a passar sem mim. Fui substituída nos lugares que ocupava, nos empregos que exercia. Mas isto é apenas uma das faces do quadro e a mais suportável; a outra está escondida aos olhos dos vivos. Abri o sepulcro. Que vedes? Horrendo espectáculo! A minha sepultura não contém senão membros que se desagregam, senão carnes em putrefacção e cheias de vermes, senão ossos a nadar em corrupção. Eis o que resta dum corpo ao qual eu sacrifiquei muitas vezes os interesses da minha alma! Um não sei quê que já não tem nome em nenhuma língua e em que se não pode ocupar por mais tempo o pensamento sem horror.

Colóquio: Pedir a Deus que se digne, com a sua graça, desprender o meu coração do amor das coisas visíveis e levá-lo inteiramente para as invisíveis. Porque aqueles que seguem o atractivo dos seus sentidos, como diz a *Imitação de Cristo*, mancham a alma e perdem a graça de Deus.

6.^a Meditação: O PECADO VENIAL

1º Prelúdio. Representar-me-ei um homem ainda vivo, é verdade, mas coberto dum grande número de leves ferimentos, enfraquecido pelas doenças e carregado de cadeias.

2º Prelúdio. Pedir a Deus a graça de conhecer a malícia do pecado venial e de o detestar.

Primeiro ponto Natureza do pecado venial.

I - O pecado venial é um desregramento voluntário de pensamento, de palavra ou de acção, contrário à lei de Deus; desregramento, contudo, que não chega até ao ponto de dar a morte à alma e de a tornar digna da condenação eterna. Mas tem, aliás, a verdadeira natureza do pecado: é essencialmente pecado ou ofensa da Majestade divina.

II – O pecado venial é chamado leve em comparação com o pecado mortal que é, com efeito, muito mais grave. Mas, absolutamente falando e tomado em si, é um mal leve, porque, depois do pecado, é, no juízo de Deus e na realidade, o maior de todos os males. Mal moral, duma ordem superior a todos os males da natureza, verdadeiro mal da criatura racional que ele vicia e corrompe.

III – Digamos mais: pois que o pecado venial é uma ofensa a Deus, é o mal de Deus... mal incomparavelmente maior que a desolação de todos os povos, que a destruição de todos os Estados, que o aniquilamento do céu e da terra, que a desgraça eterna de todos os homens e de todos os anjos, que não seria lícito impedir, diz Santo Anselmo, com a mais leve ofensa.

Eis as verdades que a fé e a recta razão me ensinam: conformei-me até hoje com elas, na prática? Qual será a minha conduta no futuro? Continuarei a cometer o pecado venial com a mesma facilidade funesta e a considerá-lo como um mal leve?

Segundo ponto: Os efeitos do pecado venial.

O *primeiro* efeito do pecado venial, aquilo que ele produz mais directamente, é a mancha da alma. Não destrói nela a graça santificante, mas imprime-lhe uma nódoa que embacia a sua beleza; é para a alma o que uma úlcera é para o corpo. Não cremos, diz S. Agostinho, que esses pecados dêem a morte à alma; todavia cobrem-na duma lepra que a torna inteiramente disforme e não lhe permite receber senão muito dificilmente ou com uma grande confusão, os abraços do seu celeste Esposo.

O *segundo* efeito do pecado venial é tornar as nossas obras menos agradáveis a Deus, porque as vicia no seu princípio e em si mesmas. No seu princípio que é o coração do homem. O pecado venial, sobretudo quando é cometido com mais deliberação, não imprime apenas uma mancha no coração; depõe nele, além disso, um germe vicioso. Vede um coração completamente desprendido das criaturas: ele propõe nas suas acções motivos sobrenaturais; as suas intenções são rectas, as suas afeições, nobres, generosas. Cumpre sem dificuldade o preceito Apóstolo: “*Não procureis senão as coisas do Céu; não tenhais gosto senão pelas coisas do Céu*”! Vede, pelo contrário, um coração que comete facilmente o pecado venial; pouco a pouco, os seus caminhos tornam-se menos direitos, as suas intenções menos simples, os seus sentimentos menos elevados, as suas afeições menos puras, mais comuns e todas frouxas. Nas suas acções e nas suas atitudes, já não se propõe, de ordinário, senão motivos humanos e terrenos; e, se às vezes ainda é movida por motivos sobrenaturais, esses motivos não actuam senão fracamente. Daí essa queixa do autor da *Imitação*: “*Nós não consideramos a baixeza das nossas afeições e não deploramos tudo o que há em nós de impuro*”. Em si mesmas: por exemplo, quando rezamos com tibieza, quando rezamos o Ofício com distracção voluntária, quando ouvimos a Santa Missa com falta de devoção, quando comungamos sem recolhimento interior, quando trabalhamos descontentamente, quando obedecemos com repugnâncias que não combatemos, com murmurações... Quem não reconhece que tais acções são cheias de defeitos? Quando as nossas afeições interiores estão corrompidas, corrompem-se necessariamente as nossas acções e descobrem assim toda a fraqueza da nossa alma. Os frutos duma vida boa não crescem senão num coração puro.

Mas, se o pecado venial torna as nossas boas obras menos agradáveis aos olhos de Deus, torna-as, por consequência, menos dignas de recompensa; priva, pois, a alma que o comete de muitos graus de graça e de glória que teria adquirido com a sua fidelidade e que perde por sua culpa. Assim, um Deus eternamente menos conhecido, eternamente menos amado, eternamente menos glorificado: eis as consequências dum pecado venial; eis os prejuízos que ele causa; praza a Deus que conheçamos também o perigo que ele constitui

O *terceiro* e o mais perigoso efeito do pecado venial, sobretudo quando é cometido com mais conhecimento e deliberação, é que ele dispõe e conduz ao pecado

mortal. **1º** Pela ligação que há entre um e outro, e pelo hábito do pecado que ele produz. Porque, cometendo muitas vezes faltas leves, o homem acostuma-se a agir contra as luzes da razão, a não se preocupar com a indecência e a deformidade de uma acção má, a sufocar os remorsos da sua consciência, a recear menos ofender a Deus, até que perde, pouco a pouco, o horror do pecado mortal. A inclinação para o mal é sempre rápida; é difícil determo-nos no declive de uma montanha escarpada; corremos o risco de não pararmos senão no fundo do abismo. **2º** Pela diminuição, ou mesmo pela privação das graças especiais que sustentavam essa alma e a preservavam dos grande pecados. Com efeito, o pecado venial faz arrefecer necessariamente o fervor da caridade; obscurece a luz interior, priva a alma da força, da alegria, da unção do Espírito Santo; tira o gosto das coisas celestes e apega às criaturas; aumenta os ardores da concupiscência; dá mais império ao Demónio sobre a nossa alma, porque ele se esforça com mais empenho por nos tentar, e porque Deus permite, em castigo dos nossos pecados, que ele nos ataque com mais violência. **3º** É a doutrina de S. Crisóstomo e dos Santos Padres: *“Aquele que despreza as coisas pequenas cairá, pouco a pouco e como que por degraus, no precipício”*. (Ecl 19, 1); é a advertência do Espírito Santo: *“Aquele que é infiel nas pequenas coisas sê-lo-á também nas grandes”* (Lc 16, 10); é a própria palavra do Salvador. Evitemos, pois, os menores pecados, diz S. João Crisóstomo, porque são a ponte dos maiores; porque aquele que se habitua a dizer de cada pecado: *“A minha salvação não está em perigo por causa dele”*, cairá insensivelmente nos maiores males. Se descuramos corrigir-nos das faltas leves, diz S. Jerónimo, seremos arrastados, pouco a pouco, a cometer sem corar as maiores. As palavras de S. Agostinho não são, nem menos formais nem menos notáveis: *“Não desprezeis os pecados veniais, pela razão de que são leves; mas antes temei-os, porque são em grande número: pois as faltas veniais multiplicadas, quando não se faz nenhum caso delas, conduzem à morte”*.

Razões tão fortes, autoridades tão importantes, fazem-me compreender o perigo do pecado venial.

Terceiro ponto: Cortejos do pecado venial.

É certo que Deus não pode deixar, sem faltar à sua santidade e à sua justiça, de punir o pecado venial, mesmo o mais leve, a não ser que o próprio pecado o castigue com penas voluntárias, ou voluntariamente aceites, e suportadas com paciência como vindas da mão de Deus.

Deus pune muitas vezes nesta vida o pecado venial com castigos rigorosos, como provam vários exemplos tirados da Sagrada Escritura. Assim, a mulher de Lot, os Betsamitas, Oza, David, Ananias e Safira.

Mas é sobretudo na outra vida, e no Purgatório, que Deus pune o pecado venial segundo o rigor da sua justiça. Desçamos a essa prisão tenebrosa e vejamos o que essas almas aí sofrem: 1º a privação de Deus, mal maior, por sua natureza, que todos os males temporais deste mundo, segundo S. Tomás. Para o conceber, seria necessário compreender o próprio Deus e a veemência do desejo com que uma alma, desprendida dos laços do corpo, é impelida a possuí-lo; porque é o supremo bem, o bem infinito, o bem para o qual foi criada, bem que é a sua plenitude e cuja posse lhe é justamente diferida.

A pena do fogo, e dum fogo que é o mesmo que o do Inferno, segundo S. Tomás: É nas mesmas chamas, diz ele, que o justo é purificado no Purgatório e que o réprobo é atormentado no Inferno. S. Cirilo de Jerusalém diz igualmente que a pena do sentido é igual no Purgatório e no Inferno, excepto quanto à duração.

Ora, nós estamos certos de que Deus não castiga por paixão, que não exerce vingança que a sua justiça não rejeite e que a sua misericórdia não mitigue...

Acrescentemos que aqueles que assim castiga são os seus amigos, os seus eleitos, os seus filhos e herdeiros do seu reino... Enfim, essas chamas cruéis e essa privação de Deus podem ser o castigo de um só desses pecados que eu cometo tantas vezes e de que eu tenho tão pouco arrependimento. Oh pecado, leve segundo a linguagem dos homens, como tu és um grande mal na realidade, e quanto és de temer!

Fruto. Recolher desta meditação um constante e maior horror a todo o pecado venial, ao menos deliberado, àquele sobretudo em que eu caio mais frequentemente, que é em mim a causa e a fonte de muitos outros, que pode conduzir-me mais directamente ao pecado mortal.

Resolução. Fugir do pecado, mesmo leve, como da vista duma serpente. *Quasi a facie colibri fuge...*

Pedir a Deus esta graça fazendo um colóquio a Nossa Senhora para que nos obtenha do seu divino Filho três graças: a *primeira*, de conhecer com um conhecimento íntimo os meus pecados e conceber um grande horror deles; a *segunda*, de sentir a desordem das minhas acções, para que, detestando-as, me corrija e regule a minha

conduta; a *terceira*, de conhecer o mundo, a fim de que, tendo-lhe horror, me afaste de tudo o que é vão e perecedouro.

7.^a Meditação: TIBIEZA

1º Prelúdio. Representar-me-ei Nosso Senhor descobrindo-me o Seu Divino Coração e repetindo-me aquelas palavras que dirigiu um dia à sua fiel serva S. Margarida Maria: “Eis o Coração que tanto amou...” E as que disse aos Seus discípulos: “Eu vim trazer o fogo à terra”.

2º Prelúdio. Pedir a Nosso Senhor, pelo Seu Sagrado Coração, a graça de não ser surdo às palavras tão capazes de me abrasar do seu amor.

Primeiro ponto. Natureza, sinais e causas da tibieza.

I - Natureza da tibieza.

Há relações entre a tibieza e o pecado venial, mas há também, entre uma e outra, diferenças essenciais. **1º** A tibieza é um estado; o pecado venial é um acto. **2º** O pecado venial é mau positivamente. A tibieza tem dois elementos distintos, dos quais só um tem uma malícia positiva: é a queda venial, ou o afecto a um certo pecado, ou a omissão reflectida e culpável dos meios de o evitar; o outro elemento não é senão uma imperfeição: é a ausência habitual de actos generosos, a privação de toda a virtude sólida, um triste mediocridade em todas as boas obras e na maneira de cumprir as obrigações do próprio estado.

Estes esclarecimentos são precisos para tirar, às almas timoratas, todo o motivo para confundir com a tibieza, a secura, a aridez e tudo o que se chama na vida espiritual estado de provação.

II - Sinais da tibieza.

Não fazer nenhum caso dos pecados veniais e não temer senão os mortais. Fazer os exercícios de piedade por rotina, por respeito humano, com desgosto e com uma negligência reflectida e consentida. Rezar habitualmente sem atenção, confessar as faltas leves sem a resolução séria de as evitar, comungar sem devoção e sem fazer esforços suaves e moderados para a alcançar. Fazer as acções de cada dia sem intenção, sem ordem, sem método. Dissipar-se, estar raramente presente a si mesmo, mais raramente ainda ter Deus presente. Renunciar ao exercício das grandes virtudes, mesmo daquelas cuja prática convém ao nosso estado ou à nossa posição, contentar-se com um estado de mediocridade, evitar as relações com aqueles que trabalham com ardor na sua perfeição, procurar de preferência a companhia daqueles que são mais dissipados,

menos fervorosos e menos regulares. Formar uma consciência errônea, falha de delicadeza, e apoiar-se em princípios falsos para impor silêncio aos remorsos da consciência. Apesar do uso frequente dos sacramentos, não deixar de alimentar interiormente aversões, ciúmes, movimentos de orgulho, afeições particulares e perigosas, espírito de azedume e mau humor, de insubordinação e maledicência, que se manifeste por meio de palavras mordentes e contenciosas; continuar a entreter um secreto amor próprio, que, misturando-se com todas as nossas acções, corrompe-as e infecta-as com o seu veneno; finalmente, não mostrar senão pusilanimidade e cobardia por tudo o que é trabalho e abnegação de si mesmo, e não procurar senão as próprias comodidades, consolações fúteis e o repouso.

São estes os sinais certos de tibieza; se os reconheço em mim, não posso duvidar, devo confessar sem subterfúgio que sou tÍbio.

III – Causas da tibieza.

Primeira causa: fazer as acções que são sinais dela.

Segunda causa, muitas vezes ignorada, mas bem real da tibieza: resistir obstinadamente à vontade ou ao desejo de Deus, claramente manifestado a respeito de uma determinação importante para a nossa santificação; por exemplo, ser surdo à voz da graça que nos chama à vida religiosa; recuar indefinidamente perante o sacrifício duma afeição demasiado viva que é para nós a fonte de um grande número de imperfeições; não resolver adoptar um meio que o confessor ou o superior recomendou como o único remédio para uma inclinação viciosa, para uma ocasião perigosa; recusar fazer um certo conjunto de boas obras que as circunstâncias parecem exigir de nós e donde resultaria um grande bem. Porque, em todos estes casos, nós nos colocamos, pela nossa falta de correspondência à graça, fora das vias da Divina Providência, para seguir as nossas; subtraímos-nos à sua direcção paternal para nos dirigirmos a nós mesmos e tornamo-nos pouco dignos das graças que a sua bondade nos preparava.

Terceira causa, muito comum, da tibieza: desprezar as coisas pequenas. Eis por onde se começa a degenerar. Esquece-se, na prática, que não há nada de pequena monta no serviço de Deus; que a perfeição consiste, as mais das vezes, nas pequenas coisas, porque as grandes se oferecem raramente e as outras são de todos os dias e de todos os instantes; que é de resto uma coisa muito grande ser continuamente fiel nas menores; e, enfim, que são as pequenas vitórias que asseguram os grandes triunfos, segundo a

palavra de Nosso Senhor: “*Aquele que é fiel nas pequenas coisas, sê-lo-á também nas grandes*” (Lc 16, 10).

Segundo ponto. Efeitos da tibieza.

I – A tibieza produz os mesmos efeitos que o pecado venial, mas, por assim dizer, em mais larga escala, isto é, duma maneira mais desastrosa.

Assim, ela mancha a alma, mas com uma mancha que a torna mais disforme aos olhos de Deus; diminui o mérito das nossas boas obras, mas as perdas que nos causa são mais prejudiciais; conduz ao pecado mortal, mas por um declive muito mais rápido e sobre o qual é muito mais difícil parar.

II – Além desses efeitos comuns ao pecado e à tibieza, há um, particular a esta, e que é muito mais de temer: é o obstáculo que opõe à cura da alma, e isto por duas razões:

Em *primeiro lugar*, para dar remédio a um mal, é preciso crer na sua existência. Mas aquele que é tÍbio ignora que é tÍbio; pelo menos, não conhece a gravidade do seu mal. Com efeito, ainda que a alma tÍbia cumpra, com uma negligência notável, os seus exercícios de piedade, não os abandona por completo; faz de tempos a tempos algumas acções boas, menos mal que de costume; a máscara da virtude que ainda conserva impede-a de conhecer a desgraça do seu estado, donde se segue que o pensamento, e sobretudo a necessidade de sair dele, não se apresenta sequer ao seu espírito. Por isso à alma tÍbia que Deus dirige esta exprobração no Apocalipse: “*Tu dizes: estou rica, estou cheia de bens, não preciso de nada; e não sabes que és pobre, miserável, cega e nua*”. A cegueira da alma é, pois, o efeito ordinário da tibieza e a primeira causa da dificuldade da sua cura; porque, reconhecer que se é tÍbio, é começar a ser fervoroso.

Em *segundo lugar*, a tibieza paralisa os remédios mais eficazes. As meditações, os exames de consciência, as confissões, as comunhões, a celebração dos santos mistérios, os retiros fazem-se sem fruto, porque se fazem com frouxidão. Ora, obras santas feitas com negligência não são de modo nenhum um remédio para a alma. As faltas que nós assim cometemos podem ir até ao ponto de nos atrair o anátema do Espírito Santo: “*Maldito aquele que faz obra do Senhor negligentemente*”. (Jer.)

Uma graça de escolha, uma graça forte e poderosa poderia ainda, sem dúvida, despertar essa alma tÍbia do torpor em que caiu. Mas, mesmo neste caso, não é de recear que a preguiça e a pusilanidade dessa pobre alma neutralizasse esse supremo remédio

e não tenham já sobre ela mais acção que uma pedra, mesmo com força, contra um corpo mole e sem resistência? De resto, este entorpecimento do coração, essa insensibilidade da consciência, essa contínua dissipação de espírito, essa desatenção a Deus e a si mesma permitem-lhe, porventura, notar as graças excitantes que Deus lhe envia?

Tudo é fácil a Deus, e Ele, segundo parece, sente dificuldade em mudar um coração túbio; não sabe, por assim dizer, por que ponta lhe há-de pegar; está prestes a abandoná-lo. *“Eu sei quais são as tuas obras, sei que não és frio nem quente. Mas, porque és túbio, e não és frio nem quente, estou quase a vomitar-te para fora da minha boca”*. E a experiência faria dizer a S. Bernardo: *“Vereis mais facilmente um grande número de seculares renunciar ao vício e abraçar a virtude, que um religioso passar de uma vida túbida a uma vida fervorosa”*. Não é raro, com efeito, que grandes pecadores se sentiram vivamente impressionados e sinceramente convertidos à vista de um crucifixo, ao pensamento do juízo, do inferno, da eternidade; ao passo que aquele que é túbio, habituado a meditar sem fervor as verdades eternas, impressiona-se tão pouco com elas como os que assistem todos os dias os moribundos com a vista da morte.

Tal é o mal da tibieza; é preciso confessá-lo: é grande.

Terceiro ponto. Remédios da tibieza.

Reduzem-se a quatro: conhecer, querer, agir, orar.

1 – Conhecer. Para curar uma doença, é preciso conhecê-la. Para remediar a tibieza é preciso reconhecer que se é túbio. Fazei, Senhor, que eu me conheça!

2 – Querer. Esta condição é tão rigorosamente exigida como a primeira. É sobretudo na obra da santificação do homem que Deus exige a cooperação da criatura. Deus que nos criou sem nós, diz S. Agostinho, não nos salvará sem nós, isto é, sem a nossa vontade; de resto, o que deve inspirar-nos uma grande coragem é que a vontade do homem, no assunto de que se trata, não é menos poderosa que necessária. Auxiliados pela graça divina, não há nada tão difícil que não possamos empreender com confiança e executar com êxito. É-nos lícito repetir como o Apóstolo: *“Posso tudo naquele que me conforta”*.

3 – Agir. A acção é a prova certa de uma boa vontade. Mas que devemos nós fazer? Porque os contrários se cruzam com os contrários, devemos destruir em nós as causas da tibieza, atacando-as com princípios inteiramente opostos. Por exemplo:

devemos retomar todos os exercícios cuja omissão nos foi tão prejudicial, devemos fazê-los com toda a exactidão, toda a aplicação e todo o cuidado de que somos capazes; devemos não faltar a nenhum dever do nosso estado, nem mesmo aos menos importantes na aparência, vencendo todas as dificuldades e erguendo-nos corajosamente acima de todas as repugnâncias.

4 – Rezar. A oração é necessária, a oração é eficaz. Mas, em vez de nos determos nos cuidados conhecidos, não será mais útil considerar com que instâncias Nosso Senhor conjura a alma tibia a sair do seu estado deplorável e a regressar ao seu antigo fervor? Nada mais comovente, nada mais terno que as suas palavras. Sente-se que o divino Salvador se dirige a uma alma que ainda não incorreu na sua desgraça e que Ele continua a considerar como Sua esposa.

“Eu te aconselho, diz ele, a que me compres o ouro provado pelo fogo para te enriqueceres, e vestidos brancos para te vestires e para cobrires a tua nudez; aplica também um colírio aos olhos para que vejas o estado em que estás e o que deves fazer para dele saíres. Eu repreendo e castigo aqueles que amo. Anima-te, pois, de zelo e faz penitência.” “Porque estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e Me abrir a porta, entrarei em sua casa e tomarei a Minha refeição com ele e ele comigo”. “Aquele que ficar vencedor, fá-lo-ei sentar no meu trono, como eu mesmo venci e estou sentado com meu Pai no seu trono...” Como não havemos de nos render a palavras tão tocantes e a tão magníficas promessas?

Façamos um colóquio com o Sagrado Coração de Jesus para Lhe pedir a vigilância e o fervor: Concedei-me sempre, Senhor, o temor e o amor do Vosso Santo Nome, porque Vós não cessais de governar aqueles que estabeleceis sobre o fundamento sólido da Vossa divina caridade.

A ORAÇÃO - 1942

1.ª Conferência: NATUREZA E EFICÁCIA

É um desejo de perfeição – supõe um certo conhecimento de Deus e de nós mesmos – conforme a nossa vontade com a de Deus. Aperfeiçoa estes actos.

I - *Definição completa*

Uma elevação da alma para Deus, com o fim de lhe prestar as homenagens que lhe são devidas e de pedir as suas graças, para assim nos tornarmos melhores para sua glória.

Diversas formas: adoração, reconhecimento, expiação e reparação (confissão, contrição, aceitação das provações), petição e homenagem, e acto de confiança. Amor de Deus e necessidade nossa. *Bonum est sui diffusivum. Petite. Mendici Dei sumus*. Na ordem da natureza, na ordem da graça: luz e força. Objecção: Deus conhece tudo quanto nos é necessário.

Formas ou variedades: mental e vocal, privada e pública.

II - *Eficácia da oração* como meio de perfeição.

Sabe bem viver, quem sabe bem orar.

Três efeitos:

1º Desapego das criaturas enquanto são obstáculo à nossa união com Deus.

Concebamos cada vez mais vivo ódio ao pecado mortal, venial, imperfeições voluntárias. Aprendamos a combater melhor as inclinações desordenadas.

2º Assim se aperfeiçoa a nossa união com Deus, que se torna cada dia mais completa e perfeita. *Mais completa*: une a Deus inteligência, vontade e coração, as faculdades sensíveis, o próprio corpo, auxiliando-nos a mortificar os sentidos exteriores, fontes de tantas divagações, e a regular o nosso porte segundo as regras da modéstia. *Mais perfeita*: produz actos de religião (fé, esperança e caridade) e das virtudes morais.

3º Assim se transforma a alma progressivamente em Deus. Quanto mais nos esforçarmos por Lhe prestar as devidas homenagens, tanto mais Ele se ocupa em santificar uma alma que trabalha pela Sua glória. Podemos pedir muito, contanto que o façamos com humildade e confiança. Ele nada recusa às almas humildes que se preocupam mais dos interesses de Deus que dos seus próprios.

III - *Como transformar as nossas acções em oração.*

Sendo a oração um meio de perfeição tão eficaz, é claro que devemos orar muitas vezes, com insistência. Mas como?

Deveres de estado. Para o conseguirmos, praticar um certo número de exercícios espirituais em proporção com os deveres do próprio estado, e transformar em oração as acções comuns.

Ideal. Hábito de oração, exames para verificar e reparar as nossas faltas, exercícios da manhã: oração, colóquio, presença de Deus e de Jesus Cristo, resolução generosa, Missa, Comunhão, acção. Exercícios: Missa, Comunhão, piedosas leituras, devoções essenciais.

Exame geral e particular. Confissão (semanal ou quinzenal) e retiro mensal.

Preencher os espaços entre os exercícios e não perder a presença de Deus. Como? S. Agostinho diz-nos que façamos da nossa vida, das nossas acções, do negócio, das refeições, do próprio sono um hino de louvor à glória de Deus.

É a caridade que ordena toda a nossa vida para Deus. Oferecer as orações em união com Jesus e segundo as suas intenções.

“Quão importante é fazer as nossas acções em união com Jesus!” (Ven. Olier)

Renunciar à nossa vontade e interesses : *Hoc enim sentite in nobis quod et in Cristu Iesu.*

Acções demoradas. Olhar afectuoso – jaculatórias. Uma vida de oração é uma vida de amor. Queixamo-nos da vida: é dura, é feia, é mesquinha. Mas como é bela a vida, quando se desenvolve como um hino de confiança e de amor.

Actos. “*Não temas, cré apenas!*” O verdadeiro temor de Deus é o de não O ofendemos, mas é também o de não confiarmos bastante n’Ele, o de não sabermos abandonar-nos a Ele.

Imolação. Ao princípio há o desejo de se dar, no termo há a alegria: é o que Deus aprecia. Uma imolação verdadeira é uma imolação alegre, sempre alegre. “*Os nossos corações estão cheios de beijos, escrevia Leão Bloy, quando estão cheios de aflições*”. E a nossa maneira de dar deve ser à cristã, aquela que envolve num sorriso tudo o que ela dá.

O coração canta sempre, quando a alma se oferece sem reservas, porque quando se põe toda a alma no que se dá, encontra-se no dar toda a felicidade de que se é capaz.

O Senhor recompensa os seus mártires “*revestindo-os dum vestido de alegria*”.

O abandono é a nossa existência de um dia que encontra o segredo de se eternizar; é a nossa miserável vida que se escoa e se perde no infinito, para nele se divinizar. O abandono é viver o eterno amor na plenitude da existência presente.

Eu não compreendo senão uma coisa: o abandono total, como a folhinha arrebatada pelo tempestade, através das planícies, e dos valados, pelos cumes nevados e para além das grandes águas rugidoras que não se sabe que terra acabará de (?)⁴ Conheceis esse sopro, tão suave como a carícia de uma mãe, tão doce como o beijo de uma criança, tão puro como a água que brota sob as rochas escondidas? Conheceis Jesus?

E se é essa a última palavra do amor, não é também o verdadeiro espírito de reparação, cuja obra se faz menos pelo sofrimento do que pelo abandono absoluto da alma a todas as vontades divinas? E a nossa vida torna-se assim o sacrifício perfeito, alegremente oferecido a Deus. Um sacrifício que tem esse sentido consolador e rico que lhe deram S.to Agostinho e S. Tomás. “*Tudo o que fazemos para nos unirmos voluntariamente a Deus*”, “*a oferta de nós mesmos a Deus*”. (Sacrifício interior de que o outro é o símbolo).

É pela oração vocal e mental, é pelo fervor da piedade, é pelo cumprimento exacto dos deveres de estado, fazendo deles uma oração contínua, que chegaremos a este abandono que nos torna santos e felizes na terra, preparando-nos ao mesmo tempo para a felicidade perfeita e eterna do Céu.

⁴ Palavra imperceptível.

2.^a Conferência: NECESSIDADE E CONDIÇÕES DA ORAÇÃO

(Exercícios e meditação)

Necessidade da oração como petição para a salvação e perfeição.

I – *A necessidade da oração* baseia-se na necessidade da graça actual.

Primeira graça gratuita. A oração mais normal, eficaz e universal de obter as graças actuais.

Pedite... Se não pedirdes, não recebereis. Necessidade, sobretudo, na tentação; *Vigilate... spiritus quidem proutus est,... caro infirma*. Toda a confiança que não se funda na oração é presunçosa.

Predição. Concílio de Trento. Deus manda fazer o que podemos, pedir o que não podemos e ajuda-nos com a sua graça a pedi-lo. Catecismo Romano: “*A oração foi-nos dada como instrumento necessário para obtermos o que desejamos; é que, de facto, há coisas que não podemos alcançar senão com o seu auxílio*”.

Pelageionismo ou semipelagionismo. As melhores resoluções ficam muitas vezes sem efeito, apesar de todos os esforços. É que só pela oração e pela graça poderão chegar a cumprir-se.

II – *Condições essenciais da oração*. *Quid oremus sicut oportet...* A graça é indispensável para bem orar. Esta graça é oferecida a todos, mesmo aos pecadores. O estado de graça aumenta o valor da oração.

Condições que a oração requer da parte do *objecto* e da parte de *quem ora*.

Da parte do objecto. Pedir as graças sobrenaturais, em primeiro lugar, e, secundariamente, os bens da ordem temporal. *Invenite primum...*

a) Os bens temporais em si mesmos são incapazes de satisfazer as aspirações do nosso coração e de nos tornar felizes. b) Mesmo que se trate de tal ou tal graça em particular, é preciso não a pedir senão em conformidade com a vontade divina. Deus distribui as graças de consolação e aridez, de repouso e combate, conforme os seus desígnios e as necessidades da nossa alma. Subordinemos tudo ao beneplácito de Deus. É-nos permitido formular qualquer desejo, mas com humilde submissão à vontade de Deus, à vontade do nosso Pai celeste.

Da parte do sujeito: 1º a humildade; 2º a confiança; 3º a atenção ou, ao menos, o esforço sério para estarmos atentos.

1.º- A humildade deriva da própria natureza da oração. Somos mendigos em relação a Deus. Abraão: *Loquor ad Dominum cum...* Daniel. o Publicano: *Omnis qui se humiliet...* (S. Tiago)

2.º- A humildade gera a confiança, virtude que se baseia, não em nossos méritos mas na infinita bondade de Deus e nos méritos de Jesus Cristo. Ensina a fé que Deus é misericórdia. “Quem de vós, se um filho lhe pede pão... Se me pedirdes alguma coisa em meu nome eu vo-la farei... Perseverança na oração (a Cananea).

3º - À confiança perseverante é preciso juntar a atenção ou, ao menos, um sério esforço para pensarmos o que dizemos a Deus. Distracções involuntárias. Distracções voluntárias.

É necessário, pois, fazer sérios esforços para afugentar pronta e energicamente as distrações... É preciso ir diminuindo o número às distrações, combatendo vigorosamente as suas causas, a dissipação habitual, a divagação constante, as preocupações e apegos que cativam o espírito e o coração, e acostumar-se, pouco a pouco, à memória frequentemente (?)⁵ da presença de Deus, pelo oferecimento das obras e piedosas orações jaculatórias. Empregados estes meios, nada de inquietações por causa das distrações involuntárias; são provações, e não faltam provações que, se soubermos tirar proveito delas, aumentar-nos-ão até os méritos e o valor das orações.

Atenção verbal, literal ou intelectual, e espiritual ou mística.

III – *Exercícios de piedade.*

O fim: formar as almas no hábito ou prática habitual da oração - vida de oração.

Requerem-se tempo notável e esforços prolongados. Os principais exercícios: a meditação da manhã, Missa e Comunhão: como se supre a Comunhão sacramental. No decurso do dia, oferecimento frequentemente renovado das acções principais, algumas orações jaculatórias, algumas boas leituras, terço, visitas a Nosso Senhor Sacramentado e a Nossa Senhora. Um bom exame de consciência completado pelo exame particular, remédios, resoluções, vigilância. Não exercícios excessivamente numerosos Não multipliqueis... Pai-Nosso. Atenção e piedade. Presença de Deus e união com Nosso Senhor Jesus Cristo. Não se pode atender ao mesmo tempo ao sentido literal da Avé Maria e ao espírito do mistério.

⁵ Palavra imperceptível.

IV – Meditação

Uma elevação e aplicação da nossa alma a Deus para lhe rendermos as devidas homenagens e assim nos tornarmos melhores para sua glória.

Cinco elementos: consideração sobre Deus e as nossas relações com Ele, reflexões sobre nós mesmos, orações, resoluções. Diferença entre a meditação e a oração.

Utilidades: desapega-nos do pecado e das suas causas, iluminando-nos sobre a malícia do pecado e seus temerosos efeitos, desapegando-nos do mundo e dos seus falsos prazeres, e, sobretudo, de nós mesmos, fortificando-nos a vontade, e faz-nos, além disso, praticar todas as virtudes cristãs e prepara a nossa alma para a nossa união e transformação em Deus.

Necessidade: não é necessária a meditação para a totalidade dos cristãos. Mas é muito útil e salutar, e o meio mais eficaz de aperfeiçoamento e salvação. É incompatível com o pecado mortal. Necessária para formar apóstolos.

Assuntos: ordinariamente tudo quanto lhe possa inspirar horror crescente ao pecado: a causas das faltas, a mortificação que as remedeia, os principais deveres do estado; uso a abuso da graça; Jesus, modelo dos penitentes.

Dificuldades: inexperiência, falta de generosidade e distrações numerosas.

Esforço: Deus não exige o êxito. Considerações pessoais e actos. Repelir as distrações, pronta, enérgica e constantemente, logo que nelas se adverte.

Humildade. Combater a causa, disciplinando a imaginação e a memória.

Método: pontos comuns a todos os (?)⁶ Preparação remota, próxima, imediata.

Corpo da oração: actos, considerações, exames, orações ou petições, resoluções.

Conclusão: acção de graças, revista, última oração, escolha dum pensamento.

Método de S. Inácio: princípio da meditação.

Dois prelúdios: composição de lugar (objecto sensível) e pedir a graça que se deseja.

Corpo da meditação: aplicação das potências: memória, entendimento e vontade. A vontade: piedosos affectos e boas resoluções práticas.

Conclusão: recapitulação das resoluções, piedosos colóquios e revista. Oração, oração-meditação e oração-petição.

⁶ Palavra imperceptível.

3.^a Conferência: ORAÇÃO AFECTIVA

I - Natureza:

É aquela em que predominam os afectos piedosos.

Convicções: Do Amor de Deus e da beleza da virtude. Outros sentimentos.

Período de transição. Neste, (?)⁷ as considerações e os afectos. Outro período de transição. Neste, fazem-se considerações mas em forma de colóquio.

Sinais da passagem: nem cedo de mais nem tarde de mais. Raciocínio com dificuldade e inclinação aos afectos, convicções profundas, desprendimento do pecado e elevação da alma para Deus.

Meios de cultivar os afectos: o exercício da virtude da caridade, perfeições de Deus e o que fez Jesus Cristo na sua Paixão e na Eucaristia; meditação dos benefícios de Deus: habitação, incorporação, festa de Nossa Senhora, dos Anjos, dos Santos na vida cristã, as orações vocais, as principais virtudes, penitência, etc., morte, céu, etc.

II - Utilidades.

A principal é a união mais íntima com Deus. Aumentando a caridade, aperfeiçoa todas as virtudes que dela derivam: a conformidade com a vontade de Deus, o desejo da glória de Deus e da salvação das almas, o amor do sacrifício e recolhimento, o desejo da comunhão frequente e o espírito de sacrifício. Encontra-se nela muitas vezes a consolação espiritual. Securas e outras tribulações. Menos custosas. Conduz à oração de simplicidade.

III - Inconvenientes e perigos.

O primeiro defeito é a contenção do espírito que produz cansaço e a extenuação. É um grave defeito. O remédio está em nos convencerem de que o amor de Deus consiste mais na vontade que na sensibilidade e que a generosidade desse amor não está nos transportes violentos mas no propósito calmo e decidido de nada recusar a Deus. Espiritualizar os afectos.

O segundo defeito é o orgulho e a presunção. Julgar-se a alma adiantada e esperar até comunicações divinas. Os santos desconfiam de si, têm-se como os piores, e de bom grado julgam que os outros são melhores que eles. Privação de consolações e de graças de predilecção para caírem em si. Procurar consolações espirituais. Descuram os

⁷ Palavra imperceptível.

deveres do próprio estado e a prática das virtudes ordinárias: contanto que façam belas orações, já se julgam perfeitos. Não há perfeição sem conformidade com a vontade de divina: mandamentos, deveres de estado, grandes e pequenas virtudes.

IV - *Método de S. Inácio.*

1.º *A contemplação.* Não infusa, nem adquirida. Contemplar um objecto é olhar para ele pensadamente e com gosto até se ficar plenamente satisfeito; é fitá-lo com admiração, com amor.

Quando se medita sobre um mistério, vêem-se as pessoas, escutam-se as palavras, consideram-se as acções, a sua natureza e circunstâncias: e tudo isto para se renderem as devidas homenagens a Deus, a Jesus, a Nossa Senhora, e para melhor se conhecer, amar e imitar a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Contempla-se o mistério, não como um acontecimento passado, não como espectadores, mas tomando parte activa - tirar fruto prático.

Fazer entrar nesta vontade todos os sentimentos e todas as súplicas. Determo-nos num ponto.

2º *A aplicação dos cinco sentidos.* Consiste em exercitar os cinco sentidos informativos ou espirituais sobre qualquer mistério para gravarmos mais profundamente na alma todas as circunstâncias desse mistério e excitarmos no coração piedosos sentimentos e boas resoluções. Exemplo tirado do nascimento: aplicação da vista, do ouvido, do olfacto, do gosto, do tacto.

3º *Colóquio final.* Oração sobre os atributos divinos faz-se considerando cada um deles com sentimentos de adoração, louvor e amor e (?)⁸ pelo dom total de nós mesmos a Deus.

V – *O segundo modo de orar:*

Consiste em percorrer lentamente uma oração vocal para considerar e saborear a significação de cada palavra. Pai Nosso...

⁸ Palavra imperceptível.

4.^a Conferência: ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE

Santa Teresa chama-lhe oração de recolhimento. Outros, oração de simples olhar, de simples presença de Deus ou simples entrega a Deus, ou uma simples vista de fé. Bossuet, de simplicidade. Os Carmelitas, contemplação adquirida.

Natureza. A oração de simplicidade compreende dois actos essenciais: olhar e amar.

Tríplice significação: 1º A diminuição e depois a supressão dos raciocínios; 2º Os poucos minutos de reflexão são substituídos por um olhar intuitivo da inteligência; 3º Às vezes a alma contenta-se de um olhar confuso sobre Deus e as coisas divinas que a conserva, contudo, serena e afectuosamente na presença de Deus e a torna mais e mais dócil à acção do Espírito Santo; então, sem multiplicar os actos da inteligência e da vontade, entrega-se a Deus para executar as suas ordens.

Opera-se nos afectos a mesma simplificação. A princípio eram numerosos, variados e sucediam-se com rapidez: amor, petição, alegria, compaixão, doces as próprias faltas, desejo de proceder melhor, petição de auxílio, etc. Em breve, um só e mesmo affecto se prolonga durante cinco, dez minutos; a ideia de Deus nosso Pai, por exemplo, excita no coração um amor intenso que, sem se exprimir por multiplicidade de palavras, alimenta durante alguns minutos toda a alma, (?)⁹ e produzindo nela disposições generosas. Não bastará, sem dúvida, para preencher o tempo da oração, e será necessário passar a outros affectos para se não cair nas distrações ou numa espécie de ociosidade mas cada um terá lugar tão extenso que não será preciso multiplicar-lhes o número com outros.

Entre esses affectos, acaba um por dominar e apresentar-se incessantemente ao espírito e ao coração; o seu objecto torna-se como de uma ideia fixa em torno da qual gravitam sem dúvida outras ideias, umas em pequeno número e subordinadas à primeira: para uns será a Paixão de Cristo Senhor Nosso com os sentimentos de amor e sacrifício que ela excita. Para outros será Jesus vivo na Eucaristia que se tornará o centro de seus pensamentos e affectos e, sem cessar repetirão: *Adoro te devota latens Deitas...* Alguns há que são a tal ponto dominados pelo pensamento do Deus presente na alma que não pensam em outro coisa senão em O glorificarem durante o dia inteiro.

⁹ Palavra imperceptível.

Dentro em breve se estende à vida inteira esta simplificação.

A prática desta oração deve começar desde o despertar, fazendo-se um acto de fé em Deus, que está em toda a parte, e em Jesus Cristo, cujos olhares, ainda quando nos encontrássemos abismados no centro da terra, jamais nos deixam. E continua-se, pelo dia adiante, esse acto de fé. Com andar ocupado nos seus trabalhos ordinários, une-se a alma a Deus, tem Nele fixo o olhar, ama-O. Nas orações litúrgicas, como nas vocais, mais atende à presença de Deus vivendo em nós que ao sentido particular das palavras; antes de tudo, procura testemunhar-lhe o seu amor. Simplificam-se os exames de consciência: num rápido relance vê a alma as principais faltas logo que as comete e sem demora as detesta. Os estados e obras exteriores de zelo praticam-se em espírito de oração, sob o olhar de Deus, com o desejo ardente de O glorificar. Até as acções mais comuns são penetradas do espírito de fé e amor, e assim se tornam hóstias frequentemente oferecidas a Deus.

Utilidades.

1º Deus é glorificado por todo o dia adiante. Este olhar habitual e afectuoso da alma para Deus fá-la conhecer e amar melhor que todas as considerações: a alma esquece-se de si mesma e, com mais força de razão, esquece as criaturas ou, ao menos, não as vê senão nas suas relações com Deus, sob o influxo do Dom da Ciência. Desse modo se transforma a vida num acto prolongado da virtude da religião, num acto de reconhecimento e amor que nos leva a repetir com Maria: *“A minha alma glorifica o Senhor”*. *Magnificat!*

2º Por esse mesmo meio é santificada a alma. Concentrando a atenção numa verdade por tempo notável, aprende a conhecer melhor a Deus e, como este olhar é acompanhado de caridade, ama-O com mais intenso amor e une-se a Ele de modo mais íntimo, atraindo a si mesma, por essa via, as perfeições divinas e as virtudes de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Conhecimento, amor e união mais íntima com Deus; torna-se mais fácil o desprendimento. Quando pensamos habitualmente em Deus, não nos apegamos já às criaturas senão como degraus para subirmos ao Criador; cheias de imperfeições e misérias, não têm valor senão na medida em que reflectem as perfeições divinas e nos bradam: subamos à Fonte de todo o Bem.

Facilita-se mais a humildade; à luz divina vê a alma claramente o seu estado e os seus pecados e alegra-se de poder, pela humilde confissão das suas faltas, glorificar o Único que merece toda a honra e glória. Em lugar de se preferir ao próximo, olha-se o homem como o último dos pecadores, pronto a sofrer amorosamente todas as provas e humilhações. Pode-se, pois, dizer com toda a verdade que a oração de simplicidade nos ajuda simplesmente a glorificar a Deus e a santificar a nossa alma.

Objecções: 1º favorece a ociosidade, 2.º cansa a cabeça, 3º faz cair na contenção.

Método de a fazer: Sinais distintivos dum chamamento divino a esta oração: um certo fastio para a oração discursiva ou para a multiplicidade dos afectos, junto ao pouco proveito que se tira (alma fervorosa, não tibia). Um certo atractivo para simplificar a oração junto ao fruto. Da oração em si mesma. Não há quase mais que olhar e amar. Conselhos: olhar para o um sacrário, piedosa imagem (fixar os sentidos); (?)¹⁰ evangélica em conjunto (imaginação viva); texto da Sagrada Escritura ou de alguma oração piedosa (gosto); actos motivados do amor de Deus (almas afectuosas); querer passar o tempo da oração a amar a Deus mais que a nós mesmos (almas em que domina a vontade que já não podem discorrer e que, encontrando-se na aridez e nas distrações, têm dificuldade em tirar do coração piedosos afectos; nas distrações e securas, humilhe-se e ofereça a Deus a pena; fixe a vontade em Deus).

Da preparação e da conclusão: preparar a matéria. Esta preparação estende-se à conclusão.

Relação entre a oração de simplicidade e a contemplação infusa.

É uma contemplação. É uma contemplação adquirida. É uma disposição favorável à contemplação infusa.

¹⁰ Palavra imperceptível.

5.^a Conferência: A PENITÊNCIA

Necessidade e noção. A penitência é o meio mais eficaz de purificar a alma de suas faltas passadas e até mesmo de a prevenir contra as faltas do futuro.

Jesus quer que o Precursor pregue a necessidade da penitência. Prega-a Ele. Pregam-na os Apóstolos. Acto de justiça. Define-se: uma v. sobrenatural anexa à justiça, que inclina o pecador a detestar o seu pecado, por ser uma ofensa cometida contra Deus, e a tomar a firme resolução de o evitar para o futuro e de o reparar. Compreende quatro actos principais: ódio, dor, propósito, reparação.

Motivos para odiar e evitar o pecado. O que é o pecado mortal e venial.

Noção e espécies. Pecado mortal. Pecado venial.

I – Para *julgar rectamente o pecado grave*, é preciso considerar o que Deus pensa dele, o que ele é em si mesmo e os seus funestos efeitos.

O que Deus pensa dele: castigo nos Anjos, castigo em Adão e Eva, castigo na Pessoa de seu Filho. Condenação: é uma desobediência, uma ingratidão, uma falta de fidelidade, uma injustiça.

II – *O que é o pecado mortal em si mesmo.* Da parte de Deus é um crime de lesa Majestade; ofende a Deus como nosso princípio, nosso último fim, nosso Pai, nosso Benfeitor. Nosso Criador e Senhor: desobediência, revolta, manda só o que nos é útil, conhecimento mais claro, por um vil prazer. - Nosso último fim: o pecado mortal é uma injustiça. Pai: adopção. Da parte de Jesus Cristo, é o pecado mortal uma espécie de deicídio.

III – *Os efeitos do pecado mortal:* expulsa Deus da nossa alma, faz-nos perder a graça, os méritos passados, escravidão tirânica. Se há obstinação até à morte, pena do dano, pena do sentido, eterna.

Malícia do pecado venial deliberado. Faltas de surpresa, vigilância, evitar o despeito dos que, como diz S. Francisco de Sales em *Vida Devota*, se zangam de se haverem zangado, se afligem de se haverem afligido. É amor próprio. Benignidade, ódio, tranquilo.

Malícia do pecado venial deliberado. Desobediência a Deus, injúria, diminuição da glória extrínseca de Deus, ingratidão. Efeitos do pecado venial deliberado: priva de uma nova graça e de um novo grau de glória; é uma diminuição do fervor; perigo de

resvalar no pecado mortal; as nossas tendências para o prazer mau vão aumentando; as graças de Deus vão diminuindo. Efeitos na outra vida: a privação temporária de Deus, fogo.

Motivos e meios de reparar o pecado.

Três motivos principais: **1º** um dever de justiça para com Deus. O pecado é uma verdadeira injustiça para com Deus. Tira-lhe parte da glória extrínseca a que tem direito. Exige reparação. Ofensa infinita. Obrigação de expiar toda a vida. Filhos perdidos e maus servos. **2º** Um dever resultante da nossa incorporação em Cristo. Jesus expiou os nossos pecados. Mas quer que os seus membros, para serem purificados dos próprios pecados, se unam ao seu sacrifício e sejam vítimas expiatórias com Ele. **3º** Um dever de caridade para conosco e para com o próximo. Para conosco: o pecado deixa concupiscências funestas em nossa alma; resto da pena. Convém satisfazê-la neste mundo; deixa-nos uma deplorável facilidade para cometer novas faltas porque aumenta em nós o amor desordenado do prazer. Para com o próximo: somos todos irmãos em Cristo. Devemos satisfazer por eles. Dever particular do Instituto.

O Pe. Faber, depois de ter por muito tempo reflectido sobre a causa por que tantas almas fazem tão poucos progressos, chegou à conclusão de que esta causa era “a ausência duma dor constante, excitada pela lembrança do pecado”.

A prática da penitência.

Associar-nos às obras de penitência de Jesus e aos seus sentimentos: a lembrança habitual e dolorosa dos próprios pecados. Lembrá-los por junto, com sentimentos de contrição e humilhação. Salmo *Miserere*. Acompanhar essa lembrança dum sentimento de confusão perpétua. Diante de Deus, de nós, dos outros. Pródigo. Desconfiança de nós. S. Filipe Nery. Prever, vigiar. Evita o desalento; a confiança.

As obras de penitência.

Estas mostram-se-nos fáceis se pensarmos: (?)¹¹ do Inferno, (?)¹² do Purgatório. São: a aceitação, ao princípio resignada, depois cordial e jubilosa de todas as cruzes; o

¹¹ Palavra imperceptível.

cumprimento fiel do dever de estado em espírito de penitência e reparação. O sacrifício mais agradável a Deus é o da obediência. O dever de estado é a expressão mais perfeita da vontade de Deus. Pessoas que vivem em comunidade. S. João Berchmans: *Mea maxima poenitentia vita communis*. Jejum e esmola.

¹² Palavra imperceptível.

6.^a Conferência: A MORTIFICAÇÃO

Purifica-nos, como a penitência, das faltas passadas, mas o seu fim principal é prevenir-nos contra as do presente e do futuro, diminuindo o amor do prazer, fonte dos nossos pecados.

I - Natureza. Nomes bíblicos e modernos. Renúncia. Abnegação. Atrofiamento das más tendências. Crucifixão da carne e das suas concupiscências. Morte e enterramento. Despojo (S. Paulo). Combate e castigo. Reforma, governo, educação da vontade, orientação da alma para Deus.

Definição: a luta contra as más inclinações para as submeter à vontade, e esta a Deus. É um complexo de virtudes. É um meio, não é um fim.

II – Necessidade. Para a salvação e para a perfeição.

Para a salvação: mortificação de certos olhares. Evitar as ocasiões próximas. Outras previstas pela Igreja. As aconselhadas pelo director contra as tentações. Estas todas são necessárias para a salvação.

Para a perfeição: esta necessidade deriva da natureza da perfeição, que consiste no amor de Deus até ao sacrifício e imolação de nós mesmos. A medida do nosso progresso espiritual depende da violência que a nós mesmos fazemos.

Motivos:

Da parte de Deus: o fim da mortificação é unir-nos com Deus. Ora, é impossível conseguir essa união sem nos desprendermos do amor desordenado das criaturas. Contrato entre Deus e nós no baptismo: purificação e adopção da parte de Deus, compromisso de viver como verdadeiros filhos de Deus.

Da parte de Jesus Cristo: somos-Lhe incorporados pelo baptismo, daí a conformação com Ele. Se aspiramos ao apostolado, temos aí novo motivo para crucificarmos a carne. Foi pela cruz que Jesus salvou o mundo, é pela cruz que havemos de colaborar com Ele na salvação dos nossos irmãos. Por isso S. Paulo dizia que completava na sua carne a Paixão do Senhor, a fim de obter graças para a Igreja. É isto o que sustentou no passado, e sustenta ainda no presente, tantas almas que se oferecem como vítimas, para ser Deus glorificado e as almas salvas. É áspero o sofrimento, mas, unido a Jesus na sua Paixão, como queixar-nos?

Da parte da nossa santificação: Necessitamos de assegurar a perseverança. A mortificação é um dos melhores meios de preservação do pecado. O que nos faz sucumbir à tentação é o amor do prazer ou o horror da pena. Ora, a mortificação combate esta dupla tendência que, em realidade, é uma só. Renunciando a alguns prazeres legítimos, a mortificação arma-nos a vontade contra os prazeres ilícitos, tornando-nos fácil a vitória sobre a sensualidade e o amor próprio. Não basta evitar o pecado, é preciso avançar na perfeição. A vida é um combate. Coroa incorruptível. Maiores são as penas do Purgatório. Não há perfeição nem virtude possível sem mortificação. A mortificação é o fundamento das virtudes e a fonte de todos os bens. Os cristãos mortificados são, em geral, mais felizes que os mundanos que se entregam a todos os prazeres.

7.^a Conferência: PRÁTICA DA MORTIFICAÇÃO

A mortificação deve abranger corpo e alma.

Combate o prazer. Este não é um fim.

A mortificação consiste em nos privarmos dos prazeres maus, perigosos e alguns lícitos.

Deve praticar-se com prudência ou discrição. Poupar as forças físicas, poupar as forças morais, harmonizar as privações com os deveres de estado. Jerarquia nas mortificações interiores e exteriores. Estas auxiliam muito aquelas.

Mortificação do corpo e dos sentidos externos. O corpo tem, no estado de natureza decaída, inclinação especial para os prazeres ilícitos. Modéstia do corpo. Regra de modéstia e urbanidade. Respeitar o corpo: vestuário. A importância do porte exterior. Posições do corpo. Modéstia dos olhos, olhares gravemente culpados; mortificar a curiosidade dos olhos. Mortificação do ouvido e da língua. Nada mais contrário à caridade, à pureza, à humildade e às demais virtudes cristãs. Mortificar a curiosidade, evitando perguntas acerca do que possa lisonjear, conversas inúteis e perigosas. Orientar as conversas. Mortificação dos outros sentidos; uso moderado de perfumes.

Da mortificação dos sentidos internos: imaginação e memória. Não se trata de atrofiar, mas de as disciplinar, e subordinar a sua actividade ao império da razão e da vontade. *Regras:* Afugentar as lembranças e imagens perigosas, mortificar os pensamentos inúteis. Dizem os Santos que esta é a mortificação dos pensamentos maus. O meio mais positivo, conducente a isto, é aplicar inteiramente a alma toda ao dever presente, aos nossos trabalhos, estudos e ocupações habituais. Servir-nos da imaginação e da memória para alimentar a piedade, buscando, nos livros santos, etc., os mais belos textos, as mais formosas comparações e imagens; utilizar a imaginação para andar na presença de Deus e representar-se por miúdo os mistérios de Cristo e de Nossa Senhora.

Da mortificação das paixões. Não são más em si mesmas. Sentido pejorativo.

Noção: são movimentos impetuosos do apetite sensitivo para o bem sensível com repressão mais ou menos forte sobre o organismo.

Conhecimento – impetuosos – repressão.

Diferem dos sentimentos

São onze as paixões: amor, ódio, desejo, aversão, alegria, tristeza, audácia, temor, esperança, desprezo, cólera.

Efeitos: Meio termo. Paixões desordenadas: cegam a alma, fatigam-na e fazem-na sofrer. (S. João da Cruz). Torturam-na. Enfraquecem a vontade. Maculam a alma. (S. João da Cruz). A união perfeita com Deus impõe que em nós não haja nada contrário à vontade de Deus, nenhum apego voluntário à criatura e a nós mesmos. S. João da Cruz: *“que a avezinha esteja presa a um fio delgado ou grosso, pouco importa: não lhe será possível voar senão depois de o haver quebrado”*.

Utilidade das paixões bem ordenadas. Actuam sobre a inteligência. Actuam sobre a vontade.

Do bom uso das paixões: oração, sacramentos, tática judiciosa.

Força, influência da ideia, limite. Aumenta quando associado, habitual, absorvente, ideia fixa.

Combater as paixões desordenadas: poder de inibição, esquecer, actos positivos contrários à paixão.

Como orientar as paixões para o bem: o amor e a alegria, o ódio e a aversão, o desejo, a tristeza e a esperança, o desespero, o temor, a cólera e a audácia.

Para se chegar a este feliz resultado, nada vale tanto como a meditação acompanhada de piedosos afectos e generosas resoluções. Ideal, convicções, ideias e sentimentos.

Como se devem conhecer as paixões. Mesmo quando orientadas para o bem, é preciso sabê-las moderar.

Exercícios: desejo de orar com fervor, amor para com Jesus, zelo intempestivo.

Juízo do director e conselhos; habitualmente é necessário ter uma certa moderação e tranquilidade; repouso.

Da mortificação das faculdades superiores. Da inteligência: luz da razão e luz da fé; consciência.

A ignorância, a curiosidade (ansiedade e precipitação) Não gostam de consultar. Apego às próprias ideias, divisões que destroem a paz, a concórdia e a caridade.

Cura do orgulho: docilidade, liberdade aos outros no que não é de fé, buscar a verdade e não a satisfação do orgulho.

Mortificação ou educação da vontade. Necessidade. É a faculdade mestra. Forte e dócil, difícil.

Meios práticos: eliminar os obstáculos e lançar mão de meios positivos.

Obstáculos interiores: a irreflexão, a azáfama febril, a negligência, o medo de fazer fraca figura.

Obstáculos exteriores: o respeito humano, os maus exemplos.

Quanto aos meios positivos, consistem em combinar harmoniosamente o trabalho da inteligência, da vontade e da graça.

À inteligência pertence fornecer aquelas convicções profundas, que serão ao mesmo tempo guia e estímulo para a vontade. Estas convicções exercerão poderosa influência sobre a vontade. Esta, de sua parte, deverá operar com decisão, firmeza e constância. É, pois, em última análise, com a graça de Deus que o homem deve contar.

O SEGREDO DOS BONS RETIROS

Todas quereis fazer um bom retiro, porque todas quereis salvar, santificar a vossa alma.

Para vos ajudar, dir-vos-ei o segredo dos bons retiros, isto é, o que deveis fazer para que o vosso retiro seja bom:

1º - A primeira condição de um bom retiro *é o desejo sincero de tirar proveito dele.*

Talvez seja este o único retiro que fazeis em toda a vossa vida. Ai de quem não aproveita este tempo favorável às divinas preparações. Ai de quem deixa passar, sem a recolher, esta graça decisiva, transformadora, do retiro. Ora, para aproveitar este tempo, para recolher esta graça, é preciso, torno a dizer, um desejo sincero. Desejo de fazer tudo o que é preciso para que a acção de Deus na alma não seja inútil. É o que se chama boa vontade. Feliz de quem puder dizer no fim do retiro: *“Eu fiz tudo o que pude”*.

M.lle Vallière, mundana, corte de Versailles, mosteiro de Carmelitas, em Paris, à Priora: *“Eis a minha vontade com que fiz tanto mal. Tomai-a e governai-a”*.

Ela perseverou. Vós perseverareis se, no princípio do retiro, disserdes ao Senhor, com um coração sincero: *“Meu Deus, eis aqui a minha vontade, a minha boa vontade. Tomai-a e governai-a vós durante estes dias abençoados”*.

2º - *Recolhimento.* É o que é contrário à dissipação do espírito. Afastar os pensamentos inúteis, as preocupações frívolas. Uma corrente de ar num quarto em cuja mesa estão papéis. É pelas portas e janelas abertas dos sentidos, pelos olhos muito curiosos, pela boca palradora, que a dissipação entra na alma. Então, tudo está em desordem; impossível fazer seja o que for de bom.

Recolhei-vos, pois, e por isso conservai bem fechadas as portas e as janelas: os olhos praticando a modéstia, a boca observando o silêncio, abstenho-vos de toda a palavra supérflua; a memória, a imaginação, repelindo toda a lembrança inútil, toda a representação perigosa.

Deus e eu: que este pensamento vos baste e vos ajude a dirigir a atenção para Deus e para vós mesmas: para Deus, a fim de ouvirdes a sua palavra; para vós mesmas, a fim de vos ocupardes seriamente dos vossos destinos eternos.

3º - *A oração é outra condição indispensável de todo o bom retiro. Rezar é a vossa obrigação incessante, porque precisamos incessantemente de Deus, do seu auxílio, que se alcança por meio da oração. Mas essa necessidade é muito maior e muito mais ingente durante um retiro. Porque é o momento das grandes coisas: dos desejos fervorosos, das resoluções generosas, das conversões decisivas.*

Rezai, pois, e rezai melhor do que nunca. Multiplicai as vossas orações, as vossas jaculatórias. Disse S. Agostinho: *“Começou a viver bem aquele que começou a rezar bem”*. Rezai, porque a oração vos alcançará tudo quanto precisais: luz, força, perdão, estabilidade no bem. *“Enquanto a vossa oração sobe ao Céu, diz ainda S. Agostinho, a misericórdia divina desce para aliviar a vossa miséria”*.

4º - *À oração juntai a reflexão. Ela é uma das formas, ao mesmo tempo que um dos frutos do recolhimento de que há pouco vos falava. Todo aquele que se recolhe torna-se capaz de reflectir.*

Reflectir é deter, concentrar o pensamento numa verdade de que se quer penetrar a alma. Fixai o olhar no Céu, à noite: vêem-se milhares de estrelas que a princípio se não distinguem. Detende, pois, assim, o pensamento, o olhar da alma, nas verdades propostas às vossas reflexões, na palavra de Deus que vos é pregada durante o retiro.

Detende-o também sobre a vossa consciência, para procurar e descobrir as suas imperfeições, as suas manchas.

Detende-o sobre a vossa vida interior, a fim de verificardes, num exame atento e sincero, tudo o que, no passado, exige ser mudado.

O Espírito Santo diz-vos que *“a terra está desolada, devastada pelo mal, porque ninguém se dá ao trabalho de reflectir e de entrar dentro de si mesmo”* (Jer 12, 11).

Vós, pelo menos, minhas meninas, reflectireis durante estes dias de santo recolhimento. Apesar da leviandade própria da vossa idade, e da mobilidade do vosso espírito, detereis o pensamento sobre as coisas sérias que vos serão ditas da parte de Deus, e a terra da vossa alma, fecundada pelas reflexões salutares do retiro, produzirá os frutos mais consoladores de fervor e de virtude

5ª - Uma última recomendação. *Nada de sério e, com maior razão, nada de virtuoso se faz sem esforços.* Todo o esforço que fazemos na ordem do bem merece o nome de sacrifício; porque, para isso, temos de renunciar a alguma coisa que nos é cara: o nosso repouso, a nossa liberdade, os nossos gostos; as mais das vezes a alguma coisa

de vós mesmas: o vosso espírito, o vosso coração e a vossa vontade. Procedendo assim, mostraremos que somos verdadeiramente cristãos, praticamos o espírito do cristianismo, que é essencialmente um espírito de mortificação e de penitência.

Mostrai, pois, que sois cristãs! Durante este retiro, abraçai corajosamente, aceitai generosamente tudo o que, mais ou menos, exigir de vós esforços, vos fornecer a ocasião de fazer sacrifícios.

Oh! Como esses sacrifícios são agradáveis a Deus! Com que solicitude e com que alegria, o vosso Anjo da Guarda, encarregado de contar todos os vossos passos, de registrar todos os vossos méritos, comporá de todos esses esforços do vosso retiro um belo ramalhete que ele oferecerá em vosso nome, que vós mesmas podereis oferecer no último dia de retiro, ÀQUELE por cujo amor os multiplicastes!

Fazei assim e regozijareis o Coração de Deus. E tornareis também assim feliz aquele que acaba de vos ensinar o segredo dos bons retiros.

O FIM DA VIDA HUMANA

Quo vadis? Jesus ia subir ao Céu e pergunta aos Apóstolos porque é que nenhum deles indaga para onde vai.

Consenti que eu vos faça a mesma pergunta: *Quo vadis?* Vós estais em marcha, pois a vida é movimento. Mas caminha-se para atingir um fim. Qual é o vosso? Estais bem na direcção que o Criador vos assinou?

Deus, infinitamente sábio, faz tudo para um fim. Qual é, no plano do universo, o fim reservado ao homem, obra-prima e rei da criação?

Conhecer, pois, o nosso destino providencial é absolutamente necessário para seguir o caminho que devemos seguir, chegando assim ao termo da nossa viagem, aonde o pensamento de Deus nos envia e onde o seu amor nos espera.

É raro que alguma de vós faça a si mesma esta pergunta. Vós ides, despreocupadas, levadas pela leviandade, pela irreflexão, pelas paixões da vossa idade, sem parardes com o receio de seguir caminho errado. Que imprudência! Que cegueira! Que loucura! Quando quereis fazer uma viagem, tomais qualquer camioneta à toa? Não deveis ser sensatas para as coisas temporais e insensatas para as eternas.

O retiro oferece-vos uma ocasião excepcional para vos colocar em face do fim verdadeiro da vossa vida e para imprimir à vossa alma um impulso enérgico que arraste e vença todos os obstáculos. Esta meditação sobre o fim do homem é chamada por S. Inácio: *fundamento*. Diz ele que é a base sobre a qual um retiro e todo o edifício da vida espiritual devem encontrar a sua solidez

Qual é, pois, o fim divino da vossa existência terrestre? Qual é o porquê da vossa vinda a este mundo, da vossa habitação sobre a terra, da vossa partida para a eternidade?

Peçamos ao Divino Espírito Santo que derrame as claridades vivas da fé sobre esta questão capital.

O problema da vossa viagem, do vosso destino e do uso que devemos fazer da vida, é o cristianismo que o resolve, dando-lhe as soluções mais claras e mais elevadas. Os filósofos não.

Jesus dizia aos seus Apóstolos: *Vade ad Patrem*. É assim que deves dizer: “*Vou a Deus*”; sim, ide a Deus.

Deus é o astro que deve orientar a vossa vida. O nome de Deus é a resposta a cada uma das quatro perguntas que o problema da vida nos põe: Onde estais? Donde vindes? De Deus Criador, de Cristo Redentor. Aonde ides? A Deus, pelo espírito e pela verdade, ides a Ele pelo coração: Ele é a beleza; ides a Ele pela vontade: Ele é o bem supremo. Luz? Por onde passareis? Por Deus, porque Nele estão os meios de salvação, assim como o fim. Mandamentos, revelações, sacramentos. Vamos pois para Ele, por Ele, nós que somos Dele e que vimos Dele; é o ideal divino que acaba de nos aparecer. “Deus nos criou”, diz o catecismo... Predestinação à existência. Predestinação ao Cristianismo. Ele vos dá tudo o que sois e tudo o que tendes.

Se retirasse de vós a Sua mão, cairíeis no nada e seríeis menos que um fio de erva, menos que uma gota de água, menos que um grão de areia.

Mas a Sua Providência está sempre presente. Ela nos guia e protege, mantém as forças e as restaura, conserva em nós esse vigor da juventude, essa vivacidade do espírito, esses maravilhosos recursos de todas as vossas faculdades.

Ora todos os dons divinos são outros tantos laços que nos prendem a Deus. Tendo recebido tudo de Deus, sois Dele, corpo e alma; sois propriedade Sua, Ele tem sobre vós todos os direitos.

A obra é do artista quanto à forma. Não quanto à substância. A nossa dependência para com Deus é mais profunda e mais real. Deu-nos a matéria e a forma da nossa substância. Ele cria, move, governa todas as coisas dentro e fora de nós.

Mas Ele não nos pôs sobre a terra sem nos determinar uma tarefa. Fomos criados para O conhecer, amar e servir, numa palavra, para O glorificar. É o fim essencial. O único digno Dele e de nós. Destinou-nos a contemplá-Lo no Céu, no êxtase da alegria durante toda a eternidade. Não podia atribuir-nos fim mais belo, mais nobre, mais glorioso.

Nisso, portanto, se encontra a nossa felicidade. Há em nós sede insaciável da felicidade. Só pode ser completamente satisfeita em Deus.

A riqueza, a glória e o prazer não nos saciam. Mesmo na posse desses bens, sentimos na nossa alma um vácuo infinito.

Há almas baixas que procuram colocar a felicidade na satisfação dos apetites mais vis, das paixões mais grosseiras. Vós não quereis viver dessa vida animal. Sois nobres.

Outros procuram a felicidade na fortuna e na glória, levados pela ambição. Mas, ainda que fosseis ricos, estimadas e tivésseis um bom lugar na sociedade, devíeis contar com decepções. E a vossa alma não estaria plenamente satisfeita. Ninguém pode ser feliz neste mundo. Há, nas profundidades mais íntimas do nosso ser, alguma coisa que nunca está satisfeita. O infinito é a nossa verdadeira pátria.

S. Agostinho, nas praias do Mediterrâneo, interroga a terra: és o meu fim e me tornas feliz? Resposta: *Quam super nos*. O mar, os astros, coros dos espíritos Angélicos. Chegou aos pés do Altíssimo. Disse: “Senhor criaste-nos para Vós e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Vós. Eu Vos consagro a minha vida inteira; dou-Vos a minha inteligência, a minha Vontade, todo o meu coração. Vós me destes tudo, tudo vos pertence sem restrição, eu Vo-lo restituo”.

O nosso coração só em Deus encontra o seu termo e o seu repouso. Mas a cada instante as criaturas se interpõem entre Deus e nós. É preciso saber que uso devemos fazer delas se quisermos conformar-nos com os desígnios do Criador.

1º - Não somos proprietários das coisas criadas e não nos é lícito usar e abusar delas a nosso capricho. Elas são mais de Deus do que nossas. Não podemos servir-nos delas independentemente da vontade de Deus.

2º - As criaturas escapam-nos fatalmente. Não nos dão o que prometem. Desilusões. Salomão: “*Vaidade das vaidades; tudo é vaidade, excepto o amor de Deus e o seu serviço*”.

Tal é a confissão de todos os homens que molharam os lábios na taça da vida. Será esse também a nossa linguagem no dia do grande adeus, quando virdes desaparecer bens, honras, rostos, as fornicções do século presente.

Quando comparecerdes no tribunal de Deus, Ele não vos perguntará se fostes ricos ou sábias, se exercestes cargos importantes, se possuístes altas dignidades. O Supremo Juiz vos perguntará: “*Conheceste, amastes, servistes a Deus? Dei-vos a inteligência: empregaste-a em procurar-Me? Dei-vos um coração: serviste-vos dele para Me amar?*” Se, nesse momento terrível, não puderdes responder sim, o fim da vossa vida falhou.

Sursum corda! Dirigi, pois, os vossos pensamentos, os vossos desejos, as vossas afeições para esse tesouro infinito, para essa herança sem preço que vos espera. Fostes feitas para os bens eternos, para as coisas grandes e celestes. Que são elas, em

comparação com os gozos terrestres? Nada, decepções, cadeia de desilusões. Só o que é eterno tem valor e merece ser estimado e procurado.

Subi mais alto, sempre mais alto que os juízos dos homens, mais alto que as vãs promessas do mundo, mais alto que o que é da terra.

Procurai o vosso apoio e a vossa recompensa no mais alto do Céu.

Visai à glória, à maior glória de Deus: é o cume. Desdenhai, pois, do que passa e afeiçoai-vos ao que é eterno.

Concluamos destas duas verdades especulativas:

Que Deus é o nosso fim último

Que as criaturas não são o nosso fim mas meios para o alcançarmos.

Resultam as duas regras práticas da vida humana que devem dirigir toda a nossa conduta, tanto para com Deus como a respeito das criaturas.

Deus, sendo só Ele o nosso fim felicíssimo, é a Ele que devemos procurar em primeiro, é Ele que é prémio a atingir com segurança, é a Ele que devemos ligar-nos de modo indissolúvel.

Quanto às coisas criadas, devemos procurá-las só segundo a sua relação com o nosso último fim, procurando-as, se são úteis à nossa salvação, e afastando-as sem reserva, se lhe são contrárias, usando da criação como de uma escada para subir até Deus.

Tudo me serve de escada para o Céu, dizia um Santo. Tudo! É preciso contemplar em tudo o fim imortal.

O cristão forma-se com ideias fixas, profundas, inolvidáveis, tornadas, por assim dizer, parte de nós mesmos.

A primeira é a ideia de Deus como nosso fim último. O Céu é para aqueles que pensam nele.

Perguntou-se a Newton como tinha chegado às suas descobertas imortais. Resposta: *“Pensando sempre nelas”*. Notai: não muitas vezes, mas sempre.

Não temos de fazer também uma descoberta imortal? Pensemos sempre nela. Que a nossa ideia fixa seja esta: *“Existo para dar glória a Deus e para ser eternamente feliz dando glória a Deus. É o meu fim e o meu tudo”*.

Peçamos a Nosso Senhor que nos conceda a graça de trabalharmos, custe o que custar e, se for preciso, à custa de todos os sacrifícios, na nossa salvação, para que

tenhamos a felicidade de O glorificar eternamente. Peçamos à Santíssima Virgem que grave profundamente na nossa alma este pensamento da salvação. Guardai-me em todos os dias da minha vida e, sobretudo, na hora da minha morte. Assim seja.

O PECADO

Parábola do filho pródigo. “*Quantos mercenários têm em casa de meu pai uma alimentação abundante, e eu morro de fome*”! Jesus quis dar-nos, na história do filho pródigo, um exemplo terrível da malícia e dos efeitos do pecado. Vejamos que mal é o pecado para que fujais sempre dele, para que observeis fielmente a lei Divina, para que vos entregueis à prática da virtude. Nenhuma ocasião mais favorável do que o retiro para reflectirmos, para nos arrependermos e emendarmos, e para tomarmos resoluções salutares.

I – Malícia do pecado.

Segundo os teólogos, a malícia do pecado existe principalmente numa suprema injustiça que nega, ao menos de facto, os direitos de Deus, e numa soberana ingratidão que abusa despidoramente dos seus dons.

Primeira parte da parábola do filho pródigo: Pediu a partilha, vendeu as propriedades, partiu para um país distante e dissipou toda a sua fortuna numa vida criminosa. É esta precisamente a primeira fase da vida do pecador. Deus deu-vos o vosso quinhão: a vida material, organismo dotado de faculdades, saúde, vida intelectual, vida moral, isto é, a faculdade de que goza a vontade vossa, livre de produzir actos bons, e até heróicos, a faculdade de conceber nobres transportes para o bem, de vos inspirar uma generosa dedicação.

Além disso, Deus vos concedeu a sua própria substância, isto é, a vida sobrenatural, que nos foi conferida no dia do vosso baptismo. Esta vida trouxe-vos graças infusas que vos deram a aptidão para produzir actos sobrenaturais e meritórios. Ela (?)¹³ incessantemente em todo o vosso ser de cristãos, por meio de graças actuais e dos sacramentos, que vos elevam, vos santificam e vos põem em estado de adquirir a vida eterna. Ora, esta parte esplêndida e copiosa, que recebestes de Deus, que uso fizestes dela?

O filho pródigo queria ser independente, tinha sede de liberdade. Não queria vigilância, olhares importunos. Saiu da casa paterna. Gastou vergonhosamente toda a sua fortuna. Capricho, amor do prazer.

¹³ Palavra imperceptível.

Tal é a história dos pecadores de todos os tempos. Não será a vossa? Pecando, que fizestes? Vós vos afastastes de Deus. O pecado fez o contrário da graça. Que relação pode haver entre Deus, o bem supremo, e o pecado, que é o mal por essência? O coração humano que comete uma falta aparta-se de Deus. A Deus prefere o seu capricho, a paixão de um instante; recusa a Deus o sacrifício que Ele lhe pede, o serviço que Lhe deve, e sacrifica ao pecado todos os dons que recebe do Pai, seu Criador, do Filho, seu Redentor e do Espírito Santo, seu santificador.

Direis talvez que, quando pecais, não quereis absolutamente deixar Deus. Mas, quando sucumbistes à tentação, que fizestes?

Deus esteve presente para vos defender do mal em todas as suas formas; com os Mandamentos, com os conselhos dos pais, etc., com os exemplos das vossas boas companheiras, com a sua graça, com a assistência do vosso Anjo da Guarda. E vós preferistes ceder à vossa paixão vitoriosa.

Ingratidão. Revolta.

O pecador, no fundo, não quer senão sacudir o jugo do Senhor. Aspira à liberdade, à liberdade do gozo de tudo, à liberdade do querer tudo, à liberdade de amar tudo, numa palavra, à liberdade sem regra e sem limites.

À lei de Deus, expressão dos seus direitos sobre nós, o pecador responde: deixai-me, sou livre. À graça de Deus, preço do sangue de Jesus, diz: retira-te, eu me basto agora. Aos desígnios de Deus, manifestados pelos nossos superiores e pela nossa consciência, diz: deixai-me, eu quero gozar, e vós mo impedis. Ele esquece tudo: a bondade e a justiça de Deus, as suas promessas e as suas ameaças; vive como se Deus não existisse.

Compreende-se uma tal malícia?

Voltar contra o Céu os seus próprios benefícios! É uma traição. O pecador guerreia Deus e os seus dons.

O que acabo de dizer aplica-se, sem dúvida, de uma maneira mais expressa, ao pecado mortal, que é a separação completa entre a alma do pecador e Deus. Mas tudo isso se aplica também, guardadas as devidas proporções, ao pecado venial. Há entre essas duas espécies de faltas apenas uma diferença de grau, e, no fundo de todo o pecado, mesmo venial, encontra-se, mais ou menos conscientemente, mas bem

realmente, esse sacrifício do criador à criatura, esse afastamento de Deus e esse desperdício dos Seus dons, essa malícia cheia de ingratidão, de injustiça e de revolta.

Maria Teresa, esposa de Luís XIV, dizia: *“veniais pela misericórdia de Deus, que concede o perdão, mas mortais para o seu coração”*.

Acautelemo-nos, pois, também dessas faltas, Têm a sua malícia e podem conduzir ao pecado mortal. Além disso, é difícil precisar o limite entre essas duas espécies de faltas. Deus me livre de querer lançar nas vossas almas escrúpulos injustificados. Mas, quem ousaria que tal ou tal acto de insubordinação, tal ou tal palavra (?)¹⁴, tal ou tal série de leviandades, de tibiezas, de desobediências, de curiosidades, de preguiças, de caprichos, que se chamam pecados veniais, não vão mais longe?

II – Efeitos do pecado

Vejamos as três concupiscências lamentáveis do pecado: ruína, vergonha, remorso.

I – A ruína. Forma do pródigo

Qual é o fim do pecado? Saciar-se, satisfazer uma paixão. Mas o que devia saciar não sacia. O desejo apenas satisfeito renasce mais vivo, sobretudo quando se trata de certos pecados. É que a alma não é feita para essas realidades sensuais, mas para Deus, para a sua glória na outra vida e para a graça nesta. Desde que esse verdadeiro e necessário alimento lhe falta, ainda que tivesse todos os outros, há fome nessa alma.

Pediste um dia a um pensamento, desejo, etc., uma satisfação culpável? Não encontraste a felicidade, mas perturbação, descontentamento, mal-estar da consciência. Era a fome da vossa alma, fome da amizade de Deus, para quem a alma foi feita, fome da graça santificante, fome de honra e fome de paz. Vender tudo, os benefícios de Deus, os seus direitos, os seus desígnios, a própria inocência, a própria pureza, para encontrar, no fim, a fome!

O pecado arruina tudo na alma: os bens materiais, a graça santificante, as virtudes infusas, os méritos das boas obras. O pecador só conserva a fé e a esperança, mas, se chega a perder também estas virtudes, a ruína é total, inegável.

¹⁴ Palavra imperceptível.

Para esta desgraça da perda de tão preciosa herança, às vezes basta um dia, uma hora, um minuto: basta uma companhia perigosa ou uma má leitura imprudente, ou uma conversa inconveniente.

II – A vergonha. O pecador tem vergonha do seu pecado. Mas, para se livrar dele, basta que se arrependa sinceramente e que se confesse bem. É o que há de mais fácil e de mais consolador.

O filho pródigo guardava porcos, comendo da comida deles.

Uma falta traz outra falta. Contrain-se o mau hábito. Cai-se em paixões cada vez mais insaciáveis e mais ignóbeis. Quantas desgraças no mundo, quantas famílias infelizes, quantas lágrimas de mães envergonhadas, porque há 10, 15, 20 anos, um coração jovem preferiu o seu capricho ao seu dever, a sua paixão à lei de Deus. Como é bela e encantadora a juventude quando é inocente e pura! Mas quando ela se corrompe, é como o pródigo no meio dos seus porcos.

O pródigo é tratado com um escravo. O pecador perde a liberdade dos filhos de Deus que é substituída pela escravidão degradante do pecado.

O hábito do mal estabelece uma espécie de aversão ao autor e ao instigador do mal. O pecado faz do homem um escravo. Não há piores senhores do que aqueles a quem o pecado serve: o demónio e as paixões.

Em cada uma das formas exteriores que o mal reveste, há sempre um carácter aviltante e degradante. Mas esse carácter está sobretudo impresso no pecado da impureza.

III – O remorso. O pródigo dizia: quantos mercenários, em casa de meu pai, têm pão com abundância e eu morro de fome! Assim pensa o pecador ao lembrar-se das alegrias perdidas. Tem consciência de ter sido mais feliz quando era inocente. Se sente o remorso e se arrepende, voltando-se para Deus, ainda bem. Mas o pior é que às vezes vem o desânimo, o pessimismo, e o desgraçado não sente forças para voltar ao bom caminho.

O pródigo, levado pelo sofrimento, pela reflexão, pela lembrança da sua felicidade passada, regressa à casa paterna. Se fostes como o filho pródigo, imitai-o: o retiro vos convida a isso. Pensai na vossa infância tão pura e tão feliz, na vossa primeira comunhão, em todas as comunhões que se seguiram, tão doces, tão fervorosas. Era

então a abundância, a paz da consciência, a alegria inebriante da alma, a verdadeira felicidade.

Olhai o presente. Se estais em pecado, resolvei já fazer uma confissão bem feita.

Detestai o pecado. Sem demora, quebrai a aliança com o demónio. Voltai-vos para o Pai Celeste. O acolhimento, tão tocante, feito pelo pai ao pródigo arrependido é aquilo que nos espera. Porque Deus é sempre bom e sempre cheio de misericórdia e de amor, Ele nos abre os braços para nos conceder o perdão e a paz no tribunal da penitência, e a verdadeira alegria e a virtude sólida na sagrada Mesa; é aí que Ele vos reserva o antegosto do banquete beatífico do Céu.

A MORTE

Lembraí-vos dos fins últimos e jamais cometereis o pecado (*Ecl 7, 40*). Eis o meio, revelado pelo Espírito Santo, para evitar o pecado. Porque é que temos a desgraça de cair nele? Porque perdemos de vista o termo da nossa existência terrestre. Deixamo-nos fascinar pelas bagatelas deste mundo, esquecemos o para-além-do-túmulo e multiplicamos as nossas faltas sem pensarmos que a morte, uma morte súbita, fulminante, pode surpreender-nos de um momento para o outro, arrancar-nos à nossa despreocupação e precipitar-nos perante o tribunal de Deus.

A verdadeira orientação da vida consiste, pois, em caminhar de olhos fixos no fim imortal. Qualquer outra direcção conduz aos escolhos, aos piores abismos. O sábio da Grécia escrevia: *“Filosofia é aprender a morrer”*.

Meditemos agora esta verdade salutar da morte, lei tão conhecida, tão familiar, em certo sentido, mas, ao mesmo tempo, tão esquecida. Fixai estas afirmações:

- 1.º Vós haveis de morrer.
- 2.º Morrereis quando não o esperardes.
- 3.º Morrereis dentro em breve.
- 4.º Não sabeis como Morrereis.

Tomemos cada um destes pontos e demos-lhe o desenvolvimento que comportam.

Em primeiro lugar, que é morrer? Já pensastes nisso? Morrer é deixar tudo, os vossos amados pais, as vossas companheiras e amigas, os vossos bens, os vossos livros, as recordações da juventude; é dizer-lhes um adeus eterno! Morrer é deixar o vosso corpo, esse corpo que tanto vos ocupa, é abandoná-lo à decomposição do túmulo e vê-lo tornar-se, em pouco tempo, um não sei quê que já não tem nome em nenhuma língua. Morrer é comparecer diante de Deus, diante desse Deus infinitamente grande, infinitamente santo, infinitamente justo, nosso supremo juiz, e ser, em seguida, lançado na eternidade.

1º - *Vós haveis de morrer.*

A revolta contra a autoridade divina não fica sem castigo. Nenhuma de vós ignore com que inexorável prontidão Deus puniu o pecado desde o seu aparecimento

sobre a terra. Preceito imposto a Adão e Eva. Desobediência. Castigo: a morte. A morte para os seus descendentes. A foice da morte exerce, sem cessar, a sua lúgubre missão. Com a morte, desaparecem as existências e as glórias e as belezas deste mundo. Todos morrem. Não há nenhuma exceção. A morte é o salário do pecado, o seu castigo universal.

Bossuet compara a morte com um precipício, para o qual caminhamos continuamente empurrados por uma força irresistível. Na hora marcada, chegaremos ao pé desse abismo e seremos precipitados nele. E depois dessa queda, de vós, do que era vivo em vós, já não restará senão a vossa alma, no estado em que a tiverdes colocado. Como a morte é implacável!

Portanto, nada há mais certo, não escapareis à morte, tereis de morrer. Virá um dia em que não vereis o dia seguinte.

2º – Morrereis quando menos o esperades

Não é tanto a morte que devemos temer como a sua surpresa. Ignoramos o dia da nossa morte. Só Deus o conhece. Ora, Jesus tem o cuidado de nos advertir no Evangelho de que a morte virá como um ladrão. O ladrão não nos previne da sua visita. Quando resolve introduzir-se numa casa, espera a hora favorável, aproveita-se da escuridão, avança dissimuladamente, não faz ruído, e depois devasta tudo. É assim a morte. Vigiai, pois, e orai, para não cairdes em tentação (*Mt 25, 13*).

A todos os momentos, uma congestão cerebral, uma síncope cardíaca, a ruptura dum vaso sanguíneo pode arrebatá-nos, de repente, a vida. Às cenas naturais acrescentam as cenas violentas: uma queda, um assassinio, um atropelamento. Morre-se em casa, na rua, durante um passeio, no meio do trabalho, à mesa, na cama, no banho.

Um dia, acordais, será o vosso último dia; ajoelhais para rezar, será a vossa última oração; o trabalho, essa refeição, essa viagem que começais, quem sabe?, talvez não chegueis ao termo dela. Quantas pessoas se vão deitar à noite e morrem durante o sono. Uma febre alta que sobrevém de repente, uma simples transição de temperatura que se apodera de vós; uma gota de sangue derramada no cérebro basta para provocar a morte. São tão delicados, tão frágeis os tecidos que envolvem o coração humano que qualquer acidente, qualquer movimento mais brusco pode quebrar um dos seus vasos.

Dizem os naturalistas que na nossa cabeça se podem verificar quarenta causas de morte súbita.

Prestei serviço em colégios, seminários, asilos de meninas: quantos rapazes e quantas meninas que eu conheci já foram arrebatados pela morte...(a da Creche de Santarém, a do pensionato, o seminarista de Bragança) Tinham a mesma idade que vós, gozavam de boa saúde, e foram bruscamente arrebatados à nossa afeição. Como se verifica a palavra evangélica: *“Nós não conhecemos nem o dia nem a hora! Deus deixa-nos na incerteza para que estejamos sempre preparados”*.

Não imiteis a loucura de tantas pessoas que, apesar dessa incerteza, vivem como se não tivessem nunca de morrer. Acautelai-vos dessa imprudência! Vigiai, porque a foice da morte vos ferirá na hora em que menos o pensardes. E eu acrescento: e será brevemente.

3º– *Morrerei em breve.*

Somos novas, dir-me-eis, estamos cheias de saúde, temos, portanto, diante de nós, um longo futuro.

Não tireis tão depressa essa conclusão tranquilizadora. Ninguém vos pode dar essa certeza, nem eu mesmo, embora vos deseje um longo e brilhante futuro. Ide a um cemitério e ficareis admiradas do grande número de inscrições fúnebres que lá vereis. Aos 15 anos, aos 20 anos! São mais as flores que caem na Primavera do que os frutos que se colhem no Outono. Quantas pessoas que conhecíeis faleceram em plena juventude. Do fundo do seu túmulo elas vos bradam: - Agora é a minha vez, amanhã será a tua. Não, nem a saúde nem a juventude livram dos golpes da morte. Em face dela, a saúde não é senão um nome, a juventude, uma flor, o futuro, um sonho. Há mais: sobre a terra quase não fazemos outra coisa senão morrer. Cada minuto que passa enterra uma parte do nosso ser.

Para descrever a brevidade da nossa existência, a Sagrada Escritura emprega comparações enérgicas. A vida, diz ela, é semelhante à esteira dos navios que sulcam o Oceano, ou da folha arrebatada pelo vento, ou da ave que fende os ares, ou da seta lançada por um braço vigoroso. É um pouco de espuma à beira de um regato, é um grão de pó na planície, é um vapor que um leve sopro arrebatada e dissipa por completo.

Interrogai os anciãos, os vossos avós, perguntai-lhes que pensam acerca da vida e eles vos dirão que ela passa sem que se dê por isso. Portanto pode dizer-se que morrereis em breve, ainda que Deus vos conceda longa vida.

4º – Não sabeis como morrereis.

Como desabará sobre nós aquela terrível catástrofe que, ao mesmo tempo, lançará o vosso corpo no sepulcro e a vossa alma na eternidade? Não o sabemos e não o podemos saber.

A nossa morte será natural ou violenta? Precedida de longa doença, ou súbita? No uso das nossas faculdades, ou depois de termos perdido o conhecimento? Outros tantos mistérios que só Deus conhece.

Mas o que mais importa saber é se a morte nos encontrará em estado de graça ou na inimizade de Deus. Dignos do Céu ou do Inferno? Não sabemos. Mas a morte é ordinariamente tal como foi a vida. A morte dos justos, diz a Sagrada Escritura, é preciosa diante de Deus, mas muito é má é, pelo contrário, a morte dos pecadores.

Imaginai o que se passa no encontro supremo, na alma de uma menina preguiçosa ou tibia no serviço de Deus. De repente faz-se a luz na sua consciência. Ela vê a inutilidade da sua vida, confissões e comunhões mal preparadas, apesar de tantas exortações e de tantas circunstâncias favoráveis, nenhuma virtude sólida. Tenta ver se resistiu aos apelos reiterados da graça. Que angustiante remorso!

Se a morte da tibia é assim, que dizer da do pecador?

O abuso das graças, a vida criminosa que levou, os sacramentos que profanou, os maus exemplos que deu, tudo é para ele motivo de terror. A morte neste estado não é o mais terrível dos castigos?

Pelo contrário, como é tranquila a morte do justo! Com uma confiança serena entrega a sua alma nas mãos do Criador, para o qual trabalhou, para o qual viveu, entrevedo a coroa de glória imortal que o espera.

Uma criança não tinha mais que alguns instantes a viver. Vendo a mãe chorar, disse-lhe: - A mamã não me ensinou que para ver a Deus era preciso morrer?

Destas três mortes, qual é a que ambicionais? Decerto, a do justo. Mas ela é o prémio de muitos combates, dum fervor escaldante, dum fidelidade a toda a prova.

Todas as vossas ilusões se reduzem a duas desordens correspondentes: um apego demasiado ao presente ou uma despreocupação leviana do futuro. Ora, o pensamento da morte desprende-nos da terra, recordando que ela é o caminho para a pátria e não a pátria, e esta pátria é aquela que tivermos preparado com a nossa vida terrestre.

Como a morte é só uma vez, é necessário que nos preparemos bem para ela. O inferno é um abismo sem fundo que devora as suas vítimas e que não as restitui.

S. Filipe de Nery, o jovem – e depois?

Depois, para vós será o esquecimento neste mundo, depois será a dissolução, depois será o juízo de Deus e a eternidade

Vaidade das vaidades! Riquezas, honras, prazeres, tudo passa.

Não receeis familiarizar-vos com o pensamento da morte. A exemplo dos Santos, disse muitas vezes: - Se tivesse de morrer depois desta acção, como a desejaria ter feito? Depois deste dia, como quereria tê-lo passado? E estai sempre nas disposições de alma em que quereríeis estar para bem morrer.

Se assim fizerdes, a morte será vencida, mesmo no seu triunfo. Tu não me arrebatará o meu Deus!

A morte não é mais que uma sombra que vai desaparecer, diante do dia sem fim da eternidade feliz.

DEPOIS DA MORTE

Devemos comparecer todos perante o tribunal de Cristo. (2 Cor 5, 10)

I – O Juízo

Ébrio de orgulho, o rei de Babilónia, sentado a uma mesa sumptuosa, no meio dos grandes do seu império, entoava cânticos em honra dos seus deuses e profanava sem escrúpulos os vasos sagrados que tinham sido tirados do templo de Jerusalém. De repente, os cânticos cessam e aos cantos de alegria sucede um silêncio de morte. Que tinha acontecido? Nas paredes da sala uma mão invisível traçava a sentença fatal de Baltazar. A essa vista, diz a Escritura, o monarca empalideceu, soltou um grande grito e os seus joelhos entrechocaram-se (*Dan 5, 6*).

Fraca imagem do pecador que encontra no limiar da eternidade um Deus justo a julgá-lo. Hei-lo arrancado a tudo o que ele amava, longe do mundo que o deslumbrava, sem amparo, sem defesa, sem outro cortejo a não ser as suas obras, a sós com Deus. E esse Deus já não é o bom Pastor à procura da ovelha perdida, o Pai apertando ao seu coração o filho pródigo: é um legislador, que, cioso da santidade da sua lei, quer aplicar-lhe uma sanção legítima. O tempo da misericórdia e do perdão já passou: soou a hora da justiça e do juízo.

É perante essa suprema Majestade que há-de comparecer a minha alma, acompanhada das suas boas obras e más acções. Situação terrível que arrancava a S. Agostinho um grito de assombro.

Que é que se julgará neste terrível tribunal? A vida, com todos os seus momentos, foi-nos emprestada por Deus para trabalharmos para a sua glória e para o seu serviço. Mas eis que chegou a hora a respeito da qual está escrito: *Quid hoc audio de te?* (*Lc 16, 2*). A nossa alma desprendida dos laços do corpo, iluminada pelos raios da Divindade, verá desenrolar-se sob os seus olhos, e passado em toda a sua realidade. Pecados da infância, pecados da juventude, pecados da idade madura e da velhice, tudo será posto a descoberto; pensamentos de orgulho e de impureza, complacências culpáveis; palavras levianas, mentiras, juízos temerários, maledicências, calúnias, hipocrisias, invejas, cóleras, omissões repreensíveis tidas na conta de nada; pecados

peçoais, pecados alheios de que fomos a causa por conselho, convivência ou mau exemplo; quantas faltas que tinham escapado talvez ao nosso olhar distraído e superficial, mas cujo número e malícia Deus revelará.

Então de nada nos valerá o talento, a riqueza, a grandeza de que tanto nos orgulhamos. Então se desvanecem os vãos pretextos com que nos comprazemos em ocultar a nossa cobardia e negligência. Então já não têm valor as mínimas (?)¹⁵ dos mundanos, mas o Evangelho e os exemplos de Jesus Cristo. Diante de nós desfilarão todas as horas, todos os momentos da nossa vida. Que é que fizeste, alma leviana e imprudente, dessas graças sem número com que foste prevenida, dessa educação tão cristã, de tantas confissões, de tantas comunhões, de tantos conselhos fraternais e afectuosos, de tantas inspirações, de tantos bons exemplos? Para que te serviram, o Anjo a quem Deus confiou a tua guarda, a Mãe de Jesus tornada tua Mãe, e o sangue do teu Salvador, espalhado tão generosamente para te resgatar? Sob o peso de uma revelação tão esmagadora, qual será o terror da alma, ao abranger com um só olhar essa multidão de pecados, hoje tidos na conta de nada, mas que então se hão-de erguer em todo o seu número e em toda a sua deformidade!

Entretanto, o juiz se levantará, preparando-se para proferir a sua sentença. Momento de suprema angústia. Dessa sentença depende a posse ou a perda de um reino, de uma vida imortal, do próprio Deus. E essa sentença será sem apelo, porque, para quem apelar do tribunal de Cristo, que julga as próprias justiças? Uma vez pronunciada a sentença fatal, já não há meio de reparar as suas consequências irreparáveis. O reinado do perdão acabou; o Deus de toda a bondade já não é senão um Deus sem misericórdia.

Reconhecendo, mas demasiado tarde, o seu erro, o culpado exclamará com esses infelizes de que fala o sábio: (...) ¹⁶

Deus sábio e justo pronunciará a sentença; a uns dirá: afastai-vos de mim malditos, ide para o fogo eterno! E aos outros: Vinde, benditos de meu Pai, possuir o reino que foi preparado para vós desde o princípio do mundo! Qual será a vossa sentença?... Aquela que merecestes. Sois vós mesmas que a preparais, que a mereceis com os vossos actos durante a vossa vida.

¹⁵ Palavra imperceptível.

¹⁶ Frase imperceptível.

II – O Inferno

Desçamos primeiro em espírito a esse abismo em que um Deus, infinitamente justo e bom, castiga com suplícios eternos o homem rebelde à sua lei.

O Inferno! Qual não será o desespero do condenado, quando, no momento da sua morte, ouvir Deus inefavelmente belo dizer-lhe: afasta-te, maldito! É a sua primeira pena: o destino que implica a privação da vista e da posse de Deus. É a maior de todas. A alma sem a venda que lhe ocultava o Ser infinitamente belo e perfeito, seu primeiro princípio e seu último fim, sente-se impelida para Ele mas não O alcança. Vê-se sempre repelida por Ele.

O sofrimento do peixe fora da água, da ave privada do ar, do exilado fora da sua pátria, do filho arrancado para sempre aos braços de sua mãe, tudo isso não é nada em comparação dessa pena de dano, a maior que pode sofrer o condenado. Tu O rejeitaste durante a tua vida; por sua vez Ele te repele para longe de Si. “*Afasta-te de mim, maldito!*” De todas as penas, é a mais cruciante. Mas não é a única, porque o divino juiz acrescentará: “- *Ide para o fogo... e para o fogo eterno!*” S. Lourenço.

Que é o Inferno? Vejamos o que dizem os Santos Padres. “*É um lugar de trevas e de horror eterno*”. (Job 10, 22). O Inferno é um oceano de fogo, aceso pela cólera de Deus, devorando a sua presa sem jamais a consumir. (Deut 32, 22) O Inferno é uma prisão onde ressoa um concerto de lágrimas, de gritos e de ranger de dentes. (Mt 8, 12) O Inferno é cada um dos nossos sentidos, cada um dos nossos membros expiando prazeres culpáveis. (Sap 2, 17) O Inferno, enfim, é o rico do Evangelho, deitado num leito de chamas, enquanto que (?)¹⁷ meio consumidos e soltando esse grito de amargura repetido por milhões de infelizes: “*Ah! Quanto sofro nestas chamas!*” (Lc 17, 24).

A estes tormentos dos sentidos vem juntar-se o desespero.

Como o filho pródigo se enche de remorsos ao pensar no que fez, o mesmo sucede com os condenados. Mas aquele conserva a esperança e estes não. Na região longínqua do pecado desperdiçaram tudo: inocência, paz, honra, fortuna... até a sua alma. Recordando-se das suas orações, da sua primeira Comunhão, das solicitações da graça, do sangue divino transformado para ela em torrente de chamas e de cólera. Se

¹⁷ Palavra imperceptível.

tivessem querido aproveitar tantas circunstâncias favoráveis, como um retiro que lhes foi providencialmente preparado, teriam podido facilmente salvar-se.

Depois, levantando os olhos ao Céu, verão, nadando num oceano de luz e de delícias, tantas almas santificadas com menos graças do que aquelas que receberam, um amigo, um discípulo, um irmão, uma mãe, talvez; mais longe, legiões de espíritos bem-aventurados, rodeando os tronos de Jesus e Maria, cantando num arrebatamento eterno a Deus, para O qual tinham sido criados... E ardem nas chamas sem a menor esperança de verem jamais acabar nem diminuir os seus males. E esse verme roedor do remorso não morre. (Mc 9, 43) Os seus (?)¹⁸ ficarão para sempre estéreis! Deus os rejeitou e os abandonou por toda a eternidade.

A eternidade! É esse o seu mais cruel suplício. Para quê contar as horas no Inferno? Judas sofre lá mais de dezassete milhões de horas. Passam dias, passam anos, passam séculos e a eternidade está no princípio. O ponteiro do relógio da eternidade está imóvel e o pêndulo não dá senão um som: sempre, nunca. Sempre sofrer e nunca deixar de sofrer; estar sempre afastado de Deus e nunca gozar Dele. Imaginai um homem condenado a sofrer até que tivesse afogado o universo nas suas lágrimas, derramando uma só de mil em mil anos. Seria isso a eternidade? Não. A eternidade, depois dessa revolução de séculos, permanecerá intacta. Que destino! E vós quereríeis precipitar-vos nesse abismo horrível, nessa eternidade de desespero e de sofrimento?

Eternidade! Como este pensamento é esmagador! Compreendem-se os piedosos excessos dos santos, o heroísmo dos mártires e os combates das virgens; compreende-se um Deus pregado numa cruz, apagando com o seu sangue as chamas desse braseiro; mas o que não se compreende é o homem a desafiar esse braseiro, esses fogos vingadores, e abandonando-se ao pecado mortal, única fonte de todos os males.

Como o pecado é capaz de atrair sobre nós esta eternidade de suplícios, fujamos dele como do único mal que devemos verdadeiramente temer. Inquieta-vos o passado. São numerosos os vossos pecados. Recorramos a Jesus; Ele é ainda para nós o Deus de Clemência e de Misericórdia. Aproveitemos com reconhecimento a ocasião deste retiro para nos voltarmos sinceramente para Ele. E para estarmos mais certos de conseguir perdão, lancemo-nos nos braços de Maria, refúgio dos pecadores, como um filho se

¹⁸ Palavra imperceptível.

lança nos braços de sua mãe no momento de perigo. Estejamos prontos a todos os sacrifícios para evitar o Inferno e merecer o Céu.

III – O Céu

Nós nascemos para o Céu – a plenitude de todos os bens, a libertação de todos os males. Lá, não há sofrimento, nem lágrimas, mas alegrias, delícias sempre nascentes. Lá, aos trabalhos da terra e à fadiga dos combates, sucederão uma paz eterna, um repouso inalterável. Lá, uma alegria sem mescla, uma vida imortal, um dia que não conhece nem sombra nem ocaso.

Que deslumbramento para a alma que chega às praias da eternidade! Ela vê miríades de anjos resplandecentes de beleza e que encantam o Céu com os seus cânticos. Ela vê os exércitos dos Patriarcas, etc. Por cima deles, reflectindo os esplendores do seu Filho, a incomparável Maria, a obra-prima da criação, a Rainha desse reino divino. Perto dela, Jesus em todo o esplendor da sua divindade, enquanto do seio de uma luz invisível, o Ser infinito, princípio e fim de todos os seres, espalha a vida e a alegria na cidade imortal dos bem-aventurados.

Contemplaremos a Deus na unidade da natureza e na trindade das pessoas, não já em enigma e nas sombras da fé, mas face a face, tal como Ele é. Vendo esse oceano de perfeições, sentimo-nos atraídos para ele com todas as potências da nossa alma.

E essa felicidade é para sempre assegurada.

Os santos bendizem os seus trabalhos, os seus sofrimentos, as suas lutas. Ver sempre a Deus e amá-Lo. Nunca morrer “*Nem os olhos viram...*” (2 Cor 22, 9). O Céu sofre violência; é uma graça forte que devemos conquistar com a ponta da espada da nossa boa vontade.

Coragem, pois! Ao pensamento da coroa da glória que nos espera, reavivai o vosso ardor.

A vós compete a escolha. E, se o passado nos inquieta, vos aterra, conjurai os presentes efeitos do juízo divino! O Senhor está sempre neste circuito, disposto a acolher o pecador arrependido. Ele é para vós, nestes dias de graça, o Deus da misericórdia; implorai da Sua clemência novo perdão que Ele deverá (?)¹⁹ como Juiz. E

¹⁹ Palavra imperceptível.

se, doravante, sentirdes fraquejar a vossa alma, elevai os olhos para o Céu e lembrai-vos de que para ganhar a coroa imperecível, só é preciso caminhar pela estrada do sacrifício, do cumprimento do dever, da observância da lei divina, a praia, o porto ao qual se chega, é Deus!

AS TENTAÇÕES

Fili, accederes ad servitutum Dei, praepara animam tuam ad tentationem (Ecl2,1). A primeira página da história do mundo abre-se por uma tentação; a primeira página do Evangelho começa também por uma tentação; a primeira página da nossa vida social inicia-se, do mesmo modo, e continua no meio da tentação. Ora, de todos os obstáculos que se seguem no caminho do serviço de Deus, aquele é o mais frequente e o mais perigoso. Eu digo o mais perigoso, porque só a tentação expõe a nossa fraqueza a faltar ao fim da nossa existência. As adversidades, as doenças, a própria morte não comprometem senão a felicidade do tempo, mas a tentação compromete a felicidade da eternidade.

Importa, pois, considerá-la com tanto mais atenção quanto é certo que ela é uma das coisas mais frequentes da vida espiritual. Direi *primeiro*, porque é que Deus permite obstáculos no caminho da perfeição; *segundo*, quais são esses obstáculos, ou melhor, quais são os inimigos que temos a temer; *terceiro*, finalmente, por que meios, com que armas podemos triunfar deles.

Iº – Fim providencial das tentações.

Deus permite que sejamos tentados por um duplo motivo:

Primeiro, *por respeito da nossa liberdade*;

Poderíamos, se Deus quisesse, obter tudo por favor e sem esforço. Não foi esse o plano divino. Deus concede-nos o dom precioso da liberdade. Ora, a tentação é necessária para provar a nossa liberdade, para nos oferecer a ocasião de fazermos a nossa escolha. Somos seres inteligentes, morais e responsáveis. Deus trata-nos segundo a nossa natureza. Um General deve o seu posto a um favor, outro, a gloriosos feitos de armas. Este é mais digno de estima.

Que mérito teríamos se a prática do dever nos fosse tão natural como a respiração? Nenhum. Não será coroado senão o que combateu o bom combate.

Como o ouro é purificado pelo fogo, assim a virtude adquire a sua força e o seu brilho na tentação. A tentação é o cadinho das almas.

A tentação é o início eficaz para nos manter no sentimento da nossa fraqueza, da humildade, da desconfiança de nós mesmos, para nos lembrar que estamos no exílio, e fazer-nos desejar a paz do Céu.

Segundo, no *interesse da Sua própria glória*.

A tentação serve para a glória de Deus. Quando uma alma alcança vitória sobre a tentação, o Demónio sofre vergonhosa derrota, ao passo que Deus se regozija e aplaude o triunfo de um dos seus soldados. Se a alma sucumbe à tentação, o Demónio exclama: - Ó Cristo, Tu venceste-me no deserto e no calvário, mas agora triunfo eu, porque aquele que tenho a alegria de vencer é Tua imagem, e um outro Tu mesmo.

Para que eviteis tão grande desgraça, para que, pelo contrário, glorifiqueis o vosso Criador e o vosso Senhor, vou denunciar-vos os inimigos que não cessam de vos armar ciladas para vos fazer cair no pecado.

II - Os inimigos da nossa salvação.

Numerosos e variados são os inimigos que temos de combater para alcançarmos a vitória eterna. De ordinário, dividem-se em três classes: o Demónio, o mundo e as más paixões.

1º O Demónio.

O primeiro inimigo é o demónio. Ele penetra, em certo modo, no nosso espírito para o perturbar, para o iludir, para lhe inspirar desígnios criminosos; insinua-se, em seguida, na vontade, para a solicitar, para a abalar, para a atrair para o mal, para a perverter, numa palavra, sem contudo lhe arrebatam a liberdade.

Dispõe de meios inumeráveis, quer para surpreender, seduzir e arrastar as almas sem desconfiança, quer para cansar, abater sob os seus golpes e sujeitar ao seu jugo as almas generosas mas fracas. Além disso, dispõe de legiões inumeráveis de demónios sujeitos às suas ordens.

S. Pedro adverte-nos: *“Prestai toda a atenção aos ataques do vosso inimigo, o Demónio, que, como um leão rugidor, anda em volta de vós, procurando uma alma a quem devorar”*. E quanto mais desejosas vos vir de servir a Deus e de Lhe agradar, mais violentas e temíveis se tornarão os seus ataques. E é sobretudo a infância e a

juventude que ele odeia e se esforça por perder, semeando nela os germes do mal que, mais tarde, procurará desenvolver.

Oração de Leão XIII a S. Miguel que se reza no fim da Missa.

2º O Mundo

O segundo inimigo que a nossa alma encontra no combate espiritual é o mundo, amaldiçoado por Nosso Senhor Jesus Cristo, é aquele que, com as suas falsas máximas, os seus prazeres culpáveis, as suas companhias perigosas, sobreexcita e desenvolve o que há de perverso em vós.

a) Deus pede-nos que o sirvamos desde a juventude, que sejamos prudentes, que não nos exponhamos ao perigo, sob pena de perecermos nele, e que permaneçamos fiéis à verdade, ao dever e à virtude. Ao contrário, o mundo diz: é preciso que a juventude passa... É preciso gozar, a conversão para mais tarde... Todas as religiões são boas e até se pode viver sem nenhuma. É lícito conhecer e ler tudo o que se publica; a moral cristã, tão difícil, fez o seu tempo, etc.

b) O mundo multiplica os instrumentos de perdição e tem o cuidado de os dissimular sob formas atraentes, aparentemente inofensivas. Fascina os olhos, inebria os ouvidos, lisonjeia o gosto. Mas, no fundo de tudo, só se encontra decepção e degradação.

Os romances, para não falar em brochuras, livros, revistas e jornais ilustrados, em geral excitam os mais vis sentimentos da natureza depravada e acendem no coração paixões que arrastam ao mal. Não se pode viver numa atmosfera de intrigas, de cenas escandalosas, de descrições apaixonadas, sem que a alma seja por elas agitada. É impossível que certos quadros não exerçam sobre a imaginação, sobre o espírito, sobre o coração uma influência deletéria. (J. J. Rousseau: *“L’ouvrir seulement, c’est être déjà perdu”*).

c) Há um escolho mais temível para a vossa adolescência: são as companhias perigosas. O vício é uma peste essencialmente contagiosa: a atmosfera que cerca os maus é contaminada a tal ponto, que a sua companhia habitua insensivelmente a pensar, a falar e a proceder como eles. Consentiríeis em viver com empestados? É preciso fugir dessa gente corrompida, sem escrúpulos e sem vergonha. As más conversas pervertem os bons costumes, afirma S. Paulo. É necessário combater o respeito humano, não ter

medo de troças. Não devemos ouvir conversas más: a imaginação enche-se de maus pensamentos e familiariza-se, pouco a pouco, com o que antes lhe causava horror; e, dos pensamentos maus às quedas mais lamentáveis, a distância, muitas vezes, percorre-se depressa.

Fujamos das amizades criminosas. Procuremos amizades santas. Às vezes basta uma só palavra para perder uma alma inocente. Jesus ameaça assim os maus e falsos amigos: “*Mais valera...*”.

Fugi pois das más companhias: a vossa honra, a vossa paz, a vossa felicidade dependem em grande parte das amizades que escolherdes.

Tendes de viver no mundo (a não ser que haja um apelo particular da Providência que leve a procurar um refúgio protector na vida religiosa). Mas não sejais do mundo, isto é, não aceiteis as suas máximas, não imiteis os seus exemplos, não sejais suas escravas. Tomai do mundo o que ele vos pode oferecer de distrações e de prazeres honestos, de relações benéficas e de amizades úteis, mas defendei o vosso coração da atracção dos prazeres que perturbam, das sociedades licenciosas.

3º *A Concupiscência*

O terceiro inimigo é a concupiscência, que está em nós mesmos e que é o nosso fundo mau que se manifesta por instintos abjectos. É um germe de inclinação má, inoculada na natureza humana pelo pecado de Adão.

Na vossa idade, essa parte inferior do vosso ser é sacudida por violentas tempestades. A vossa imaginação, o vosso coração, a vossa vontade, os vossos sentidos, tudo isso está exposto a sofrer o impulso das paixões. Sob a acção nefasta da natureza má, os pensamentos vergonhosos, os desejos desregrados, as deleitações carnavais penetram as potências sensíveis e espirituais do vosso ser, manobram-nas, corrompem-nas e acabam por gerar a morte da alma, ao mesmo tempo que imprimem no próprio corpo uma marca que é como que um estigma desonroso e o selo autêntico do vício.

Combatei e esforçai-vos por deter os progressos funestos da concupiscência.

III - As armas de defesa

Quais são os meios de defesa e da vitória contra todos estes inimigos? Nosso Senhor os indica: “*Vigiai e orai!*” Vigiar é o dever do esforço pessoal. Rezar é o auxílio de Deus, sem o qual somos incapazes de operar a nossa salvação.

1º - *A vigilância.*

Estai em guarda para que o inimigo não vos surpreenda. Ele, da sua parte, nos espia para realizar os seus desígnios. Ele ocupa-se constantemente em armar-nos laços. Não dormiteis, pois, espiritualmente, se quereis conservar o tesouro da graça.

Fugi das ocasiões do pecado. Não vos exponhais à tentação. Velai sobre vós, sobre a direcção dos vossos pensamentos e dos vossos desejos, sobre os afectos do vosso coração, sobre o objecto dos vossos olhares, sobre o fim dos vossos passos e das vossas obras.

Enfim, que a vossa vigilância seja enérgica e constante. O espírito toma facilmente boas resoluções, mas a carne traiçoa-as mais facilmente.

A vida não é uma partida de prazer, mas uma coisa que se deve tomar a sério. É um combate, uma luta, uma tentação contínua.

Principalmente nestes dias de retiro, formai-vos para a luta que vos espera. O retiro esclarece o vosso espírito sobre os seus interesses mais sagrados, inflama o vosso coração pelas mais nobres coisas, reanima a vossa boa vontade sustentando as suas forças e consolidando as vossas generosas resoluções.

2º - *A oração.*

É a segunda recomendação de Nosso Senhor para regular a vossa vida militante e assegurar-vos a vitória. A confiança em Deus e a desconfiança de vós mesmas são igualmente necessárias para triunfar das tentações; ora, uma e outra traduzem-se pelo mesmo grito da alma: a oração de quem se humilha e pede socorro.

Muitos cristãos sucumbem, porque se descuidam de empunhar a espada da oração. É nesse momento crítico que devemos recorrer ao Coração de Maria Imaculada e refugiar-nos no Sagrado Coração de Jesus.

A graça basta-nos, mas não é concedida sem a oração. A oração é a única arma capaz de nos defender dos nossos inimigos, diz S. Tomás; está perdido quem não se serve dela. Se, pois, sucumbimos tantas vezes é porque não rezamos ou porque rezamos mal. Portanto: rezemos antes da tentação para preparar a nossa alma. *“E não nos deixeis cair na tentação”*. Não nos ensina a pedir a libertação da tentação, mas a vitória nela.

Rezemos durante a tentação. Resistamos prontamente. Nada de hesitações. A tentação persiste? Não desanimemos. Deus não permite que sejamos tentados acima das nossas forças. Rezemos e não nos faltará a graça onnipotente.

Rezemos ainda depois da tentação. Alcançámos vitória? Humilhem-nos, agradeçamos a Deus e preparemo-nos para novos combates. Se, pelo contrário, fomos cobardes e fracos, levantemo-nos imediatamente por meio de um sincero arrependimento e, ao mesmo tempo, afastemos a mais funesta das tentações, a tristeza que abate, o desânimo.

Mas, se devemos revestir-nos da oração como de uma armadura, é sobretudo a nossa Mãe do Céu que invocaremos com uma filial confiança. A Mãe de Deus, dizia S. Francisco de Sales, *“é terrível para o inimigo como um exército disposto em ordem de batalha, porque o fruto de suas entranhas esmagou a cabeça da serpente infernal”*.

A CONFISSÃO

Era já um favor insigne aplicar-nos os méritos do divino Salvador no sacramento do Baptismo e comunicar-nos a sua vida sobrenatural. A misericórdia divina fez mais. Longe de repelir para sempre aqueles que, depois de terem recebido a primeira graça, caem em pecado, Deus impõe silêncio aos rigores da sua justiça e oferece-nos uma segunda tábua de salvação: a confissão, isto é, a acusação das faltas, feita a um sacerdote, para obter o perdão delas. É coisa que às vezes custa, mas Deus exige-o, a Igreja ordena-o e os nossos próprios interesses nos convidam a fazê-lo e a fazê-lo frequentemente.

I – É preciso confessarmo-nos.

Tarde da Ressurreição. Cenáculo. *Pax vobis*. “*Como meu Pai Me enviou, assim Eu vos envio*”. Missão divina. “*Aqueles a quem perdoardes...*”.

Segundo o Concílio de Trento, Jesus, prestes a deixar a terra, constituiu os Apóstolos e os sacerdotes, seus sucessores legítimos, para julgarem as consciências em Seu lugar. Mas como o poderão fazer sem conhecerem os pecados de que os cristãos se tornaram culpados?

O poder que lhes é conferido é duplo: pronunciar ou diferir a absolvição. Em que bases estabelecer este discernimento, se eles não conhecem as faltas do penitente? Ora, só a confissão simples e fiel os pode discernir.

Desde o IV Concílio de Latrão, em 1215, a Igreja manda que os confessemos ao menos uma vez cada ano. Ao menos. O preceito eclesiástico não tem outro fim senão preservar-nos da desgraça de permanecer no mal.

A confissão, de resto, corresponde a uma necessidade intrínseca que Deus sobrenaturalizou.

O coração com culpas é como o estômago com veneno.

Alexandre dumas: “*Abertura da alma com um sacerdote*”.

O condenado, protestante aos doze anos, que não descansou enquanto não se converteu e não se confessou.

Voltaire: “*Não há instituição mais útil*”. “*É uma coisa excelente, um freio aos crimes inveterados*”.

Rousseau: “*Quantas restituições, quantas reparações a confissão não leva a fazer!*”

Quantos crimes não tem impedido e não impede, a cada momento, a confissão?

Não é a falta de fé, é a corrupção do coração que afasta muitas pessoas da confissão.

II – É preciso confessar-nos muitas vezes.

É bom, útil, às vezes necessário confessarmo-nos muitas vezes, e isto em todas as idades, porque, em todas as idades, se peca, porque em todas as idades se pode morrer, porque em todas as idades, se deve observar a lei divina. Direi mais. À medida que se avança na vida, as paixões desenvolvem-se, os combates tornam-se mais violentos, os ataques mais frequentes e mais temíveis, os inimigos mais numerosos, e estamos de todos os modos expostos ao mal; não é certamente a hora de depor as armas.

Quereis conservar puro o coração, ser forte contra as tentações, desenraizar os vossos maus hábitos? Sede assíduas no tribunal da penitência.

1.º *A confissão frequente purifica o coração.*

Uma casa varrida, muitas vezes mantém-se asseada. O mesmo se dá com a consciência.

Desde que noteis uma mancha na vossa alma, apressai-vos a purificá-la. Teríamos vergonha de aparecer em público com a cara suja. Não deve ela permanecer bela, a alma, aos olhos do Senhor?

O coronel (?)²⁰ confessava-se todos os oito dias, mesmo nos campos de batalha. “*Tirei sempre, escreveu ele, desta fonte fecunda, incentivos para o bem e força para o sacrifício*”.

Porque é que a natureza humana tem tão pouco gosto pelo que a torna mais perfeita e porque é que, por instinto, se compraz ou parece comprazer-se na independência e na desordem?

A vida é um tecido de deveres. Sejamos, pois santos, sejamos puros, é o nosso principal dever.

²⁰ Palavra imperceptível.

Nada manchado pode entrar no reino do Céu. Não procuremos a consolação no tribunal da penitência. A alegria de um convertido ao fazer uma boa confissão é inefável.

Felizes os que têm coração puro!

2.º A confissão frequente fortifica contra as tentações.

Um dos meios mais eficazes para preservar do pecado e fazer na virtude sólidos e rápidos progressos é a confissão frequente. Graça da reconciliação, méritos de Jesus, força de resistência contra as tentações, sábios conselhos, direcção segura, incentivos dados por uma voz paterna que nos ampara e nos consola.

O que o confessor diz é o que está mais em harmonia com as nossas necessidades.

Confessai-vos humilde e devotamente todos os oito dias, dizia S. Francisco de Sales. Recebereis a absolvição dos pecados veniais, uma grande força para os evitar, uma grande luz para os conhecer, uma graça abundante para reparar todo o prejuízo que eles causarem. E exercitareis todas as virtudes.

S. Luís de França dava a seu filho mais velho este conselho: *“Confessa-te muitas vezes e escolhe confessores idóneos que saibam dizer-te a verdade”*.

Uma pessoa não pode tornar-se de repente humilde, obediente, mansa, paciente. Precisa para isso de recorrer muitas vezes às fontes da graça.

S. Filipe Nery: *“Uma paixão ou uma tentação confessada está meio vencida”*.

Mons. Segur: *“Os sacramentos da Penitência e da Eucaristia são as duas armas cujos golpes o demónio mais teme. É preciso recorrer a eles com uma confiança absoluta e na medida em que for necessário; porque é a condição necessária para perseverar”*.

Pe. Allamanod: *“Trinta e cinco anos de experiência ensinaram-me que muitos jovens que dirigi não teriam perseverado se não se tivessem confessado todos os oito dias”*.

Quantas virtudes temos ténues e fracas sucumbem durante os anos perigosos da adolescência e da juventude por não terem empregado o remédio salutar da confissão frequente!

Quereis comunicar à vossa alma essa energia que a tornará vencedora do demónio, da carne e do mundo? Não há senão um único meio: a frequência regular dos

sacramentos da penitência e da Eucaristia; a penitência que não só perdoa os pecados, mas cuja graça sacramental é um poderoso preservativo contra o pecado, e a Eucaristia, esse Pão dos fortes que comunica o valor aos fracos, que produz, alimenta e fortifica todas as virtudes.

3.º A confissão frequente desarreiga os maus hábitos.

S. Tomás: “*A virtude da penitência não destrói somente a falta cometida, mas evita que ela torne a ser cometida*”. Extirpa os germens maus que a nossa pobre natureza humana encerra.

O simples pensamento de que temos de confessar uma falta é próprio para impedir que a cometamos.

A confissão é, em particular, o remédio mais eficaz contra o vício perverso.

A maior parte dos condenados, diz o Cardeal Talet, “*expiam pelo fogo eterno a chama impura em que arderam sobre a terra*”. Todo aquele que não vem a este sacramento, não deve esperar ser casto, sem um milagre ou um privilégio muito particular e muito raro.

Quantas pessoas não devem a sua conduta exemplar, a sua paz íntima, a sua honra, senão à prática habitual da confissão!

A confissão não é uma coisa triste nem uma coisa excessivamente difícil.

A confissão é o perdão total de todos os pecados, o apaziguamento dos remorsos, a paz da consciência, a alegria no fundo da alma, essa alegria pura, essa calma serena que o pecado tinha perdido.

A confissão! Mas ela é a libertação, é a liberdade, é o voo para as alturas, pelo glorioso livramento das paixões más e tirânicas, pelas quais o desgraçado pecador é preso, é cativo de laços ignóbeis.

Ah! Ainda que Deus nos pedisse, aqui, alguma coisa de difícil, e até de heróico, certamente não deveríamos hesitar um só instante em empreender tudo, porque não há esforços nem sacrifícios de que não seja digno o bem inefável de que goza a alma que, sacudindo o jugo do pecado e do demónio, recupera a liberdade dos filhos de Deus, a esperança de uma santa morte, de um juízo de misericórdia e da imortalidade feliz.

1 - A VIDA CRISTÃ

(Natal de 1944)

Houve um dia, já distante, em que depois de Jesus ter batido, com amorosa delicadeza, à porta da vossa alma, uma e muitas vezes, convidando-vos para suas esposas, vós, no ardor generoso do vosso coração, renunciastes ao mundo, aos seus prazeres, às suas riquezas, a um lar que poderíeis constituir, e vos consagrastes ao vosso divino Amigo, ao vosso celeste Esposo, ao seu serviço, ao seu amor.

Mas porquê essa renúncia? Porquê essa consagração? Um único motivo vos inspirava: viver totalmente em Jesus. E, para realizar esse vosso desígnio sobrenatural, quisestes aproximar-vos mais e mais do Divino Salvador, para o estudar, para o conhecer, amar e servir, numa palavra, para o fazer viver nas vossas pessoas, nos vossos pensamentos, nas vossas palavras e nos vossos actos, aniquilando-vos a vós mesmas.

É que uma religiosa, pelo facto de ser religiosa, nem por isso deixa de ser uma cristã – uma cristã superior, sem dúvida, ou que pelo menos aspira a sê-lo, uma cristã que aos olhos da sociedade humana, se compromete a não ter outro desejo, outra ambição, outro amor, outra vida que não seja o divino Salvador.

Por isso, antes de mais, convém expor, numa vista rápida de conjunto o que é a vida cristã.

Dessa vida cristã, de que a vida religiosa que tivestes a ventura e a glória de abraçar é a coroa magnífica, o sublime remate, saem todas essas virtudes de pobreza, de obediência e de castidade, de caridade, de paciência e de humildade que constituem o ornamento da e de que depois havemos de tratar alma consagrada.

Que vem, pois, a ser a vida cristã? Como se define? Ela é a vida de Cristo no homem baptizado. O seu próprio nome o indica: não é a vida de Deus, não é a vida do homem, é a vida de um Deus-Homem, é a vida do Verbo incarnado que de Jesus onde tem a sua origem se espelha sem cessar em todas as almas sobrenaturalizadas pela graça.

Mostrar-vos-ei nesta primeira prática, em primeiro lugar, a vida cristã no seu ponto de partida, isto é, em Cristo Senhor nosso, e depois tal como ela se deve manifestar em cada uma de vós. Ou, por outras palavras, consideraremos essa vida

primeiro na cabeça e depois nos membros. A cabeça é Jesus, os membros sois vós, sou eu, são todas as almas regeneradas na água baptismal.

I – A vida cristã em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Sabeis que ordem admirável Deus estabeleceu na criação e quão maravilhosa é a hierarquia dos seres.

No fundo da escala, as criaturas inanimadas não pensam, não querem, nem sentem; minerais, são impassíveis e inertes; não há neles uma vida verdadeira.

Mais bem dotada é a planta que nasce, cresce e morre depois de ter dado origem a outras plantas da mesma espécie.

Mas acima dela o animal sente a dor ou o prazer, move-se e já se aproxima do homem, esse rei da criação que, de pé sobre a terra que pisa, eleva triunfante o seu olhar para o céu e dirige o seu pensamento para além do horizonte até à Majestade de Deus.

Todavia Deus não se contentou com essas obras-primas, e, como se não estivesse satisfeito de ter dado ao homem apenas essa vida maravilhosa que é a vida humana, vida do corpo e vida da alma, vida da inteligência e do coração, quis conceder-lhe um presente divino que nenhum ser criado, por mais perfeito que fosse, podia esperar: chamou-o a participar da sua própria vida sobrenatural e divina e comunicou-lhe misteriosamente os tesouros inefáveis, as riquezas imensas dessa vida. Daí é que nasceu Jesus, daí é que saiu a graça.

Desde toda a eternidade Deus tinha resolvido comunicar-se ao homem, dar-se a nós, viver em nós e atrair-nos a si. Um dia, pois, dia de glória para Deus e de paz para as almas de boa vontade, como cantaram os Anjos por cima da gruta de Belém, um dia, digo, o Verbo que nasce do Pai e de quem procede o Espírito Santo, se fez carne e vive humanamente.

Tal é Jesus; criatura verdadeira, homem semelhante a nós, sofre a nossa triste condição. Desde o Seu nascimento conhece as duras misérias da vida, e Sua Mãe não sabe onde o colocar nem como resguardar do frio os Seus membros inteiriçados. Menino e adolescente, trabalha a fatiga-Se, sob a direcção de S. José para ganhar com o Seu suor o pão de cada dia. Na força da idade, é alvo de contradição dos Seus inimigos,

suporta a fome e a sede e sofre os tormentos cruéis dessa dolorosa paixão cujas circunstâncias vós bem conheceis.

Tal é Jesus: Deus desde toda a eternidade, semelhante a Seu Pai e ao Espírito Santo, não deixando a Sua união e as Suas relações íntimas com eles e vivendo no meio dos homens, nesse corpo e nessa alma de que se revestiu, a Sua própria vida de Deus.

Assim Jesus é a obra prima de Deus; Deus e homem ao mesmo tempo, ele é, como disse S. Paulo, *“o primogênito de toda a criatura”*. (Col 16,17).

É esse Jesus, como dizia ainda S. Paulo aos seus caros Colossenses, *“é Nele e sobre Ele que a universalidade dos seres está fundada, que no céu, quer na terra; não só os visíveis, mas os invisíveis; não só os homens mas os anjos, os tronos, os principados, as potências; é antes de tudo, e todas as coisas têm Nele o Seu apoio, a Sua estabilidade, a Sua harmonia, a Sua consistência”*.

E esse papel de mediano, Jesus tê-lo-ia exercido mesmo que o homem não tivesse pecado; por vias que ignoramos, teria conduzido o mundo a Deus. Mas agora no nosso estado de decadência, de miséria e de ruína, Ele nos reconduz a Seu Pai pela redenção. Ele que teria sido a vida do mundo, será além disso a Sua ressurreição; ele que teria sido Jesus, será Jesus ressuscitado e crucificado, porque aprovou a Deus que, residindo em Jesus a plenitude absoluta, todas as coisas fossem reconciliadas Nele e por Ele e que o Seu sangue purificasse tudo no céu e na terra.

Assim a vida cristã tem a sua fonte em Jesus; é a própria vida de Deus comunicada à santíssima humanidade do Salvador;

E esse homem, filho de Maria, filho de David, tornado, por um mistério de amor, filho de Deus numa só pessoa, a pessoa eterna do Verbo. São portanto as perfeições, as grandezas de Deus existentes num homem, a sua beleza e o seu poder, a sua luz e o seu amor, a sua justiça e a sua santidade; numa palavra, é o próprio Deus incarnado num homem, é Jesus.

II – A vida cristã nos homens.

Dir-se-ia que o poder de Deus se esgotou em formar Jesus, Deus e homem, homem e Deus, numa só pessoa. E contudo não é assim; a nossa fé não faz senão entrar no mistério e as maravilhas de amor que nos resta admirar são inúmeras.

E com efeito para que é que Jesus possui a sua vida? Sem dúvida para a fazer servir à glória divina. Mas o melhor meio de a fazer servir à glória divina não é porventura toma-la e dá-la a cada um de nós para nos transformar, para nos santificar e deificar?

“Eu sou a vida”, gostava Jesus de repetir aos seus apóstolos, “Eu sou a vida e vim para que os homens tenham a vida e a tenham com superabundância” (Jo 10,10).

É esse o maior, poder-se-ia dizer o único desejo de Jesus: viver nas almas, entrar nelas, aí habitar e agir. Ele mesmo no-lo diz: *“Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa”*. (Ap 3, 20).

Sem dúvida, há diferença entre a vida de Deus em Jesus e a sua vida em cada cristão. Em Cristo o Verbo incarnou em Jesus, a segunda pessoa da Santíssima Trindade; em cada cristão, pelo contrário, há dois seres, dois indivíduos, duas pessoas: o homem que subsiste e Jesus que se uniu a ele, não certamente para o amesquinhar, para o diminuir, e ainda menos para o aniquilar, mas para o elevar, para o engrandecer, para o deificar.

E por isso, em verdade há maior diferença, entre um homem composto de corpo e de alma e um cristão, homem unido a Nosso Senhor Jesus Cristo, do que entre um homem e um animal; mais ainda, o cristão é mais que um homem, mais que o homem mais perfeito jamais poderia ser, porque é um homem que participa da própria vida de Deus.

Mas que faz Jesus nas almas? Ah, eu não tenho necessidade de o revelar a vós, almas que Ele escolheu para suas esposas; Ele vos deu essa fé, essa esperança, essa caridade que vos fizeram o que vós sois.

Pelo baptismo, Ele toma posse das almas, expulsa delas o espírito das trevas e estabelece-se lá como Senhor, inteiramente disposto a derramar os seus benefícios e a fazer correr a sua vida abundante e fecunda, se a alma, sempre livre de si mesma, não puser a isso obstáculos pela sua perversidade.

Depois por mil meios e sob mil formas, fortifica, alimenta e desenvolve essa vida; mas sobretudo serve-se dos sacramentos, fontes maravilhosas da graça, canais misteriosos que Ele próprio abriu na sua bondade, para nos comunicar a sua vida.

Vivendo numa alma, revela-lhe os seus segredos, descobre diante dela horizontes desconhecidos; à sua razão acrescenta a fé que penetra no santuário íntimo da Trindade

Vivendo numa alma, manifesta-lhe os mistérios da vida futura, dá-lhe a conhecer a glória dos eleitos e assegura-lhe os meios inefáveis de a possuir para sempre.

Vivendo numa alma, fá-la arder da chama divina da sua caridade. Acima de tudo e antes de mais nada, fá-la amar a Deus; em seguida, depois de lhe ter ensinado que Deus criou cada um dos homens à sua imagem e semelhança, inspira-lhe por todos esses filhos de um mesmo Pai celeste, por todos esses irmãos da mesma família divina um amor que nada é capaz de abalar.

Por outro lado, nesta obra de santificação, Jesus não está só; Ele não levanta em cada alma um templo em que esteja só, uma morada em que viva solitário. *“Eu e Meu Pai não somos senão um”*, dizia Jesus (Jo 10, 80); e noutra parte: *“Se alguém, Me ama, guardará a Minha palavra, e Meu Pai o amará, e nós viremos a ele, meu Pai, eu e o nosso amor, que é o Espírito comum, o Espírito Santo, e estabeleceremos nele a nossa morada”* (Jo 11, 25).

E enfim esta vida da Trindade no cristão, como toda a vida real, desenvolve-se e progride. Se não formos obstáculo a isso, se damos o nossos consentimento, Deus dispensa-nos uma vida cada vez mais rica e abundante. *“Nós vamos, diz S. Paulo na sua segunda epístola aos Coríntios, de claridade em claridade; e sob a acção do Espírito Santo, transformamo-nos pouco a pouco na sua imagem que é sempre a mesma”* (Cor 3,17).

É esse com efeito o fim único da nossa vida: assemelhar-nos a Deus, assemelhar-nos a Jesus; irmos ao nosso Pai celeste pelo seu Verbo incarnado, na força do Espírito Santo. E isto de tal modo que, quanto mais perfeitamente imitarmos a Jesus, mais abundantemente possuiremos a vida cristã. E, quanto mais possuímos a vida cristã neste mundo, mais gloriosos seremos no Céu. Nós bem o sabemos: a graça é a glória como que revelada, e a glória é a graça a descoberto; e, como vós não deixastes o mundo, senão para assegurardes para vós junto de Deus uma glória mais pura e mais radiosa, esforçai-vos por conquistá-la desde já, trabalhando cada dia com maior ardor em fazer viver em vós Aquele que é a vida.

2 - O ESTADO RELIGIOSO

(Natal de 1944)

Deus, que antes de mais nada é bom, de tal maneira que em França até a multidão indiferente não lhe chama senão o bom Deus, Deus, digo, quer a salvação de todos os homens; entre todos as criaturas racionais, formadas à sua imagem, que Ele chama à vida, não há nenhuma que não destine à santidade.

Ora é uma verdade não menos certa da nossa fé que não há senão um nome no qual nos é dado ser salvos e esse nome é o nome de Jesus. Por consequência, e muito naturalmente, cada homem, nos desígnios eternos do Providência, não é criado para ser um cristão.

Todavia, se todos são chamados sobre a terra a este ideal, se todos são convidados a entrar na grande família de Cristo, se todos, numa palavra, são feitos para participar desta vida cristã, sobrenatural e divina, de que vos falei na primeira prática, nem todos são chamados a realizar esse ideal no mesmo grau, a entrar tão intimamente nessa divina família, nem a desenvolver-se tão perfeitamente nessa vida nova.

Do mesmo modo que na sociedade humana os fortes vivem ao lado dos fracos, assim também na sociedade divina que é a Igreja.

E do mesmo modo também que entre as inteligências, umas se abrem com dificuldade à verdade, ao passo que as outras a recebem com abundância, assim sucede com os cristãos dos quais uns não formam senão uma fé confusa, enquanto outros, mais privilegiados e mais laboriosos, gozam de uma fé mais esclarecida, mais luminosa e mais forte.

Sem dúvida, como disse S. Paulo aos Efésios, *“antes da criação do mundo e do início do tempo, Deus, segundo a sua vontade libérrima e onnipotente, predestina-nos, escolhe-nos, abençoa-nos em Jesus, aceita-nos nele, a fim de que diante dele sejamos santos e puros no amor e nos tornemos assim um louvor a uma glória para a sua graça”* (Ef 1, 3-6).

Mas, como há pouco vos dizia, Deus não nos predestinou todos para a mesma perfeição, para a mesma santidade; de uns faz seus apóstolos e seus doutores, doutros seus mártires ou seus profetas; à multidão não dá senão uma santidade comum, a vários

a honra e os encargos do sacerdócio, a algumas almas de eleição a graça da vida religiosa.

É que, com efeito, esta vida de que fazeis profissão não é outra coisa senão a vida cristã, mas a vida cristã levada a um alto grau de perfeição.

Nesta prática eu quereria recordar-vos com simplicidade em que consiste precisamente essa vida religiosa e depois indicar-vos alguns dos seus frutos mais preciosos.

I – Natureza da vida religiosa.

Quem diz religião, diz como bem sabeis, relações do homem com Deus, de sorte que as diferentes religiões espalhadas pelo mundo não são senão as diversas maneiras como são concebidas e realizadas essas relações da terra com o céu.

E porque assim é, a vida religiosa, como o seu nome o indica, deverá ser inteiramente reservada a essas comunicações sobrenaturais; aquele ou aquela que a abraça deverá diminuir e aniquilar de algum modo todas as suas relações com os homens, para não se comprazer senão nas suas relações divinas.

E na realidade tal é a concepção que fazeis da vida religiosa; esta é antes de mais nada uma vida de comércio íntimo e incessante com Deus.

Como se *estabelece*, pois, este comércio e em que *consiste*?, eis as duas perguntas a que vou esforçar-me por responder.

Como se estabelece essa comércio íntimo da alma que faz profissão de vida religiosa com o seu Deus?

Terei porventura necessidade de o recordar? Todas vós tendes presente na memória o dia abençoado entre todos, pelo qual tanto suspirastes, e em que destes entrada neste Instituto para vos consagrardes ao serviço de Deus.

É efectivamente por meio de uma consagração, mesmo despida de todo o aparato exterior, de toda a solenidade, por uma consagração da alma e do coração, que se inicia a vida religiosa. Assim como Jesus está consagrado, desde toda a eternidade, a seu Pai, a quem presta as suas homenagens de tal maneira que foi justamente chamado “o religioso de seu Pai”, assim vós, por vossa vez, vos consagrastes, vos dedicastes a Deus, e a mais ninguém do que a Deus.

Evidentemente, esta consagração é inferior à de Jesus, vosso modelo, mas nem por isso é menos verdadeira. A exemplo do vosso divino Mestre, vós dissestes, ao menos com o coração, quando entrastes nesta santa casa, ao vosso Pai do Céu, as palavras que o Verbo lhe dirigiu primeiro: *“Eis-me aqui, meu Pai, eu venho para cumprir em tudo a vossa santa vontade”*.

Em que consiste? Em, cumprir a vontade de Deus, eis a vossa missão, missão nobre entre todas que vos impusestes voluntariamente a vós mesmas ao abraçardes a vida religiosa. Abraçando a vida religiosa, realizastes de um só golpe duas grandes coisas: separaste-vos do mundo e vos consagrastes a Deus.

A este mundo em que nascestes, em que vivestes, em que podíeis continuar a santificar-vos, como o comum dos cristãos, disseste eternamente adeus.

Não é que este mundo seja mau em si mesmo e que fosse impossível alcançar a salvação no meio dele. Não, não foi esse o vosso pensamento; sabíeis muito bem que entre os vossos irmãos podíeis trabalhar com eficácia na obra da vossa salvação, mas sabíeis também que há um estado de vida melhor, mais perfeito, mais santo, mais feliz – o estado religioso, e, sob a influência da graça divina, abraçastes esse estado. Assim, pois, vos separastes do mundo.

Mas, se não receastes dar esse passo, vibrar esse golpe, que talvez vos custasse tanto, não foi por desprezo nem por orgulho; foi pelo desejo de vos tornardes mais semelhantes a Jesus, foi para vos consagrardes a Deus mais perfeitamente. E esta palavra consagração diz tudo.

Almas consagradas a Deus, que fazeis? Em que ocupais, em que empregais a vossa vida? Já vo-lo disse: em vos aproximardes mais de Jesus, em estreitar e em tornar mais numerosos ao laços que vos unem a Deus.

Enquanto tantas pessoas, pondo estultamente de parte o único negócio importante, o único verdadeiramente necessário, gastam todo o seu tempo, consomem toda a sua força, todas as suas energias em procurar uma riqueza efémera e uma glória ainda mais efémera, vós, mais ambiciosas, e santamente ambiciosas, e mais sensatas e razoáveis, reservastes-vos exclusivamente para Deus.

Depois de vos terdes separado de tudo quanto vos afastava da perfeição, depois de vos terdes separado da sociedade, da família, das ocupações e cuidados e de vós

mesmas, renunciado ao mundo, vós vos consagrastes única e exclusivamente ao amor e ao serviço do vosso divino Esposo.

Assim, usastes santamente da vossa vontade, praticastes um acto sublime de liberdade e ligastes-vos de modo indissolúvel à verdade, à justiça, à santidade, ao amor.

Desde então, vós já não vos pertenceis, vós tornastes-vos o bem, a propriedade de Jesus. Nada do que está em vós é vosso; os vossos olhos e os vossos lábios, as vossas mãos e os vossos pés, todo o vosso corpo, a vossa inteligência e o vosso coração, toda a vossa alma, os vossos actos, o vosso tempo, a vossa vida, tudo é de Deus.

Doravante não podeis subtrair seja o que for de vós mesmas a Deus sem lhe roubardes um bem que lhe é próprio; já não sois senhoras de vós mesmas, Deus o é em vosso lugar; de tal maneira que tudo o que sai de vós, tudo o que vem de vós é igualmente o bem, a propriedade exclusiva de Deus. Aonde quer que vades, sois consagradas; fazei o que fizerdes, sois consagradas. Já não sois senão instrumentos, instrumentos vivos, é verdade, mas instrumentos reais de que Deus se serve para a sua glória.

Mais uma vez, desde que vos constituístes nesse glorioso estado de religiosas, de consagradas, mesmo sem a emissão dos votos feita oficialmente, vós já não viveis; é Deus e só Deus que vive, pensa, ama e opera em vós.

Oh! Amai este estado de perfeição que escolhestes como herança, no tempo e na eternidade; não consintais nunca na tentação de vos arrependerdes de o terdes abraçado; senti-vos antes felizes de vos haver caído essa sorte, de terdes preferido essa gloriosa escravidão a todas as honras e grandezas do mundo; e todos os dias repeti com uma alegria sempre nova, no segredo das vossas almas: *“Estou separada do mundo, estou consagrada a Deus, pertença-lhe sem partilha, em relação a todas as coisas e para sempre”*.

II – Principais frutos da vida religiosa.

Se tal é a grandeza da vida religiosa, podemos facilmente calcular quanto são preciosas as consequências que daí derivam para a alma que a abraça. Por outro lado, se eu quisesse expor-vos todos os frutos maravilhosos que ela produz, nunca o poderia fazer cabalmente. A história, sem dúvida, revela-nos os benefícios da vida religiosa para

a sociedade; mas o que a história não nos dirá jamais, o que mesmo os arquivos das casas religiosas não manifestam, são os favores íntimos, inumeráveis e incompreensíveis de que Deus como que inundou as almas de eleição que O escolheram para sua partilha.

Quando muito, o que eu mesmo não poderia dizer-vos senão balbuciando apenas, vós mesmas, vós que viveis essa vida, vós o tendes sentido, vós o sentis todos os dias; e cada minuto vos prova, mais que todas as palavras, que Deus, segundo a expressão da Sagrada Escritura, “*é magnífico no seu reconhecimento*” (Ecle 35, 12) e que vos paga centuplicadamente o pouco que vós Lhe oferecestes.

Deixai-me porém indicar-vos brevemente **dois** dos principais frutos da vossa vida de consagradas a Deus:

O primeiro, e certamente não é o menor, é a glória que dais a Deus. Reflecti um pouco nesta admirável verdade. Qual é o ser que julgais contribuir em mais larga escala para a glória de Deus? Evidentemente aquele que é mais perfeito, e, na verdade, ninguém mais do que Jesus desempenha esta sublime função. Mas, fora de Jesus, entre os cristãos, quem é que mais do que vós assegura completamente o triunfo de Deus? Porque, com toda a verdade, já não sois vós mesmas que agis: pelo vosso corpo, pelos vossos membros, pela vossa alma, pelas vossas faculdades; já não sois vós que vos servis da vossa pessoa, mas sim Deus que é o seu único Senhor, o único director, o único princípio.

E assim o próprio Deus trabalha em vós para a Sua própria glória, como trabalhava para esse fim Jesus, mas com a diferença de que a vossa personalidade subsiste e de que não sois como Jesus uma pessoa divina.

Todavia, como há pouco vos disse, sois um instrumento divino, sois uma coisa de Deus, mais do que isso, uma pessoa de Deus.

Não vos admireis, pois, de que Deus realize em vós e por meio de vós tantas coisas! Isso é muito natural. Os outros cristão não abdicaram da sua liberdade, conservaram a posse de si mesmos, e Deus não pode fazer neles tudo o que quer, porque tem que contar com uma vontade livre que sempre se reserva a faculdade de não executar os seus desígnios. Mas é exactamente o contrário que sucede convosco.

Pelo facto da vossa consagração especial ao serviço do Senhor, entregastes a vossa vontade, a vossa liberdade, como tudo o mais, nas mãos de Deus; renunciastes à

triste faculdade de vos entregardes ao mal, porque só o Senhor goza de liberdade perfeita, aquela que ignora toda a decadência e é incapaz da menor mancha.

Sim, se tudo no universo proclama a glória do Criador, se o Céu e a terra cantam a sua grandeza, nenhum ser mais do que vós, neste concerto universal, proclama a sua majestade e a sua santidade.

Mas isso compreende-se muito bem. Donde procede que possuis tantas aptidões para procurar a glória de Deus, senão do facto de estardes unicamente unidas a Jesus, união especial, íntima, fecunda, que é o **segundo** fruto da vida religiosa, de que eu quereria dizer-vos ao menos uma palavra antes de concluir esta prática?

Toda a alma cristã, sem dúvida, está unida a Jesus, e tão intimamente, que ela é já Sua esposa. Contudo, a quem é que o mundo, mesmo na sua linguagem ordinária, concede este lindo título de esposas de Cristo? É a vós e àqueles que se vos assemelham; é a todas as religiosas que Ele o reserva.

Porque, evidentemente, não podeis desinteressar-vos dos trabalhos do vosso Esposo divino; mais ainda, vós vos associais a Ele nos Seus trabalhos, vós vos tornais Suas auxiliares, e assim participais de alguma sorte da fecundidade de Maria, porque vos tornais verdadeiras Mães, na ordem da geração das almas.

Com Jesus, vós alcançais a conversão dos pecadores, vós reparais as ofensas que se fazem a Deus, vós afastais castigos e atraís graças de perdão e de santificação, vós cultivais o espírito das crianças nas obras anexas, vós espalhais pela boa imprensa a luz da verdade que salva as almas; com Jesus vós estabeleceis o seu reinado, vós sois vasos de santificação e instrumentos de redenção.

E basta. Se quisesse dizer todos os frutos que resultam da vossa consagração a Deus, nunca mais acabaria; eu quis apenas trazer-vos à memória de uma maneira sucinta o que constitui o fundo do vosso pensamento, dos vossos amores, da vossa vida. Não tive outra intenção senão fazer-vos amar ainda mais, se é possível, essa vida de consagradas, essa vida de religiosas à qual vos entregastes.

Sim, amai-a sem cessar, com todos os vossos ardores, essa vida que é a mais bela, a mais pura, a mais nobre que existe sobre a terra. Regozijai-vos por terdes sido chamadas a partilhá-la, por terdes sido convidadas a sentar-vos nesse trono, porque sabeis melhor do que ninguém que *“servir a Deus é reinar”*.

3 - A POBREZA

(Natal de 1944)

Expus na minha prática anterior em que consistia a vida religiosa e mostrei que ela não era senão um desenvolvimento, uma expansão admirável da vida cristã. Querendo ajudar-vos a adiantar mais e mais, nesta via de santificação, e fazer que gozeis mais profundamente desta vida; indicar-vos-ei desde agora quais são as virtudes que deveis exercitar e desenvolver nas vossas almas.

Começarei por aquelas às quais estais mais rigorosamente obrigadas pela vossa consagração, e continuarei por outras, não menos belas nem menos necessárias, que são exigidas pela vossa missão de religiosas semi-contemplaivas. A pobreza, a castidade e a obediência; depois a caridade, a paciência e a humildade, tais serão os assuntos das minhas instruções que desde já entrego à vossa meditação.

Dos três votos, pelos quais se costuma ligar uma alma consagrada, primeiro particularmente, e, em seguida, oficialmente, no dia da sua profissão, o primeiro é o da pobreza; é, pois, para ele que quero atrair hoje a vossa atenção.

A santa pobreza tem preocupado sempre vivamente os fundadores e superiores dos Institutos religiosos; todos se comprazerão em ver nesta virtude uma base indispensável para a existência das Ordens e Congregações. Isto mostra qual é a sua importância e qual o empenho que deveis ter, e o cuidado que deveis empregar em praticá-la.

Sem ela, a vida religiosa é impossível. Declara-o S. Inácio, ele que nas suas célebres Constituições afirma que a pobreza é *“a sua arma de defesa”*. E, por outro lado, a história prova claramente que uma comunidade em que a pobreza é descurada, em que se satisfazem todas as suas comodidades, em que não se repele o supérfluo, é uma comunidade, senão má, pelo menos em decadência e próxima da sua ruína. S. Francisco de Sales, que era bem entendido nestas matérias, escrevendo às Religiosas de um convento de Paris, chamava à falta de pobreza *“o áspide da dissolução e do desregramento”*, e dizia que essa falta, por mais pequena que seja ou pareça, é má, não vale nada, arruinar-vos-á e prejudicará a vossa própria casa.

Não insisto mais. Vós não vos esqueceréis desta advertência de S. Francisco de Sales e não hesitareis em sujeitar tudo o que for contrário a essa bela virtude da pobreza, cuja natureza vou expor-vos antes de vos recordar a que é que ela vos obriga.

I – Natureza da santa pobreza.

Todo o cristão deve ser pobre, deve ter o espírito de pobreza. Jesus, pelo Seu exemplo do mesmo modo que pelas Suas palavras, exige esta virtude de todos os Seus discípulos. O pobre filho do carpinteiro José gostava de se rodear de pessoas da sua condição; foi com elas, sobretudo, que viveu, foi a elas que quis.

Assemelhar-Se e foi de uma dura condição que quis partilhar, porque até ao último dia não teve uma pedra onde reclinar a cabeça. Contra os ricos que fazem mau uso dos seus bens e lhes apegam o coração, não profere senão maldições, ao passo que bendiz os desgraçados e declara formalmente que “não pode ser Seu discípulo aquele que não renuncia a tudo o que possui.” (Lc14, 33).

Mas vós sois obrigadas a mais do que isso; vós não deveis ser cristãs ordinárias, por consequência não podeis contentar-vos com uma pobreza ordinária e comum.

Não vos basta com efeito obedecer ao preceito divino, é-vos igualmente preciso seguir o conselho. Porque a vós, como ao jovem ávido de perfeição de quem fala o Evangelho, diz Jesus: “*tu que queres ser perfeita, vai, vende os teus bens e dá o valor deles aos pobres*” (Mt 19,21).

E esta palavra, palavra doce na sua austeridade, vós a ouvistes e dóceis vos deixastes guiar por ela; desprendestes o vosso coração das riquezas do mundo e, depois, não desejando senão os bens celestes, pronunciastes, embora particularmente por enquanto, esse voto que vos priva do direito legítimo de possuir.

Volvestes os olhos para as maravilhas enganadoras da terra, reconhecestes a sua vaidade, descobristes o seu nada e a todos esses bens que a morte aliás vos havia de arrebatat dissestes generosamente adeus.

Não certamente que os desprezásseis, porque os considerais como obras do poder divino e instrumentos destinados a promover a glória do Senhor. Mas compreendestes que o único bem é Jesus, é a Santíssima Trindade e resolutamente vos decidistes a não querer eternamente possuir senão a Ele no Céu e na terra, fazendo o voto de pobreza.

Seguramente, o voto pelo qual vos ligastes não é o mais rigoroso que existe. É substancialmente idêntico ao voto simples que fareis no dia da vossa profissão. Há-os mais rigorosos e extensos. Ao passo que certas religiosas renunciavam ao direito, e renunciavam absolutamente, de possuir jamais seja o que for, e por conseguinte não podem receber, nem adquirir, nem reclamar, nem herdar, nem legar, nem mudar, nem emprestar, nem dar, nem, numa palavra, fazer qualquer acto de propriedade, vós ides muito menos longe; se renunciastes ao direito de dispor dos vossos bens por vós mesmas, conservais a verdadeira propriedade deles.

Contudo, tal como é, por incompleto que seja, o vosso voto liga-vos muito verdadeiramente e muito rigorosamente e vós ofendereis a santa pobreza todas as vezes que, por um acto interior ou exterior, agirdes contra esse voto.

E, além disso, esse voto não é senão um baluarte, é a defesa duma virtude, da virtude da pobreza. O voto despojou-vos das coisas que tínheis, mas só a virtude vos desprenderá delas; e foi por ela que na realidade fizestes o voto, de sorte que este não é senão um meio de exercer aquela. Houve quem dissesse numa formosa e feliz comparação: *“A virtude é o santuário, o voto não é senão a muralha que a cerca e protege”*.

Que assim seja convosco: que o vosso voto vos defenda!

Tende todo o cuidado em não o violar, porque assim feriríeis a virtude, e é dela que deveis ter uma santa avidez porque vos une mais inteiramente a Deus, porque vos desprende mais completamente dos bens criados e das riquezas perecedoras deste mundo e vos faz subir cada vez mais até junto do único ser verdadeiro, do único bem, isto é, de Deus!

II – Obrigações da pobreza

Estais, pois, obrigadas à virtude da pobreza e, para vos facilitar a aquisição dessa gloriosa virtude, renunciastes pelo vosso voto à livre disposição dos vossos bens.

Que fareis então doravante para praticar esta virtude?

Em primeiro lugar, e isto é bem evidente, não vos é permitido voltar atrás. Estabelecesteis uma barreira entre o mundo e vós; esta barreira Deus fortaleceu-a

aceitando o vosso voto; é-vos impossível transpô-la sem destruir a obra de Deus, sem o ofender gravemente.

Não disporeis, portanto, jamais dos bens a que renunciastes por certo; mais ainda, nem sequer já disporeis deles livremente em espírito. Quanto à propriedade fundamental, ah, usai dela o menos possível; e a vossa virtude se sentirá bem com isso. Se se apresentar a ocasião de exercer os vossos direitos conservados, procedei como se tivésseis renunciado a esses direitos; evitai ter uma vontade ou mesmo um desejo; considerai-vos como despojadas do que vos pertence e deixai-vos guiar unicamente pelos vossos superiores, pouco vos importando de saber se os vossos bens poderiam receber um emprego, uma aplicação mais útil. Assim aproximar-vos-eis da pobreza total de que certamente não fizestes voto, mas que deveis desejar e agir como se nada vos pertencesse como próprio.

É que, na verdade, não vos basta não violar gravemente o voto para serdes verdadeiramente pobres; a vossa virtude, como já disse, deve ir muito mais longe. Não é suficiente que a virtude não morra; pela observância do voto, é além disso preciso, e vós o querereis, é preciso que ela viva.

E como viverá ela? Ah, em primeiro lugar pela renúncia a tudo o que seria supérfluo. Um grande escândalo para o mundo é uma comunidade rica que não tem falta de nada e que parece gozar mais do que da simples mediania. Deus permita que nunca se cometa este escândalo! Eu bem sei que as obras anexas podem obrigar-vos a possuir muito, embora, pela índole do Instituto, nunca deixem de ser simples: casas de hóspedes, salas de trabalho, serviços de redacção e administração da boa imprensa e outras semelhantes. Para as hóspedes, para as crianças, podeis precisar de salas espaçosas, de grandes jardins. Mas não vos apegueis a essas coisas. Essa casa, essas salas, esses jardins, essas varandas – oferta de almas generosas em favor do nosso Instituto na maior parte dos casos – são a casa, as salas, os jardins, as varandas das hóspedes e das crianças. As religiosas não são senão as suas servas: não têm nenhum direito a esse conforto, todo o supérfluo lhes é interdito. Nada pois para o vosso uso pessoal que não seja estritamente necessário; evidentemente que deveis viver, mas na pobreza, privando-vos de tudo o que não convém ao estado de uma religiosa de quem Deus é o único bem.

Examinai, pois, atentamente a vossa consciência sobre este ponto; perguntai a vós mesmas se não procurais em demasia satisfazer as vossas comodidades, se vos contentais pura e simplesmente com o que vos é indispensável. No que reclamais para vós, para os vossos ofícios, para as vossas obrigações, não há nada de que possais prescindir? Não desejais algum objecto mais cómodo do que aqueles que são postos à vossa disposição e que certamente podem bastar-vos? Não criais necessidades imaginárias? Reflecti nestes pontos.

Sem dúvida procedereis com prudência e não cometeréis nenhum excesso, nenhum exagero, se antes de ceder ao menor dos vossos desejos, antes de satisfazer a uma necessidade nova, entrardes na vossa consciência e diante de Deus que vos aconselhará o que deveis fazer, examinardes se a vossa pobreza não ganharia em sujeitar-se a essa privação.

Um bom meio de não cair em excessos é viver sempre da vida comum. Amai essa vida comum, amai a alimentação comum, as roupas comuns, os livros comuns e os usos comuns. Contentai-vos com o que é de todas para todas e, tanto quanto possível, não reclameis nada, não desejeis nada de especial, de particular. Assim evitareis tudo o que é supérfluo.

Já se vê que o que digo não se refere aos casos de doença, e especialmente aos casos de sofrimento do aparelho digestivo, embora mesmo nesses casos seja preciso usar de vigilância para evitar ilusões a que o mal de que se padece dá muitas vezes ocasião. Na dúvida, o melhor é a exposição singela do que se sente e o abandono à obediência, suportando com santa resignação os esquecimentos, os descuidos, as faltas de compreensão da parte da cozinha.

Isto, porém, não será ainda o limite da vossa pobreza; tereis a peito privar-vos também às vezes do indispensável e do necessário, ainda que sempre com prudência e discrição e na mais perfeita submissão à vontade dos superiores.

Nenhuma religiosa morreu jamais de fome em comunidade; por isso aplicai-vos sem receio a reduzir, se a vossa saúde o permitir, o vosso necessário. A Providência vela por vós e vos alimenta; mas regozijai-vos quando parecer que vos esquecem e vos deixam ao abandono, e, com S. Teresa, dizei de bom grado: *“Quanto menos temos, menos são os meus cuidados e Nosso Senhor sabe muito bem que sinto maior desgosto quando as esmolas vão além do necessário do que quando nos falta alguma coisa”*.

Portanto, se tiverdes de sofrer uma privação, um esquecimento, um descuido a vosso respeito, não vos queixeis nem vos lamenteis; pelo contrário: regozijai-vos, alegrai-vos, cantai a vossa pobreza e a vossa miséria: Sois assim mais semelhantes a Jesus que abraçou a pobreza por amor de nós. Os pobres no mundo sofrem muitas vezes fome e frio; às vezes nem sequer têm um bocado de pão; por isso, vós que fizestes voto de pobreza regozijai-vos quando o vosso apetite não estiver completamente satisfeito ou quando os alimentos mal preparados torturam o vosso estômago. Quisestes ser pobres, deveis suportar os inconvenientes da vossa condição; os bens do Céu compram-se por este preço. Que não se possam aplicar-vos estas palavras de S. Vicente Ferrer, palavras que são infelizmente verdadeiras: *“Há muitos que se ufanam do nome de pobres, mas muitas vezes em que condições? Com a condição de não lhes faltar nada. Dizem-se amigos da pobreza e quando os verdadeiros amigos da pobreza se apresentam, a saber a fome, a sede, a indigência, a humilhação, fogem deles o mais que podem”*.

Vós não fugireis desses amigos da pobreza, fugireis pelo contrário do supérfluo e gostareis de vos privar do necessário. E por isso sereis também muito cuidadosas no uso dos objectos colocados à vossa disposição; aceitareis com simplicidade o que vos puserem nas mãos e também com simplicidade entregareis o que vos pedirem; numa palavra, usareis de todas as coisas que estão ao vosso serviço como se não usásseis delas; ou antes considerareis sempre como sagradas as coisas de que vos servirdes, respeitá-las-eis, venerá-las-eis como objectos confiados aos vossos cuidados.

Assim acautelai-vos bem de as deteriorar; porque não tendes o direito de fazer mal a ninguém, e, se por vossa negligência, a comunidade tivesse de aumentar as suas despesas, quem que afinal de contas as suportaria? Quem pagaria as despesas originadas da vossa falta? Os pobres a quem pertence o vosso supérfluo. Tratai todas as coisas como um bem de Jesus, posto à vossa guarda, para a obra da vossa santificação.

Enfim, na vossa santa pobreza, no meio da vossa indigência voluntária, não esqueçais o preceito da esmola. Sois pobres, é verdade, mas há pessoas mais pobres do que vós. Se a Providência vos enviar algum supérfluo, agradecei-lho, mas não utilizeis esse supérfluo para vós mesmas, espalhai-o em benefícios em torno de vós, na medida que as circunstâncias o exigirem e segundo as regras da prudência. Se não possuídes senão o necessário, não hesiteis algumas vezes, quando a ocasião se apresentar, em privar-vos mesmo de uma parte desse necessário em favor dos infelizes que vierem

implorar o vosso auxílio; e, se é possível, não deixeis ir embora, sem uma consolação, sem um lenitivo, o mendigo que bate à porta e vos pede um bocado de pão. Vale mais que vós, servas de Deus, consagradas à pobreza, tenhais falta do necessário do que esses desgraçados que põem só na Providência o cuidado de os sustentar.

Se assim fizerdes, se fordes bastante fiéis à pobreza a ponto de vos privardes mesmo do necessário, então amontoareis para o futuro bens imorredoiros, tornar-vos-eis ricas de boas obras e de méritos; tereis seguido verdadeiramente o conselho de Jesus e compreendido exactamente o seu pensamento; sereis felizes porque sereis pobres em espírito e em verdade.

E assim, por outro lado, tornareis florescente o vosso Instituto, porque, segundo esta frase de S. Teresa que eu quero depor nas vossas almas no fim desta prática: *“Enquanto tiverdes este procedimento, não receareis ver cair a regularidade”*.

Quereis ser regulares?

Tende a peito ser fiéis aos vossos compromissos religiosos e empregai os meios de praticar cuidadosamente a santa virtude da pobreza.

4 - A CASTIDADE

(Natal de 1944)

A ordem das vossas instruções leva-me a falar-vos hoje de um assunto grave e delicado entre todos.

Fazendo profissão de religiosas, acrescentastes ao voto de pobreza o voto de castidade; é deste último que quero hoje falar-vos ou antes da virtude que ele protege.

Não tenho a intenção – vós o compreendereis muito bem – de vos definir esta virtude; sabeis perfeitamente que ela tem um domínio imenso e que tem por fim estabelecer ou melhor conservar a ordem que a moral prescreve à alma nas suas relações com o corpo.

Filha da temperança, ela é, como se tem dito, *“um hábito real que faz que a razão tenha sob o seu cetro, e num domínio completo, os actos, quaisquer que eles sejam, do corpo e até os seus movimentos”*. Serva da razão e da fé, ela põe uma ordem divina em toda a economia humana orgânica, pelo menos na medida em que essa economia está sujeita à nossa liberdade e cai sob a lei moral.

Sem dúvida, é uma virtude austera entre todas, porque não é fácil estabelecer e manter a paz neste mundo do nosso corpo que a concupiscência invadiu e se esforça por arrastar aos seus maus desígnios.

Ela exige portanto de vós, que sois obrigadas a praticá-la por profissão mais completamente que outros, muita energia e força; energia e força que são tanto mais necessárias quanto as ocasiões de queda são mais numerosas e mais instantes, porque, se há um ponto que a tentação ataca, é precisamente esse.

Eis porque os Santos nos põem tão frequentemente de sobreaviso contra os perigos que ameaçam essa preciosa e delicada virtude; eis porque, em particular, um S. João Clímaco, compenetrado das dificuldades que ela encontra e dos cuidados contínuos que reclama, não receia chamar-lhe uma *“sublime negação da natureza”*.

Todavia, seria falso pensar que esta virtude é impossível e que é reservada aos eleitos. Tantas almas santas que a têm praticado no meio das tribulações e das lutas, mostram-nos pela sua vida que ela é uma gloriosa vitória alcançada pela alma sobre o corpo, vitória que inunda a alma de delícias sobre humanas, une-a muito intimamente ao seu divino Esposo e fá-la antegozar já nesta vida as alegrias puríssimas do Céu.

Essas alegrias não vos são desconhecidas, porque resolvestes observar não uma castidade ordinária e de preceito, mas querendo elevar-vos mais alto, tendes o desígnio e o dever de repudiar o uso de todos os prazeres sensuais, mesmo daqueles que são permitidos, e aspirais à virtude dos anjos, a uma castidade perfeita.

Assim, pois, recusais afeiçoar-vos desordenadamente seja a que criatura for, para não encontrar todo o vosso repouso, a vossa alegria e o vosso amor senão em Jesus, vosso Esposo.

É para vos confirmar nesta sublime resolução que vos recordarei as dignidades do vosso corpo, expondo os seus títulos ao vosso respeito, depois far-vos-ei contemplar as perfeições infinitas do vosso divino Esposo.

I – O vosso corpo tem direito ao respeito

Não vos causarei admiração, se vos disser que o vosso corpo é propriedade de Deus e que é esse o primeiro título que deve levar-vos a tratá-lo com um grande respeito. Sim, os nossos corpos são propriedade de Deus; e essa propriedade de que se trata não é nem temporária, nem parcial, nem caduca. Ela é, sob todos os pontos de vista, completa e absoluta, mais completa e absoluta do que aquela de que gozam e de que podem gozar os homens, porque os nossos corpos são verdadeiramente as obras e os bens de Deus.

E, com efeito, esse corpo que chamais o vosso corpo, de quem vem? Quem é o seu autor? Quem é que o conserva na existência? É Deus, porque ele não alienou o seu direito de propriedade sobre vós e no dia em que lhe aprouver destruir esse corpo, separá-lo da alma que o vivifica, corpo, que tendes em depósito, deixar-vos-á, afastar-se-á de vós contra a vossa vontade e conformar-se-á com as ordens divinas.

Sem dúvida gozais de liberdade e tendes o direito de vos servir agora do vosso corpo; mas esse direito que é vosso não é absoluto e não destrói o de Deus que permanece sempre o seu proprietário.

E, além disso, esse corpo que é obra do Criador é ainda Sua propriedade por outro título; porque manchado pela culpa original, foi sublimemente resgatado por ele e por um preço muito elevado, o preço do seu sangue. Poderiam imaginar-se direitos mais bem fundados, entre Deus e os vossos corpos? Evidentemente não e isso fazia dizer a S.

Paulo na sua primeira epístola aos Coríntios: *“Vós não sois vossos!”* (1Cor 6,19). Não, vós não sois vossas, sois de Deus que vos criou, de Deus que vos conserva, de Deus vos resgatou, de Deus que vos santifica.

E eis um novo laço que une as vossas pessoas à Santíssima Trindade. O próprio Deus que dá a vida, vive em vós. Ó amor inesgotável de Deus! Os vossos corpos não são só propriedade, bens, coisas de Deus; tornam-se em toda a verdade santuários de Deus, membros de Deus.

Porque a nossa religião eleva-nos aqui a alturas extraordinárias. Deus entrou em nós pelo Baptismo; ao mesmo tempo que a água lustral caía sobre a vossa cabeça, o demónio fugia das vossas almas, fazia correr em vós a sua própria vida sobrenatural e divina.

E essa vida transformou-vos verdadeiramente em seres divinos; em vós a Santíssima Trindade vive, opera e reina. Já não sois para Deus umas estranhas, sois da sua família, seus membros e suas filhas. É o que S. Paulo diz expressamente: *“Vós sois o corpo de Cristo”* e ainda: *“Ignorais que os vossos corpos são os membros de Cristo?”* – doutrina que fazia exultar de alegria Santo Agostinho e o levava a proferir estas palavras: *“Cristãos, dizia ele, rejubilai, porque nos tornamos Cristo! Se Ele é a cabeça, nós somos os membros; Ele e nós somos só um e o mesmo homem, o homem total!”*

Pois bem, se assim é, se uma tal união e uma união tão íntima existe entre a divindade e os nossos corpos, se esses membros de carne são os membros de Deus, que opera em nós pelo Santo Espírito e em nós vive sobrenaturalmente pela sua graça, qual não deve ser o nosso respeito por esse corpo, por esses membros cristãos? Não digo bastante: esse respeito deve ir até à veneração! Como então não os reservar exclusivamente ao serviço de Deus? Como afastar essas criaturas do seu fim sublime? Como arrebatá-las a Deus uma parte do seu domínio e despojá-lo de uma parcela dos seus direitos? Quanto a vós que pelo vosso voto vos comprometestes a fazer servir todo o vosso ser para glória do vosso divino Esposo, não esqueçais os vossos compromissos sagrados e seja Deus e só Ele que opere nesse corpo que lhe está consagrado por tantos títulos e por isso se torna tão digno do vosso respeito.

II – Infinitas perfeições do Espírito

Vós estais bem convencidas dos vossos deveres para com os vossos corpos e vos mostrais ciosas de não ferir em nada a vossa castidade; deixai-me, porém, para vos confirmar nas vossas santas disposições, se isso é necessário, deixai-me expor-vos brevemente as perfeições infinitas daquele a quem consagrastes os vossos corpos e as vossas almas, daquele que considerais e é realmente o vosso divino Esposo.

Demasiadas vezes o tendes contemplado para não descobrires nele toda a sua glória; as minhas palavras não farão aqui senão recordar-vos as perfeições infinitas que arrebatam a vossa alma e a enchem cada dia de uma ternura mais íntima para com aquele que amais: a sua beleza, o seu amor e a sua alegria.

Porque no vosso Esposo encontrais tudo isso: uma beleza celeste, um amor infinito, uma alegria completa.

O vosso Esposo é dotado duma sublime e divina beleza. Mas para que nos determos neste ponto? Todas as criaturas dependem dele e muitas vezes o vosso coração se deixa prender por elas e admira as suas formas; mas quem lhes deu essas formas, afinal de contas passageiras e nunca completamente perfeitas, senão Deus, autor de toda a beleza e a própria beleza, superior a qualquer outra? Se, pois, como nos ensina o Espírito Santo no Livro da Sabedoria - *“encantados da beleza das criaturas visíveis, os homens as tomaram às vezes por divindades, que saibam quanto mais belo é o Autor e Senhor delas. O Autor de todas essas coisas é o princípio de toda a beleza; do que há de grande e de belo nessas obras do Criador, o espírito pode, pois, e deve tirar, por uma analogia certa, o conhecimento desse Deus que lhes deu tudo”*. (Sb 14,11)

Não vos apegueis portanto de modo nenhum às belezas terrenas e criadas, fazei subir os vossos olhos até à sublime beleza de Deus, poder, inteligência, amor infinito.

E eis o que mais vos atrai para esse divino Esposo; ele não desdenha de vós; na sua suprema perfeição volve o olhar para a vossa fraqueza e apesar da vossa miséria ama-vos e ama-vos infinitamente.

E com que amor vos ama? Como Criador, como Senhor, como Redentor? É verdade, mas é sobretudo como Esposo. A Beleza infinita tem para cada homem um amor de esposa. É com esse amor que desde toda a eternidade, por desejo, por vontade formal, esta Beleza indescritível ama cada uma de vós. Oh, quem não ficaria confundido

diante de tanto amor! Porque verdadeiramente nada pode mais do que isso revelar-nos claramente o Seu poder absoluto: um Deus que ama a Sua criatura como um esposo a sua esposa! É Deus de algum modo que se abate, se faz pequeno, se dá e se entrega a ela.

Assim é, na verdade. A alma goza de Deus; criatura de Deus, tonada sua esposa, possui-o como o seu bem e triunfante exclama, como no livro dos Cânticos: *“O meu bem amado é meu”!* (Ct 2,16)

Deus torna-se o seu bem, como ela mesma é Sua propriedade. Ó sublimidade, ó profundidade do amor divino! Deus desce à sua criatura e se dá a ela, para a inflamar de amor por ele, segundo a palavra de Jesus: *“Eu vim trazer o fogo à terra e que quero senão que ele se acenda!”*

Oh, acendei este fogo divino ou antes entretei-o, alimentai-o, procurai-o no seu princípio, nesse Coração Sagrado de Jesus, nessa pequena hóstia em que Ele se esconde por amor para penetrar muitas vezes, todos os dias, se for possível, no nosso coração; ide ao poço do amor, ide a Jesus Eucaristia!

E que se produzirá em vos se, fiéis contemplativas da beleza infinita, haurirdes abundantemente nos mananciais do amor divino? Será necessário dizer-lo? A alegria inundará as vossas almas, porque o vosso Esposo é ainda a única e suprema Alegria

Sobre esta terra tudo é tristeza: as criaturas mais belas e mais amantes não sabem produzir uma alegria completa, uma felicidade sem mescla. A sua beleza murcha depressa com o sopro do tempo e a morte quebra os laços mais apertados. Aqui, não há senão uma alegria, alegria verdadeira e completa – é a alegria antecipada do Céu, alegria da alma que possui o seu Deus, que não vive senão para o seu divino Esposo e gasta todas as suas forças no seu serviço. Já fizestes a experiência de que esta alegria não é uma palavra vã. Deus, que, segundo o canto do Salmista, enche de bênçãos toda a criatura viva, tem para vós admiráveis favores. Inundou a vossa alma de uma alegria sobrenatural e é na alegria que passais os dias da vossa vida no cumprimento dos vossos deveres de estado. O mundo julga-vos tristes porque não tomais parte nas suas festas, porque vos afastais dos seus prazeres; e sois vós que estais na alegria, alegria que nada perturba, que os acontecimentos não alteram, que o tempo cada dia aumenta, até à hora esperada em que ela se expandirá quando a vossa alma contemplar enfim face a face e para sempre as belezas infinitas do vosso Esposo muito amado.

Que concluir de tudo isto? Os vossos corpos são propriedade de Deus, e o vosso Esposo é o mais perfeito dos Esposos. Respeitai, pois, escrupulosamente essa propriedade que não depende de um homem e tende cuidado em não usurpar seja no que for os direitos imprescritíveis do divino proprietário dos vossos corpos. Venerai esses membros saídos do poder criador, resgatados pelo sangue purificador de Deus, transformados em santuários divinos pelo Espírito Santo e tornados pela graça corpos divinos.

Amai mais que nunca o vosso Esposo. Dai-Lhe tudo, os vossos actos, as vossas palavras e os vossos pensamentos. Que o vosso coração Lhe esteja exclusivamente reservado e que nunca nele penetre o amor de uma criatura. Numa palavra, oferecei-vos para viver para Ele, que Ele mesmo e só Ele viva em vós e assim se realize esta bela oração: *“Ó Jesus, vivo em Maria, vinde e vivei nas vossas servas”*.

1. Oração – vigilância sobre os sentidos externos (vista, ouvido e tacto) e internos (imaginação) e a inteligência e memória;
2. Fuga das ocasiões perigosas – camionetas e comboios;
3. Conversas – na sala, fora de casa – com hóspedes- amigas;
4. Criaturas;
5. Convivência com pessoas de diferente sexo, nada de familiaridades, de intimidade – Sacerdotes – Relações mesmo com pessoas do mesmo sexo;
6. Vaidade;
7. Pensar na morte, no juízo e no inferno;
8. Devoção a Nossa Senhora, Rainha das virgens;
9. A Jesus Sacramentado, ao Sagrado Coração de Jesus, a S. José, ao Anjo da Guarda;
10. Espírito de mortificação, espiritual e corporal. As mortificações em uso nas Casas Religiosas, umas obrigatórias e também livres, mas quase sempre na dependência dos superiores.

5 - OBEDIÊNCIA

(Natal de 1944)

Para quem contempla a vida de Jesus, o Verbo incarnado, não há dúvida nenhuma de que o carácter, o traço principal que ele frisa é a obediência. Do mesmo modo que Adão tinha pecado contra Deus por falta de submissão, assim Jesus quis reparar essa falta por uma obediência inteira a Seu Pai, de tal sorte que se pode dizer com toda a verdade que foi obediente até à morte e morte da cruz.

Ora esta virtude de que encontramos um exemplo tão belo e um modelo tão perfeito no Mestre divino, também vós que sois as suas servas por amor e por profissão deveis praticá-la. Porquanto não esquecesteis as derradeiras recomendações que Nosso Senhor dirigia aos seus Apóstolos antes de os deixar: *“Como Meu Pai me amou, dizia Ele, também Eu vos amei: permaneci no Meu amor. Se guardardes os Meus preceitos, permanecereis no Meu amor, como Eu obedeci aos preceitos de Meu Pai e permaneço no Seu amor”*.

Tal é com efeito a lei universal que governa todos os cristãos e à qual mais que outros deveis submeter-vos. Se não obedeceis a Deus, não tendes em vós o seu amor, sois rebeldes, revoltai-vos contra a sua divina autoridade. Pelo contrário, se vos submeteis humildemente aos seus menores desejos, o amor está em vós, inspira-vos e vos faz agir; numa palavra, procedeis como súbditas fiéis que merecem assim a recompensa prometida à sua boa vontade.

Eu quisera, pois, repetir-vos hoje o que já sabeis, mas que é bom recordar; quisera, falando-vos da santa obediência, deste terceiro objecto dos vossos votos, tornar-vos mais presente ao espírito as qualidades que deve ter para ser santificadora, e fazer-vos lembrar que ela é tanto mais meritória quanto ela é divina, universal e total.

I – Obediência divina

Que quer dizer que a vossa obediência deve ser divina?

Seguramente isso significa que ela deve ser um fruto da graça de efusão da própria vida de Deus em vós. Mas isso quer dizer também, e é sobre esse ponto que

procurarei atrair a vossa atenção, isso quer dizer que, obedecendo, tendes a intenção de obedecer a Deus.

Sim, seja qual for a pessoa a que vos submetais ou diante da qual vos inclinai, pensai que é a Deus que obedeceis. Executai as ordens dos vossos superiores legítimos; elevai a vossa intenção e o vosso coração: vede na superiora mais que uma criatura humana, que uma filha de Deus, mortal como vós; mas descobri o próprio Deus que vos fala e vos convida a agir. Ah, como obedeceríeis a Jesus prontamente, se aparecesse em pessoa diante de vós, com o Seu corpo adorável, e se se dignasse dirigir-vos a palavra e dar-vos alguma ordem! Pois bem não é Jesus que vive nas vossas superiores e que vos dá ordens por elas?

Tomai, pois, o santo hábito de O encontrar onde Ele está realmente, não só no sacrário na santa hóstia, mas onde quer que estejais, porque sois as servas de Jesus, sempre e em todos os lugares, de Jesus Eucaristia, sem dúvida, mas também do Jesus como que incarnado nas vossas superiores e até nas crianças e raparigas que nas casas de trabalho sejam confiadas à vossa vigilância e aos vossos cuidados e cujas almas deveis formar cristãmente.

Este conselho era o que S. Inácio resumia nestes termos aos seus discípulos, S. Inácio, esse grande mestre da obediência: *“Reverenciai, dizia ele, reverenciai a Divina Majestade nos vossos superiores e prestai-lhe a obediência com uma religião perfeita”*.

E com efeito, é esse o fundamento da verdadeira obediência cristã. Suprimi essa intenção, suprimi esse olhar da vossa alma para Deus, e a vossa obediência já não tem nada de sobrenatural, já não é senão uma submissão toda humana e que não poderia produzir méritos para a outra vida.

Os religiosos e as religiosas, além disso, não foi às criaturas que prometeram fidelidade, quando fizeram o seu voto de obediência; foi a Deus e só a Deus que juraram obedecer.

Ouvi este conselho salutar que S. Francisco de Sales dava às suas queridas filhas da Visitação: *“Obedeceis às vossas superiores porque lhes tendes afeição e em atenção às suas pessoas? Ai, assim não fazeis mais que os mundanos, porque eles procedem do mesmo modo, e não só obedecem às ordens daqueles que estimam, mas não julgariam a sua afeição bem satisfeita se não seguissem ainda de mais perto as suas inclinações e as suas afeições”*.

Vede, portanto, Deus naqueles que são vossos superiores. Vede-o não de maneira geral, nem de maneira sempre actual, o que seria impossível e não é, de modo nenhum necessário, mas vede-o pelo menos de modo habitual. Guiadas pela fé tornai cristã a vossa obediência. Muitas vezes, todos os dias, renovai a vossa intenção.

Se procederdes assim, se seguides esta linha de conduta, a vossa obediência é fácil. Não discutais nunca em vós mesmas as ordens de quem quer que seja. Pouco vos importe o carácter ou as qualidades da pessoa que vos dá ordens. Não penseis nos seus defeitos, não penseis que ela pode enganar-se. Inclinaí-vos diante do Senhor Omnipotente, o Deus do vosso coração, que se revela nela e fala pela sua boca.

II – Obediência universal

A nossa obediência há-de ser, portanto, divina, divina no seu motivo. Ela será também universal, universal nos seus actos; não façais, pois, uma escolha, não tenhais preferências, não obedeçais a uma pessoa negligenciando obedecer a outra, não vos conformeis a um determinado ponto da regra para pôr de parte outro que vos custa cumprir.

Não, isso não é a verdadeira obediência, não é senão o simulacro e a falsificação da obediência. Quem ama e pratica esta santa virtude tem diante dos olhos e sobretudo no coração este conselho do apóstolo S. Pedro: *“Sede respeitosamente sujeitos a vossos superiores, não só àqueles que são bons e amáveis, mas ainda àqueles que são desagradáveis e difíceis”*. (1Pe 1,11-18)

É só com a condição de que a vossa obediência seja universal que ela poderá ser perfeita.

Ouvi ainda o pensamento de S. Inácio a este respeito: *“Do mesmo modo que não se deve obedecer a um superior porque é prudente, bom, dotado de belas qualidades, ou enriquecido de dons divinos, assim se um superior não tem senão pouco critério e uma prudência medíocre, isso não é razão para lhe prestar uma obediência menos perfeita, porque, seja ele qual for, representa Aquele cuja sabedoria é infalível, e Deus não deixará de suprir relativamente a vós o que falta no seu ministro”*.

É por este motivo que deveis ter a peito submeter-vos a toda e qualquer pessoa que legitimamente vos der ordens e cumprir todos os actos que vos impuser.

Sem dúvida é-vos fácil obedecer à vossa superiora geral ou àquelas das vossas companheiras que têm mais idade ou pelo menos entraram antes de vós no Instituto e por conseguinte devem ter mais experiência e uma virtude mais experimentada.

Mas não suceda o mesmo quando se trata de obedecer a uma Irmã cuja autoridade é menor, ou que por ventura fez o noviciado convosco, ou que enfim parece dar provas de pouca virtude. Apesar disso, não façais, como já disse, nenhuma distinção entre as vossas legítimas superiores. Que importa a idade, a época do noviciado ou o grau de virtude? O vosso dever é obedecer e não mandar, submeter-vos e não discutir.

Se as superiores podem enganar-se, vós não sois mais infalíveis do que elas e talvez estejais em condições menos favoráveis para apreciar a utilidade desta ou daquela medida. Portanto, não hesiteis nunca, não espereis nunca, não discutais nunca; humildes servas de Jesus, obedecei com alegria e prontamente ao vosso Senhor, que se compraz às vezes em provar a vossa virtude servindo-se para mandarem em vós, para vos darem ordens, enfim para serem vossas superiores das pessoas que estão menos em harmonia com o vosso carácter ou que contrariam os vossos gostos.

De resto, sabeis muito bem que as vossas superiores receberam a missão de vos dirigir e, portanto, todas as graças necessária para desempenhar santamente as suas funções. Se elas desprezarem essas graças, se cedem a vistas humanas, pecam, mas vós conservareis o mérito da obediência.

Por isso, ao mesmo tempo que obedecis às vossas superiores legítimas, deveis cumprir também com exactidão todos os actos que vos prescreverem.

Certamente, não se entendem aqui senão actos bons e legítimos, e não se poderia pensar numa superiora má que abusasse do seu poder; mas diante de toda a autoridade regular e que se exerce legitimamente, deveis inclinar-vos.

Seja qual for o emprego que vos confiem, deveis submeter-vos. Talvez gostásseis mais de exercer outro cargo, talvez sentísseis atractivos para outra ocupação: fareis calar as vossas preferências e ireis aonde a obediência vos chamar e cumprireis o que ela vos ordenar.

E além disso não tereis em linha de conta nem a vossa pessoa nem o vosso temperamento. Um artigo, uma disposição, um ponto da regra vos incomoda, vos contraria, quase vos irrita; não peçais dispensa dela; pelo contrário aplicai-vos com

ardor muito especial a vencer-vos, a dominar a vossa natureza e a cumprir esse artigo muito escrupulosamente.

Numa palavra, obededei sempre e até nas menores particularidades; a exemplo de Jesus, não reserveis nada para vossa satisfação pessoal, e exercitai-vos em fazer interiormente a vontade de Deus.

III – Obediência total

Deve ser esta a terceira qualidade da vossa obediência: ela será total; obedecereis com o *corpo*, com o *espírito* e com o *coração*.

Em *primeiro* lugar com o *corpo*. É o menos que se pode exigir das servas fiéis. Portanto, nunca resistireis a uma ordem, que digo eu? Nunca dareis ocasião a que se renove uma ordem. Logo que uma superiora vos mande, logo mesmo que ela vos exponha um desejo, vós actuareis e actuareis sem demora. Que um simples som, que uma só palavra, que um único sinal mesmo vos baste.

Portanto, nada de perguntas, nada de desculpas, nada de exame, nada de discussões, mas ide imediatamente aonde a obediência vos reclamar. Não digais que tendes um trabalho a fazer, que sois chamadas a outra parte; quando Jesus vos fala e vos manda, não façais nenhuma objecção, escutai-O e obededei-Lhe ou, como diz S. Bento, “*tornai as vossas mãos livres, deixai a vossa obra por concluir e, com passo apressado, correi a fazer o que vos ordenam*”.

Sede, pois, segundo uma comparação muito familiar aos autores espirituais, sede como avezinhas que mal pousam no chão sem se fixarem e que ao menor ruído voam para as alturas; onde quer que estejais, não vos prendais, não vos apegueis, não deiteis raízes, mas estai sempre prontas a seguir a voz da santa obediência.

Contudo, não vos contenteis com uma virtude toda exterior e de aparência; obededei não só com o corpo, mas com o coração, segundo a palavra de S. Paulo aos Efésios (Ef 6,5).

Amai, pois, aquilo que vos é mandado, não o executeis de qualquer maneira e como uma obra de mercenário. Se a ordem vos agrada, acautelai-vos de a executar por paixão; se ela vos desagradar ou vos contraria, evitai agir por hábito e rotina; obedecer sempre de coração (isto é de boa vontade) e por dever.

Não desejeis que vos mandem antes uma coisa do que outra, não forceis nem sequer induzais as vossas superiores a ordenarem-vos o que desejais; isso seria o contrário da obediência. Mas ouvi ainda S. Bernardo: *“Se, desejando uma coisa, diz ele, procurais, quer em segredo, quer às claras, quer ela vos seja ordenada por meio do confessor, não vos lisonjeeis nisso; não fazeis senão seduzir-vos. Aquele que governa já não é o vosso superior, mas vós mesmos”*.

Finalmente, obedecei com o espírito: é esse o ponto culminante da obediência. É S. Inácio que no-lo ensina: *“Se falta a obediência de juízo, ensinava ele aos seus discípulos, adeus obediência perfeita... adeus simplicidade... adeus humildade... adeus coragem e força... adeus, enfim, todo o vigor, toda a eficácia, a dignidade desta grande virtude”*.

E com efeito quem obedece deve obedecer interiormente, segundo o que diz S. Francisco de Sales: *“É preciso, escreve ele, aprovar tudo o que os superiores fazem e dizem, permitem ou proibem. Os inferiores devem sempre crer e obrigar o seu próprio juízo a confessar que os superiores fazem muito bem e que têm boas razões para o fazer”*.

É inútil insistir mais; estas palavras bastam-vos certamente. Portanto, não vos haveis de apoiar no vosso juízo obedecereis com a simplicidade da criancinha que não pensa que é melhor outra coisa diferente daquela que lhe é mandada; não queirais ver nem julgar por vós mesmas; vereis e julgareis pelas vossas superiores.

Feliz obediência essa! Ela vos estabelecerá na paz sobre a terra e na glória depois desta vida. Que mais na verdade podereis fazer? Não é a perfeição da santidade conformar-se com Deus em tudo e em toda a parte? É com certeza ser santo, de uma verdadeira e muito alta santidade, humilhar-se diante de Deus, abater-se, aniquilar-se diante dele, renunciar à sua vontade própria, ao seu juízo pessoal, para não se deixar guiar e conduzir em todas as acções por essa palavra que eu vos convido a repetir muitas vezes do fundo do coração e que o próprio Jesus nos ensina: *“Sim, ó meu Deus, que a vossa vontade seja feita por nós sempre e em toda a parte, é o nosso único desejo e a nossa única vontade. Fiat voluntas tua per nos et semper”*. Assim seja.

IV - Qualidades da obediência:

1ª Pronta e sem demora; **2ª** pura, isto é, fundada nos motivos sobrenaturais; **3ª** simples e cega; **4ª** inteira; **5ª** generosa; **6ª** cordial e alegre.

Deifica a alma.

Torna a alma de algum modo impecável.

Aformoseia e sobrenaturaliza todas as acções.

É a mãe, o sustentáculo, a guarda, a condição, o complemento de todas as virtudes.

Faz a felicidade da alma consagrada.

Como é que uma pessoa que aspira a fazer o voto de obediência, pode fazê-lo, se não ama a obediência e se não a pratica, preferindo sempre os seus pontos de vista aos dos superiores e a sua vontade à deles? É caso para reflectir.

6 - A CARIDADE

(Natal de 1944)

Depois de termos recordado o fundamento da vida cristã e de termos considerado a essência da vida religiosa, percorramos três virtudes principais que toda a alma consagrada a Deus pelos três votos, de pobreza, de castidade e de obediência, deve esforçar-se por adquirir. Resta-nos ainda estudar quais os deveres que se vos impõem de modo especial, nas vossas relações com as vossas Irmãs, com as outras pessoas com que tendes de lidar, especialmente as Irmãs Oblatas e com as pequenas das Casas de Trabalho que por ventura tenhais de formar.

Tendes de procurar cumprir cada dia mais completa e mais perfeitamente esses deveres. São três os deveres especiais, as três virtudes particulares, que constituirão o objecto da nossa atenção: a caridade, a paciência e a humildade.

Hoje falar-vos-ei da caridade: proponho, pois, dizer-vos com toda a simplicidade por que deveis praticar essa caridade e como a deveis praticar. Expor-vos-ei que a vossa dedicação para com o próximo deve ser sobrenatural e absoluta. E com efeito não se trata aqui, como é fácil de compreender, desta grande e fundamental virtude da caridade que não é outra coisa senão o amor de Deus; não, nós damos a esta palavra um sentido mais particular e mais restrito, entendemo-la simplesmente do amor do próximo.

I – A nossa caridade deve ser sobrenatural²¹

²¹ O original não desenvolve este subtítulo.

7 - A BONDADE

(Natal de 1944)

A bondade é, em certo modo, a síntese de todas as virtudes. Mas aqui falaremos dela como é vulgarmente entendida, isto é, como a manifestação de um espírito benéfico, tolerante e gentil.

Digo benéfico e tolerante, porque a bondade tem a mesma divisão que a caridade, que consiste em duas palavras, a palavra dar e a palavra tolerar ou suportar. A palavra dar exprime metade e a palavra tolerar a outra metade: *Charitas patiens est, charitas benigna est.*

Digo gentil, quando com este qualificativo designar aquilo que especifica a bondade, isto é, o bem feito com amabilidade.

A bondade é, pois, uma virtude que está no sentimento e não só na vontade, nos modos mais que nos actos; mas não somente nos modos que seria hipocrisia e não só no sentimento, que seria pura sensibilidade, mas no conjunto destas coisas e por isso lhe chamamos manifestação externa do espírito.

A bondade é a caridade, mas perfumada e vestida de gala.

Deus criando o homem, quis que ele fosse semelhante a Si e, como Deus é caridade, inseriu-lhe os germens da bondade.

No espírito colocou a virtude e no coração o sentimento. Todo o nosso aparelho orgânico vibra de afecto, de ternura, de compaixão, participando com o palpitar do coração e muitas vezes com as lágrimas nas emoções do espírito.

O sinal desta nossa estrutura nativa temo-la nas recordações da juventude quando as paixões ainda não se tinham desenvolvido, quando ainda não nos tinha irritado a dura experiência da maldade alheia, e o nosso coração era aberto à alegria, ao amor, à confiança.

Este estado feliz de bondade depressa se desfez. A maldade dos outros afecta à nossa bondade fez-nos muitas vezes chorar de ressentimento e a troca amarga que teve a nossa paciência acabou por nos tornar ásperos; a nossa ternura chocando-se com a dureza do próximo, fez-nos recluir a reprimir a expansão da nossa caridade.

Esta transformação de sentimentos efectuada gradualmente desde a infância à virilidade é tão universal que podemos dizê-la quase normal na vida.

Um pretexto evocado por muitos, para desdenhar da bondade, é a “táctica”. Os que assim querem têm uma alma boa, mas não os modos que se tornam bruscos, ásperos e pesados. Desculpam-se com a necessidade.

8 - A PACIÊNCIA

(Natal de 1944)

S. Paulo na sua 1.^a Epistola. aos Coríntios., descreve-nos a caridade e indica toda a longa lista das suas primeiras qualidades. “*Charitas patiens est, benigna est*”, tais são as suas palavras. Sim, a caridade verdadeira é paciente e é precisamente desse carácter do amor cristão que quero falar-vos hoje.

Por outro lado, notai-o bem, não há virtude que seja mais necessária numa casa religiosa, numa família de almas consagradas a Deus e votadas em parte ao serviço das crianças pobres.

É ela que torna a vida possível no meio das contrariedades de toda a ordem e que permite a pessoas que não são ainda perfeitas, apesar do seu desejo, suportarem-se mutuamente, mais ainda, auxiliarem-se umas às outras e concorrerem juntas para um fim sobrenatural.

Proponho-me, pois, recordar-vos os principais objectos dessa paciência, tão útil e tão preciosa, e excitar-vos-ei sucessivamente a suportar-vos a vós mesmas e a suportar as vossas companheiras e a suportar as crianças confiadas aos vossos cuidados e as hóspedes as que tiverdes de atender e servir e que às vezes são verdadeiramente umas crianças grandes, piores, isto é, mais difíceis de aturar que as pequenas.

Por este simples enunciado já vedes que a extensão da vossa paciência é imensa; o seu domínio é considerável, porque compreende a vossa pessoa e todas as pessoas com quem tiverdes de manter algumas relações.

I – Deveis suportar-vos a vós mesmas

É, em primeiro lugar sobre vós que deve exercer-se a vossa paciência; não deveis ser para vós mesmas objecto ou um motivo de irritação, de cólera e por consequência de pecado.

Suportar-se a si mesmo é, sem dúvida, suportar-se apesar dos próprios defeitos, da própria imperfeição e das próprias faltas. E, sob este aspecto, não tenho necessidade de me explicar: nunca nos revoltaremos demasiado contra as nossas perfídias e cobardias, nunca coraremos bastante das nossas infidelidades, nunca teremos vergonha

excessiva dos nossos desfalecimentos no serviço de Deus. Mas porque é que, infelizmente, não há-de ser assim e porque é que, pelo contrário, os nossos pecados e os nossos defeitos não nos causam quase nenhuma tristeza, quase nenhuma cólera contra nós mesmos, tão ingratos e tão culpados?!

E, ai de nós, já sucede outra coisa quando se trata, não já das nossas imperfeições morais, mas das nossas enfermidades físicas. Não prestamos nenhuma atenção ao pecado que está em nós, nos degrada, nos avilta e nos corrompe; ao passo que a mais leve indisposição do nosso corpo nos impacienta, a menor intempérie nos irrita e a falta de saúde nos revolta, nos enerva e nos torna até às vezes bruscos, secos, sacudidos e mal educados.

Estranho procedimento, em verdade, o nosso; não nos zangamos quando haveria matéria mais que suficiente para isso, e por uma futilidade, por uma coisa de nada deixamo-nos dominar logo pela mais viva irritação.

Não há com efeito um dia, que digo eu?, um momento em que não tenhamos de suportar alguma incomodidade, algum aborrecimento, alguma contrariedade. É uma consequência do pecado de Adão. A vida é de algum modo para todos nós uma carga pesada e todo o minuto trás consigo o seu fardo de inquietações e de misérias. São essas inquietações e essas misérias que é preciso que aceiteis com alma grande, com grande generosidade e até com alegria, para cumprir a santa vontade de Deus

Não o esqueçais. Em verdade, todas essas mil pequenas cruces que, em si mesmas são mínimas e tão leves, reunidas e acumuladas sobre nós, parecem-nos um fardo insuportável. Ser-nos-ia fácil, talvez, num instante de ardente generosidade, sob a influência de uma graça passageira, praticar um acto heróico, aceitar um sacrifício muito penoso, imolar-nos mesmo como vítima em honra de Jesus; mas todos os múltiplos enfados da vida quotidiana nos repugnam, nos entristecem e nos irritam, sofremo-los contra a nossa vontade, bem longe de os aceitarmos com alegria e santa liberdade de espírito como vindos da mão de Deus ou como permitidos por Ele para nossa santificação.

Esforçai-vos por agir contra este instinto da vossa natureza. Vós vos consagrastes a Deus em toda a plenitude do vosso ser e nada reservastes para vós; então, por favor, não retomeis cada dia em pormenor e pouco a pouco aquilo que destes a Deus em conjunto e por uma vez e em que portanto já não é vosso de maneira nenhuma.

Por mais que vos custe, aceitai essas pequenas contrariedades que Deus vos envia para provar a vossa fidelidade. O vosso corpo sofre intempéries, o frio e o calor incomodam-vos; que importa? Sede indiferentes a isso tudo; não peçais nem chuva nem sol; rezai apenas para que a obra de Deus se realize e regozijai-vos de todos os presentes divinos; se aprouver a Deus oprimir-vos com o calor, alegrai-vos e fazei o vosso trabalho habitual; se aprouver a Deus fazer-vos (?)²² entorpecer com o frio, alegrai-vos ainda; se parecer que a Providência se afasta da vossa Casa e Ela vos deixar ter falta de algum alimento, de algum remédio, de algum médico ou de alguma peça de vestuário ou de calçado, alegrai-vos do mesmo modo, alegrai-vos sempre.

E que a vossa alegria não se mude em tristeza e em amargura quando a doença vos visitar. Aceitai ainda esse presente de Deus como todos os outros, com resignação e sem perturbação. Comprazei-vos antes em ver nessas doenças benefícios de Jesus que prova o vosso corpo para vos tornar mais semelhantes a si mesmo e que aumenta o vosso sacrifício para aumentar mais tarde a vossa glória no Céu e para vos adornar com uma coroa mais bela e mais brilhante.

II - Suportai as vossas Irmãs

Não bastaria suportar-vos a vós mesmas, suportareis igualmente todas essas piedosas companheiras, todas essas Irmãs veneráveis que Deus colocou ao vosso lado.

Ah, eu sei muito bem, melhor que a maior parte dos sacerdotes, que é essa muitas vezes uma chaga e talvez a maior chaga das comunidades religiosas. As Irmãs são fiéis em cumprir todos os seus exercícios de piedade, mortificam-se até não raro com dureza, dedicam-se sem limites ao serviço do próximo; e não podem suportar-se internamente!

Algumas têm até devoções especiais que observam pontualmente todos os dias, raras vezes usam as disciplinas sem fazerem sangue, tratando duramente o seu corpo, ardem no desejo de passar horas de noite ou noites inteiras diante do Sacrário em adoração e reparação, são capazes de uma dedicação quase heróica para com uma criança, para com um pobre, para com uma doente, para com uma amiga secular, para com uma pessoa ausente quase desconhecida; e não podem suportar-se mutuamente!

²² Palavra imperceptível.

Almas que Deus escolheu, que tirou do meio do seu povo, que fez entrar na mesma família, que chamou à mesma vocação e que destina à mesma glória, não podem entender-se, não podem encontrar-se sem se chocarem, não podem falar sem se azedarem, não podem suportar-se! Sem dúvida não há nisto tudo o menor sinal de ódio, mas uma consequência desgraçada do pecado original.

É que é profundamente verdadeira esta palavra de S. Paulo aos Gálatas: *“É preciso que levemos os fardos uns dos outros”* ou ainda estoutra que ele dirigiu aos Efésios: *“É preciso que nos suportemos mutuamente na caridade”*.

Em vez de sermos um auxílio umas para as outras e um instrumento da bondade divina, tornamo-nos, por causa da corrupção original, obstáculos à santificação e à salvação dos nossos irmãos, somos para aquelas que nos rodeiam um verdadeiro fardo.

Isso não acontecerá aqui nesta casa. Vós reagireis energicamente contra esta tendência natural; servir-vos-eis umas das outras para crescer em virtude e em mérito.

Para atingir este fim, há um meio muito simples e muito eficaz; empregai-o e usando dele reconheceréis a sua oportunidade.

Embora todas vós tendais à perfeição, embora vos apliqueis por obrigação do vosso estado a adquirir a santidade, ainda não chegastes ao termo: por outro lado, por mais que avanceis neste caminho da salvação, não conseguireis nunca apagar em vós todos os vestígios do pecado original.

Haverá, portanto, sempre em cada uma de vós defeitos e misérias - defeitos e misérias pequenas em si mesmas e que vos esforçais por diminuir cada dia.

Pois bem, em vez de considerar os leves defeitos das vossas companheiras, em vez de os contemplar às vezes com prazer ou talvez antes com enfado e irritação e de os exagerar muitas vezes, aplicai-vos a não os ver, não os conhecer, a não demorar neles sequer o pensamento.

Graças a Deus, a vossa comunidade é fervorosa - e ao dizer isto refiro-me a todas as Casas do Instituto - todas vós sois zelosas da glória de Deus e do serviço dele na pessoa das crianças; fechai os olhos ao que vos parece menos perfeito e não encareis senão os actos bons, louváveis, virtuosos, santos, das vossas superiores e das vossas iguais. Evitai apreciar os actos das vossas Irmãs ou pelo menos suponde sempre motivos sobrenaturais naquelas que os praticam; não imiteis, pois, as pessoas do mundo

que passam o tempo a murmurar das obras dos seus irmãos e se engenham sem cessar em encontrar-lhes más intenções.

Vós todas quereis a maior glória de Deus; não julgueis, pois, severamente o vosso próximo e não mereçais de modo nenhum esta exprobração que Jesus dirigia outrora aos fariseus: *“Ah, vós descobris o argueiro que está no olho do vosso irmão e ignorais que há uma trave no vosso...”* (Mt 8, 3)

Aniquilai, pois, em vós este último resto de orgulho, este último apego aos vossos próprios juízos e às vossas próprias ideias. Qualquer que seja a conduta, a maneira de proceder das vossas companheiras, julgai-a boa e inspirada por motivos de virtude; assim não experimentareis nenhuma dificuldade em vos suportardes mutuamente; auxiliadas umas pelas outras, avançareis com rapidez até aos altos cumes da perfeição.

III – Suportar as crianças e as hóspedes

Finalmente, há um terceiro domínio que a vossa paciência, a de muitas pelo menos, abarca também: o das crianças das Casas de Trabalho e das hóspedes.

Custa à natureza atender e aturar seres às vezes defeituosos e antipáticos. Mas a natureza já não tem direito sobre vós. Vós a imolaste pela vossa consagração ao serviço de Deus e Deus exige que por amor dele vos deis às crianças que vos envia e que vos deis inteiramente a elas.

Não fareis distinção entre aquelas que a obediência vos confiar, pobres ou remediadas, boas ou estouvadas, feias ou bonitas, simpáticas ou antipáticas. Nunca vos afeiçoareis a nenhuma em particular no trato com elas, procedendo no trato com elas com verdadeiro espírito sobrenatural, não tendo preferências por nenhuma. Sem murmuração e sem mágoa, sem pesar algum, aceitareis sempre os cargos que as vossas superiores legítimas vos impuserem. Não considerareis se outra ocupação seria mais conforme com os vossos gostos, se ainda outra contrariaria mais os vossos desejos. Ireis aonde a voz da obediência vos chamar, aceitareis com paciência a missão que vos for dada.

Mas então não executareis a vossa tarefa senão por metade; não prestareis as vossas atenções e os vossos cuidados a uma classe de crianças ou a uma certas hóspedes

para descurar as outras e não lhes prestar senão uma atenção distraída. Sereis iguais para todas, isto é, tereis a mesma conduta para com todas, não vos dareis mais a uma do que a outra, todas têm o mesmo direito aos vossos cuidados e por todas deveis rezar.

Entre elas há por vezes algumas que exteriormente são menos dignas de compaixão e de caridade. Senhoras esquisitas, impertinentes, exigentes, mal agradecidas, pouco ou nada educadas. Crianças teimosas, desobedientes, caprichosas, preguiçosas. Redobrareis então de bondade, de paciência e de dedicação. E esta maneira de proceder da vossa parte não pode ser senão o fruto de uma paciência habitual e perseverante. Eis porque suportareis tudo de todos e até ao fim

Procedereis deste modo movidas por **dois motivos**:

Em primeiro lugar para vos *santificardes a vós mesmas* e (?)²³ nas vossas almas esta bela virtude da paciência que não é senão uma flor da caridade,

Em segundo lugar para trabalhardes igualmente na *santificação dessas pessoas*, na certeza de que nada contribuirá para as aproximar de Deus do que a vossa paciente caridade.

Por outro lado, se houvesse necessidade de vos exercitar ainda mais a praticar essa virtude, convidar-vos-ia a volver os vossos olhares para o Santo Job; quando fordes tentadas a descurar um pouco esta virtude, relede as páginas da Sagrada Escritura onde o autor sagrado nos descreve a soma de males em que caiu o santo patriarca e a resignação com que ele aceitou todas essas desgraças.

Mas não quero esquecer-me, antes de terminar esta instrução, de vos conduzir ao Jardim das Oliveiras e ali mostrar-vos o nosso Deus, o nosso Jesus, prostrado no pó da terra, abismado na dor ao pensamento da espantosa paixão que o espera. “*Pai, exclama Ele, que este cálix se afaste de Mim!*” Em seguida, depois de ter vencido as repugnâncias da Sua natureza humana, reconsidera e pronuncia estas palavras que eu quero confiar às vossas almas: “*Fiat voluntas tua! Que a Vossa vontade seja feita, ó Meu Pai!*”

Sim! Que a vontade de Deus seja feita em vós e por vós, hoje e sempre!

É o voto que formulo a vosso respeito, é a oração que ides fazer antes de sairdes desta sala, é o grito de amor e de paciência que haveis de repetir na manhã de cada um

²³ Palavra imperceptível.

dos vossos dias e antes de qualquer nova provação até à hora suprema da morte: *Fiat voluntas tua!* Assim seja!

9 - A HUMILDADE

(Natal de 1944)

Antes de começar esta série de instruções sobre as virtudes próprias do vosso estado de religiosas, não devo deixar de vos falar da humildade. É ótimo, sem dúvida, que sejais caritativas, dedicadas sem medida para com as crianças e com as hóspedes confiadas aos vossos cuidados, é ótimo igualmente que tenhais paciência no serviço que vos é confiado; mas isso não basta. É preciso santificar tudo pela humildade. Apesar dos vossos méritos, apesar dos vossos esforços, deveis esquecer-vos sempre, não pensar em vós mesmas, a tal ponto que possais chegar a dizer com S. Paulo, sem faltar à sinceridade: *“Viver para mim é Cristo, e a morte é para mim um ganho”* (Fil 1,21).

É com efeito aquilo a que deveis tender sem descanso, como já vos expus, a estabelecer Jesus, a fazê-lo viver nas vossas pessoas, em vez de vós e em vosso lugar, até poderdes repetir como a apóstolo: *“Vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”* (Gal 2, 20).

Ora esta vida de Cristo em vós, esta substituição de vós mesmas por Jesus não é possível sem a humildade. Recordar-vos-ei, pois, muito simplesmente em dois pontos o que é esta preciosa virtude e como podeis praticá-la. A humildade em si mesma e a humildade em vós, eis as duas ideias que despertarei nas vossas almas, persuadido de que o vosso amor a Deus saberá tirar proveito delas.

I – A humildade considerada em si mesma

Não quero insistir na obrigação que vos incumbe de conhecer e de praticar a humildade; se esta virtude é necessária a todo o cristão, com mais forte razão deve brilhar com o mais vivo esplendor em vós, almas escolhidas de Deus, para vos elevar à perfeição da santidade. Prefiro, sem mais rodeios, lembrar-vos que a verdadeira humildade, isto é, aquela virtude que consiste em nos abatermos diante de Deus, por conseguinte em nos pormos no verdadeiro lugar que convém no universo a seres

criados, resulta da tríplice consideração de Deus, do homem e de Jesus Cristo Vamos, pois, a essas fontes da humildade.

Quem é Deus? Que homem, que criatura poderá jamais dizer-Lo e cantá-Lo? A nossa razão descobre-O, a nossa fé faz-nos penetrar até à Sua intimidade; mas apesar de tudo, não podemos supor exprimir-nos falando Dele senão servindo-nos das palavras que Ele próprio empregou para se manifestar ao profeta Moisés: “*Eu Sou Aquele que é*”.

E porque é assim, porque a nossa ciência de Deus será sempre incompleta, é que Ele está infinitamente acima da nossa inteligência, esse Ser de que não podemos senão balbuciar o nome.

Esse Ser existe desde toda a eternidade e, como no-lo ensina S. Agostinho, é o Senhor da Eternidade, *auctor eternitatis*.

Ele é imenso; nada O limita e Ele próprio limita tudo. Eterno, imenso, é infinitamente perfeito; possui para sempre a plenitude do ser, Ele mesmo é a Sua razão de ser e de tudo quanto existe.

Eternamente Se contempla, e em Si o Seu olhar descobre a soma de toda a perfeição e de todo o ser, em Si descobre tudo o que é e tudo o que poderia ser.

Eternamente, no mesmo acto se encanta do Supremo Bem que é o Seu Ser, e num acto em que Se conhece e em que Se ama, vive.

Não insisto mais; a palavra humana é verdadeiramente impotente para tentar dar-vos alguma ideia de Deus.

A terra proclama as Suas grandezas, os céus cantam a Sua glória. A vossa razão e a vossa fé dão testemunho do Seu poder. É quanto basta para vos recordar as Suas perfeições inefáveis; e não podemos exprimir melhor a nossa admiração do que repetindo com a Igreja as palavras do cântico sagrado: “*Só Vós sois Santo, só Vós sois Senhor, só Vós sois Altíssimo, Senhor Jesus! Tu solus sanctus, tu solus Dominus, tu solus Atíssimus, Jesus Christo*”.

Em face da Trindade, a nossa inteligência, abismada na sua miserável ignorância, exclama com o Arcanjo S. Miguel: “*Quis ut Deus?*” Sim, quem é como Deus?

Seguramente, não somos nós que podemos comparar-nos com a divindade; se quisermos ser sinceros, devemos proclamar a nossa inteira dependência.

Vimos de Deus, vivemos para Deus, vamos a Deus. É Ele que é o nosso Criador, a nossa Providência e o nosso fim.

Dele recebemos tudo: o nosso corpo, tão belo, tão nobre que formou com um pouco de barro; a nossa alma que é um sopro tirado do Seu seio; a nossa fé que Ele mesmo acendeu nas nossas inteligências para as iluminar; a nossa caridade que abrasou no fogo do Seu divino amor.

Que tudo nos vem de Deus, o nosso corpo e a nossa alma, a nossa fé e a nossa caridade, isso é indiscutível, mas não o é menos que não conservamos tudo isso senão por Ele.

Quem mantém e desenvolve a vida dos nossos corpos senão Ele? Providência admirável de ternura e de poder, como o cantava o poeta:

Deus dá às avezinhas o alimento e tem no Coração todo o elemento.

Sustenta as aves do céu e adorna o lírio dos campos com vestidos mais ricos que os de Salomão; com mais forte razão não nos esquece, a nós que Ele criou reis da sua criação; sustenta-nos protege-nos, guia-nos.

E esta missão providencial exerce-a também na ordem sobrenatural. Aumenta e fortifica cada dia esta vida divina que nos comunicou misteriosa mas realmente no dia do nosso baptismo; todo o acréscimo da graça vem Dele; e sem Ele não podemos evitar mesmo o menor pecado, quanto mais praticar virtudes heróicas.

Enfim, Deus, criador e providência, é igualmente o nosso fim. É a Ele que vamos ou antes que todo o homem deve ir, quer queira quer não. Juiz supremo espera pacientemente a hora fixada nos Seus decretos eternos, para pronunciar sobre cada um dos nossos actos uma sentença definitiva.

A uns, aos que o tiverem servido fielmente, dar-se-á Ele mesmo em recompensa, sem véu, sem partilha e sem mistura; ao passo que, privando os condenados da Sua presença, infligir-lhes-á o mais duro suplício que eles podem sofrer: a privação eterna da sua felicidade, do seu fim supremo.

Desta dupla consideração, da grandeza de Deus e do nosso nada, deriva para nós a obrigação de praticar a humildade. Todavia, para fortificar ainda mais esta obrigação e torná-la mais instante, volvamos um olhar sobre o divino Salvador.

Jesus Cristo, sem dúvida, desceu à terra e incarnou antes de mais nada para operar a obra da nossa redenção; mas não descuro a nossa formação e quis viver de maneira que fosse nosso modelo e nosso guia.

Voltai-vos, pois para este modelo divino da santidade que todo o cristão deve esforçar-se por copiar na sua vida; e sobretudo aprendei a sua humildade.

Ele é Deus e não hesita em se abater, em descer, em unir-se tão intimamente quanto possível a uma carne criada; numa palavra que diz tudo, ele fez-se homem. O abismo entre Deus e a Sua criatura parecia insuperável. Deus encheu-o com o seu amor e a sua humildade, o Verbo incarnou e habitou entre nós. *Verbum caro factum est et habitavit in nobis.*

Depois, como isso não fosse talvez bastante para um Deus apaixonado pelo abatimento, Jesus viveu como o mais pobre, o mais ignorado e o mais culpado dos homens.

No Seu nascimento, alojou-Se num miserável casebre e aberto a todos os ventos; jovem, trabalha penosamente ao lado de um carpinteiro, seu pai (?)²⁴; trinta anos da Sua vida decorrem no silêncio, no retiro e no trabalho.

E quando é chegada a hora de manifestar a Sua divindade escolhe doze pobres como amigos; não possui uma pedra onde repousar a cabeça; passa por criminoso e sedicioso, e só fica satisfeito quando Se humilha até à morte e que morte! até à morte ignominiosa dos bandidos e dos celerados, a morte sobre a cruz.

Eis, pois, o cume da humildade; eis o ideal para que deveis tender. Já que Deus é tudo para vós, e vós não sois nada sem Ele, aplicai-vos a colocar-vos numa situação verdadeira em face da sua soberana majestade, aplicai-vos a imitar o Verbo na Sua humildade.

II – A humildade considerada em vós mesmas

Esta humildade de que vos acabo de falar, como a exerceis na vossa vida? Para com todos e para com cada, em relação a Deus, ao próximo e a vós mesmas.

Sim, sede humildes para com Deus; é aí que está o fundamento dessa virtude. Como de resto poderíeis manifestar algum orgulho em face daquele que vos cria, vos

²⁴ Palavra imperceptível.

conserva e vos dirige? todas as vezes, pois, que vos coloqueis na sua presença, todas as vezes que lhe dirijais uma oração, tomai a posição de uma pedinte, de uma mendiga, não penseis que Deus seja obrigado a ouvir-vos nem que seja obrigado a algum reconhecimento para convosco.

Se sois menos culpadas que outros cristãos, se deixastes o mundo para levardes a cruz de Jesus, se perseverais na vossa piedosa resolução, se sois fiéis aos vossos votos, a quem o deveis, senão a Deus e à Sua graça omnipotente?

Quando orardes, conservai-vos aos pés de Jesus como Madalena, como Maria Santíssima; prostrai-vos abatei-vos, reconhecei-vos indignas de todo o benefício, incapazes de todo o mérito e dizei a Deus que realize Ele próprio em vós, por Jesus a Sua vontade e só a Sua vontade.

Assim, em vez de orardes vós mesmas e por vós mesmas, esforçar-vos-eis por fazer orar Jesus que habita em vós e fazê-lo orar pela glória de Seu Pai; segundo a palavra do salmista: *“Non nobis, Domino, non nobis, sed nomini tuo da gloriam. Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Vosso nome dai toda a honra e glória.”* Que vós possais verdadeiramente repetir com Jesus: *“Não é a minha glória que Eu procuro, mas a glória de Meu Pai”*.

E então, quaisquer que sejam os acontecimentos que a Providência dirija, em qualquer lugar a que Ela vos envie, qualquer que seja o ministério que vos confie, conservareis a vossa alma tranquila; nunca tereis nos lábios e no coração senão um só pensamento e um só sentimento: lembrar-vos-eis da vossa condição toda de humildade e de abatimento de servas de Cristo e, imitando Nossa Senhora, comprazer-vos-eis em obedecer a todas as ordens de Deus, transmitidas pelas vossas legítimas superiores: *“Eu sou a serva...”*. *Ecce...*

Sendo humildes para com Deus, sê-lo-eis também para com o próximo e para vós o vosso próximo são essas piedosas companheiras na mesma obra de santificação e dedicação; o vosso próximo são as crianças e as raparigas que Deus vos envia para que as formeis para o dever e para a virtude.

Nas vossas companheiras, comprazer-vos-eis em ver cristãs chamadas por Nosso Senhor Jesus Cristo à perfeição da santidade; respeitareis e admirareis esposas de Jesus consagradas a Ele por toda a eternidade; evitareis perceber o que poderia ser menos perfeito ou mais humano e não tereis olhos senão para contemplar o que é mais divino e

mais digno da aprovação de Nosso Senhor. Assim, não só vos suportareis mutuamente, mas não sofrereis com os vossos defeitos. As imperfeições alheias, os aborrecimentos que a vida de comunidade vos criar, os pequenos sofrimentos que vos causar o contacto quotidiano com uma ou outra das vossas Irmãs, tudo isso não será para vós senão cruces preciosas colocadas por Jesus no vosso caminho para tornar mais bela a vossa coroa e mais numerosos os vossos méritos. Para vos auxiliar nesse exercício de humildade, recordar-vos-eis do grande apóstolo, desse Paulo pregador das nações que não julgava ser senão o *“último dos apóstolos”* e *“com ele não vos chamarei senão abortos da graça”*. (1 Cor.15, 9)

Nas crianças, nas raparigas, de qualquer condição que elas sejam, vereis membros de Cristo, porque é a verdade. Não foram as criaturas que resolvestes servir, mas sim Jesus. Por mais imperfeita, por mais rude, por mais defeituosa, por mais antipática que seja uma pequena, humilhai-vos com simplicidade diante dela. Lembrai-vos de que nesse corpo existe uma alma regenerada pelo sangue redentor, alma que foi, é ou será o santuário do Espírito Santo e que em todo o caso é chamada a viver da própria vida de Deus.

E se a natureza parecer querer revoltar-se dentro de vós, chamai a graça de Deus em vosso auxílio e triunfai corajosamente de todas as resistências; procurai de preferência as crianças e as raparigas menos amáveis ou que mais vos repugnem, mostrai-lhes que as amais em Nosso Senhor, e que as amais tais como elas são para as ajudar a serem o que ele quer que elas sejam.

Mas não basta que sejais humildes para com Deus e para com o próximo, é preciso que o sejais também para convosco.

Desprezai-vos profundamente, filhas de Adão, vis escravas; Deus libertou-vos, mas os traços da vossa escravidão anterior são inapagáveis; o pecado original entregou-vos à ignomínia do pecado; quereríeis não fazer senão o bem e sois arrastadas para o mal; várias vezes sem dúvida, apesar da graça divina, apesar das vossas promessas, sucumbistes, fazer o que desagrava ao vosso divino Esposo ou o que lhe era menos agradável. Humilhai-vos.

Por isso, falai pouco da vossa pessoa e dos vossos actos; não vos gabeis; sabei calar-vos quando se trata de vós; não exagereis nada, mas sede simples.

E depois não vos envergonheis das humilhações imprevistas; longe de vos irritardes interiormente contra aqueles que vos censuram, bendizei-os, aceitai com alegria as suas repreensões, dizei no vosso íntimo que as merecestes e muitas outras que omitiram por compaixão e procurai não vos opordes a elas.

Se vos acusarem falsamente, não vos desculpeis; imitai Jesus no Pretório. Ele não responde a nenhuma das acusações que Lhe dirigem, parece estar oprimido e humilha-se diante dos Seus acusadores; vós, também, em circunstâncias semelhantes, permaneçei mansas, pacientes, silenciosas.

Por outro lado, fugi dos louvores, evitai as pessoas que vos lisonjeiam e persuadi-vos de que se enganam, e a vosso respeito, de que, se vos conhecessem, vos haviam de repelir e de vos condenar.

Se seguides esta linha de conduta, se não descurardes nenhuma ocasião de praticar a humildade, Deus saberá recompensar-vos no dia da justiça; ele reconhecerá a sua esposa fiel; ele a fará sentar no seu trono para que partilhe da sua glória, segundo o que ele próprio ensinou: *“Aquele que se exalta será humilhado, aquele que se humilha será exaltado”*.

Com toda a confiança, dai-vos, pois, cada vez mais a Jesus; aproximai-vos dele cada vez mais, até à hora suprema em que vier finalmente procurar-vos para vos unir para sempre a ele por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

PARA AS SUPERIORAS

Nunca se poderia recomendar demasiado a uma religiosa observante e cheia de zelo que tomasse parte no bom recrutamento da sua família espiritual e que concorresse para esse recrutamento principalmente o fervor das suas orações.

Nada há mais louvável e mais legítimo nem mais natural do que uma religiosa estimar e amar a sua Congregação; mas, por mais vivo que seja o desejo que ela tenha de a fazer prosperar, não deve tentar atrair as aspirantes ao seu Instituto, dizendo mal ou de qualquer modo menos cabando os outros. O espírito de Deus não inspira jamais essas manobras, essas tortuosas maneiras de proceder, a Igreja as aprova, alguns santos fundadores profligaram-nos com severidade e a experiência demonstrou há muito tempo os tristes, os deploráveis efeitos de semelhantes exageros. A prudência e a moderação devem assinalar as palavras e os actos daquelas que estão incumbidas de se pronunciar sobre a aptidão duma aspirante.

S. Francisco de Sales dizia numa palestra à religiosas da Visitação: *“As Irmãs hão-de falar sempre muito humildemente da sua pequena Congregação e hão-de referir todas as outras à sua quanto à honra e à estima; e contudo, hão-de preferi-la também a qualquer outra quanto ao amor, testemunhando de bom grado, quando o ensejo se lhes apresenta, quão agradavelmente elas (?)²⁵ nessa ocasião... Assim cada qual prefere a sua pátria às outras em amor, não em estima, em apreço; cada piloto quer mais ao navio em que navega de que aos outros, posto que mais ricos e mais bem providos. Confessemos francamente que as outras Congregações são melhores, mais ricas e mais excelentes; mas não contudo mais amáveis, nem desejáveis para nós, porque Nosso Senhor quis que fosse esta a nossa pátria e a nossa barca e que o nosso coração se desposasse com este Instituto”*.

Tal era também a linguagem em que S. Vicente de Paulo se dirigia à piedosa sociedade dos missionários que ele acabava de fundar: *“Como eu quisera que aprovesse a Deus conceder a esta pobre Congregação a graça de se estabelecer bem na humildade, de abrir alicerces e de construir sobre esta virtude, de permanecer nela como no seu posto e de nunca sair de lá. Não nos enganemos, se não tivermos humildade, não teremos nada. Não falo apenas da humildade exterior, falo*

²⁵ Palavra imperceptível.

principalmente da humildade de coração e da que leva a crer verdadeiramente que não há ninguém sobre a terra que seja mais miserável que nós e eu, que a Sociedade da Missão é a última de todas as Sociedades; e que ela é a mais pobre pelo número e condição dos seus membros e a estar muito satisfeita de que toda a gente fale assim. Ai! querer ser estimado, que é isso senão querer ser tratado de modo diferente daquele como o Filho de Deus foi tratado sobre a terra?... Acreditai-me, nós nunca seremos aptos para fazer a obra de Deus, se não tivermos um desprezo completo de nós mesmos... e por consequência, acrescentava o santo, nós estimaremos mais todas as outras Comunidades do que a nossa, porque elas valem muito mais. Todavia, nós teremos mais afeição pela nossa, porque um bom filho ama mais a sua mãe, embora coberta de andrajos, do que a mais rica e mais brilhante princesa do mundo”.

Falar modestamente do seu Instituto, não o fazer valer em detrimento dos outros com comparações desagradáveis, é o dever duma boa religiosa, sobretudo daquelas que têm a missão delicada de se pronunciarem sobre a admissão das candidatas. Que desgosto, que pena para elas se fossem obrigadas a despedir um dia aquela cujas preferências captaram! Não é de recear que faltem à justiça ou à firmeza na sua decisão?

Num negócio desta importância convém pôr toda a confiança na Providência e deixar a Deus o cuidado de dirigir eficazmente as almas que aspiram à vida religiosa. Quantas vezes uma religiosa, uma superiora religiosa, por não sei que interesse humano ou por que zelo mal colorido, se afasta das regras da sabedoria e da humildade! Uma vocação religiosa começa a desabrochar, tem-se pressa em cultivá-la com conselhos ou sugestões pouco reflectidas. *“Venha, venha para nós, para o nosso Instituto, para a nossa Obra; olhe que há-de ser feliz; na nossa Congregação, melhor do que em qualquer outra encontrará caridade, bem estar, largueza de espírito e bondade de alma”.* Como estas palavras são funestas e quantos a quem elas são fatais!

Não é que uma religiosa não possa expor, quando a ocasião se apresenta, o fim e o carácter da Obra em que se trabalha, nem que deva abster-se exteriormente de toda a estima pela sua Congregação, mas é necessário faze-lo com muita reserva e modéstia, sem procurar nem honras, nem bens nem casas para ela, e não solicitar as aspirantes, desviando as suas preferências. Cada Congregação merece a protecção de Deus; mas ainda mais, segundo me parece, aquela cujos membros unidos por uma doce e suave afeição *“falam todos muito humildemente da sua casa e das suas obras, honram os*

outros Institutos mais que o seu, consideram-se os últimos de todos na Igreja e estão muito satisfeitas de que toda a gente o diga”.

Assim falaram os santos. Quereis na sua escola, referindo os seus ensinamentos ganhar prosélitos para o vosso Instituto? Não faleis nunca dele, mas fazei-o conhecer pelo fervor das vossas orações, pela prática contínua das virtudes cristãs e dos conselhos evangélicos e pelo esplendor e irradiação duma alegria e duma paz inalteráveis.

Agora outro assunto também importante.

Quando uma comunidade religiosa se mostra demasiado fácil em aceitar as candidatas, sem inquirir suficientemente se tem as qualidades requeridas, a regularidade e a harmonia acham-se comprometidas e as virtudes religiosas não tardam a enfraquecer

Santa Joana de Chantal recomenda que não se tenha compaixão quando se trata de aceitar aspirantes, que não se admita nenhuma que não tenha as condições convenientes.

“Pouco e bom, dizia ela, escolhei bem os espíritos. Antes fiquemos reduzidas ao pequeno número que somos, dizia uma superiora experimentada (M.me de Failloret, superiora das Irmãs da Doutrina Cristã de Nancy); Deus nos preserve de tomar para nós jovens que ele não tomara para si. Aquelas que ele escolher são as únicas que ele nos oferece”.

Nem todos os que abraçam a vida religiosa são conduzidos pelo espírito de Deus. O demónio procura entrar no claustro como no mundo, e, embora não reine lá como Senhor, não se poupa a nada para introduzir nela o relaxamento e a desordem. As pessoas sem vocação que vivem nas casas religiosas tomam nelas o seu partido e tornam-se instrumentos dos seus desígnios pelos exemplos duma vida relaxada e mal disciplinada

Lê-se na *“Vida e Revelações da Irmã Natividade”* que quando os demónios vêem uma comunidade vazia do espírito do mundo, cheia do espírito de Deus, e em que as almas estão aplicadas, todas juntas, ao cumprimento dos seus deveres, enfurecem-se de despeito; e não encontrando nenhuma abertura para a atacar, dizem entre si: *“É preciso que façamos entrar aqui raparigas mundanas, fazendo-lhes crer que têm vocação para serem religiosas e que Deus as chama a esta comunidade”.*

As vocações de que Deus não é o autor produzem cada dia os mais tristes e os mais deploráveis efeitos. Aquelas que têm a missão de as estudar e de as discernir

incorrem numa grande responsabilidade diante de Deus, alargando indefinidamente a passagem. A ignorância, a imprudência, a complacência, a política mundana, a falsa compaixão, os vãos escrúpulos e o interesse são as coisas mais ordinárias, mais frequentes dessas admissões. Não se tem o trabalho, o cuidado de conhecer, de estudar, mas a sério, a valer, a pessoa de que se trata, postulante ou noviça; porque fazer um estudo tão difícil, tão laborioso, tão complicado, diz-se, não é preciso antes de mais nada manter as obras, as casas do Instituto? Ou então supõe-se que depois de ter feito profissão, começará a cumprir seriamente os seus deveres, com os seus defeitos corrigidos quase que por encanto, talvez em virtude das graças de estado, ao passo que até esse dia desprezou quase por completo esses deveres, ou não soube ou não quis corrigir esses defeitos. Ou ainda receia-se desagradar a uma família influente, a um amigo do Instituto, a uma benfeitora que se interessa há muito tempo pelas obras da casa, e desejava vivamente essa admissão. Ou ainda fecham-se os olhos a certos defeitos, está-se cego a respeito de outros, evaporam-se as esperanças que se têm. Às vezes há mesmo uma preocupação excessiva acerca do futuro da pessoa. Que fará, pergunta-se, numa ansiedade que muitas vezes não tem grande razão de ser, que fará, fora do Instituto?... E para lhe poupar dificuldades sobrecarrega-se o Instituto com um membro pelo menos inútil, senão perigoso ou prejudicial.

Finalmente, não se quer sacrificar o dote dessa pessoa, o seu diploma de professora, as lisonjeiras esperanças que nela se punha, a protecção e os benefícios da sua família rica e generosa, a sua influência pessoal ou a das pessoas das suas relações e amizade.

“Sim, diz um piedoso autor, o Pe. Rigolerec na sua Instrução às religiosas para a recepção das noviças, e na recepção das religiosas, é mais frequente pecar por excessiva facilidade do que por excessivo rigor; admitam-se antes de mais do que de menos”.

Para não reduzir as obras começadas, para não ter de fechar algumas casas, o que seria preferível, para não querer abandonar as obras que estão projectadas ou as que são de novo oferecidas, corre-se o risco de fechar os olhos e enche-se uma casa, um Instituto, de pessoas suspeitas e de vocação muito duvidosa, em detrimento da disciplina, do espírito religioso, da santificação geral, do verdadeiro bem do Instituto, do bem das almas, da glória de Deus. A maior parte dos escândalos provêm da negligência que se tem em provar as vocações e da grandíssima facilidade em receber

todas aquelas que se apresentam. Quando, numa casa religiosa, as observantes foram substituídas pelas relaxadas, e estas formam o maior número, dão o tom à casa e mudam por completo o espírito duma comunidade. Há motivo para nos admirarmos disso? Quando o amor não entra para nada na observância das regras, acha-se graça e até gosto em infringi-los e em arranjar complicações; leva-se a mal e murmura-se contra a exactidão das boas religiosas e procura-se feri-las com epítetos. Eis ao que se expõe um Instituto religioso quando admite demasiado facilmente as aspirantes que se apresentam. As Constituições das Agostinhas Hospitaleiras declaram que é importante e necessário, para manter a paz e a regularidade dos mosteiros, que aquelas que solicitam a graça da sua admissão sejam bem *chamadas*, bem *examinadas*, e bem *escolhidas*. Segundo as Constituições das religiosas do Santíssimo Sacramento, não se deve admitir uma religiosa que não seja verdadeiramente chamada por Deus, e nenhuma, e por qualquer razão que seja; qualquer que seja o talento, a nobreza e a riqueza que possa ter porque a vida religiosa não pode ser santa e salutar senão para aquelas que conceberam solidamente o amor de Deus no seu espírito e se despojaram inteiramente do mundo; para as outras é uma armadilha e um escândalo certo.

A escolha e a admissão das aspirantes é um negócio capital de que depende em grande parte a prosperidade do Instituto. Segundo os conselhos de S. Teresa de Jesus, no Caminho da Perfeição, cap. 15, cada religiosa deve preocupar-se seriamente com esse negócio e recomendá-lo a Nosso Senhor; as superiores, por seu lado, não devem deixar-se guiar por nenhum outro motivo humano e não ver em tudo senão a glória de Deus.

Passemos agora a outro ponto. Não se deve decidir uma admissão ou uma recusa senão com muita prudência. Aquelas religiosas que têm voto no capítulo ou no conselho para admitir uma noviça à profissão não devem pronunciar-se senão com conhecimento de causa e não ter em vista senão os interesses de Deus e da comunidade. As informações fornecidas pela superiora e pela mestra de noviças servem de base à sua decisão. Uma e outra estão sempre mais bem informadas, conhecem melhor a noviça, assim como as necessidades do Instituto; elas devem dizer, com caridade e simplicidade, quais são a sua piedade, o seu carácter, a sua boa vontade, a sua aptidão e o que a observação quotidiana lhes faz conhecer, sem revelar todavia as confidências sobre o seu interior. Pode-se, em consciência, confiar na sua apreciação e aceitá-la como

base de decisão, quando não se tem motivo legítimo para crer que se enganaram ou que foram enganadas. Seria um pecado grave recusar ou admitir uma pessoa à profissão ou ao noviciado sem razão legítima. *“Uma religiosa, diz Santa Joana de Chantal, que não quisesse aplicar o seu espírito nem formar o seu juízo, tendo a capacidade de o fazer, mas quisesse dar o seu voto geralmente a todas as pessoas que lhe apresentassem ou recusá-lo a todas, eu creio que pecaria gravemente, e isso não seria de modo nenhum permitido”*.

Nos Institutos de superiora geral, aprovados em Roma, isto é, de direito pontifício, a Santa Sé exige rigorosamente o voto favorável do conselho geral.

Em certas Congregações é de uso fazer votar o conselho e o capítulo conventual. O contacto habitual com as irmãs, durante o recreio e nos mesmos empregos, fornece-lhes uma ocasião de se conhecerem melhor; pode-se dissimular aos olhos das superiores, mas não se escapa à clarividência e ao bom critério das companheiras; é isso que dá importância, que dá valor a este voto. Há às vezes coisas que se sentem e não se possam explicar. E a prova fornece-a a experiência: a saída definitiva duma pessoa quando é realmente excluída, mesmo sem culpa, ainda que a princípio surpreenda, e sempre penalize, nunca causa estranheza ou reparo.

Cada uma de resto pode expor com simplicidade, moderação e caridade, os seus pensamentos ou as suas dúvidas em capítulo ou em particular. A pessoa a admitir é-lhes proposta 24 horas antes da deliberação, a fim de deixar a todas o tempo de orarem, de se esclarecerem, de reflectirem. Quando se duvida se se deve admitir uma postulante porque há boas razões a favor ou contra, não se deve recusá-la por isso, diz o Pe. Rigolene; haverá tempo de estudar e esclarecer melhor o caso, visto que o tempo do noviciado é destinado a essa prova. Mas se se trata de admitir uma noviça à profissão, não se pode fazê-lo na dúvida; *“se o noviciado não bastou para que se possa fazer um juízo positivo, favorável ou desfavorável, há obrigação em consciência de recusar o voto, e deve-se absolutamente mandar embora a noviça”*.

Quando uma postulante reúne todas as condições exigidas para entrar em religião, é forçoso admiti-la por dever e por caridade, a não ser que uma causa racional escuse uma recusa de admissão. *“Afastando sem razão da vida religiosa ou pelo menos do próprio Instituto, diz Suarez, uma pessoa nas condições referidas, defraudar-se-ia o Instituto duma religiosa e privar-se-ia sem motivo uma alma dum grande bem, de que*

pode participar toda a Igreja”. Quando Jesus Cristo convida com estas palavras: “*Vinde a mim todos os que sofreis e que estais fatigados*”, não é sem perigo que aqueles que por nosso intermédio queriam aproximar-se do Senhor são rejeitados por nós. Todavia, acrescenta o sábio teólogo, esta obrigação dos superiores não é tal que não possa cessar por diversas razões, por exemplo, quando o Instituto não tem recursos suficientes para se encarregar da sustentação dum novo membro. Se várias pessoas do mesmo mérito pedem ao mesmo tempo a graça de serem admitidas, e não é possível recebe-las todas, podem-se aceitar algumas e recusar as outras, ainda mesmo que todas fossem chamadas à vida religiosa. Finalmente, na dúvida, se uma pessoa tem as qualidades exigidas ou não as tem, quando é provável que as tenha e também provável que esteja desprovida delas, pode-se deixar de a admitir.

Quando as constituições exigem o voto favorável do conselho e do capítulo, é muito importante dá-lo em escrutínio secreto; assim está geralmente prescrito nos Institutos religiosos, e não sem graves motivos. Bossuet escreveu, sobre os abusos que resultaria da admissão das súbditas por sufrágios públicos, uma longa carta de que passo a citar algumas passagens. “*Suponho como certo, diz o grande bispo de Meaux, que as admissões se devem fazer com a maioria de sufrágios das religiosas. Não há questão sobre esse ponto, e tudo o que resta a examinar é a maneira de dar os sufrágios. Ora, eu digo que a de os dar publicamente e de viva voz expõe as nossas religiosas ao perigo de traírem a sua consciência em matéria grave, e por consequência a cometerem tantos pecados mortais quantas admissões se fizerem na vossa casa. Que a matéria seja grave, é coisa de que ninguém pode duvidar, porque se trata da admissão das pessoas, de que depende toda a ordem, toda a regularidade, toda a boa constituição duma casa, dum Instituto religioso. Que fazendo dar os sufrágios em voz alta, se expõe as religiosas a esse inconveniente, é coisa bem clara por duas razões que não podem ser melhores; uma, que elas recearão sempre desagradar à sua abadessa, sob a qual elas estão numa absoluta e perpétua dependência, recusando uma aspirante que ela lhes propõe; a outra, que recearão ao mesmo tempo ofender as suas irmãs, porque a experiência mostra que aquelas que se propõem são de ordinário sustentadas por uma parte da comunidade. Quando se faz oposição ao seu sentimento, isso causa contestações infinitas; aquelas cujo sentimento foi combatido preparam semelhantes exclusões ao outro partido; as noviças e as professoras cuja admissão se quis impedir são tentadas tão*

violentamente a conservar o ressentimento no seu coração que quase não há nenhuma que não sucumba, ou que, não tenha necessidade, para lhe resistir, de tão grandes esforços que a caridade não permite expo-los. Para não atrair semelhantes aversões, toma-se o partido de dissimular e de deixar correr as admissões como puder ser, à vontade duma superiora e daquelas que favorecerem a pessoa proposta, de sorte que tudo está cheio de respeito humano e que, a bem dizer, não há liberdade nem verdadeira deliberação...”

Se tão grandes bispos estabeleceram esta regra (do escrutínio secreto), principalmente depois do Concílio de Trento, foi seguindo o exemplo de S. Carlos, do qual eis aqui uma coisa célebre, no livro 6.º das Constituições desse santo Prelado sobre a maneira de receber as raparigas na religião, c.8: *“Que se proceda à recepção das raparigas para o noviciado, e do noviciado à profissão, por sufrágios secretos, a fim de que cada uma das religiosas possa satisfazer livremente a sua consciência, sem ser impedida por nenhuma paixão...”* Eis o modelo que os bispos seguiram depois; e este cânone de S. Carlos contém em resumo todas as razões que apoiam uma resolução.

O Instituto tem o dever de estudar seriamente as pessoas que lhe são confiadas, de não se pronunciar sobre cada uma delas senão com uma certeza moral, sem prevenção, sem capricho e não se inspirando senão na glória de Deus e no bem da comunidade. Quando, segundo as constituições, o conselho ou o capítulo é admitido a dar o seu voto, não deve fazê-lo senão com conhecimento de causa, depois de ter orado, reflectido, interrogado aquelas que devem saber e não dar o seu sufrágio senão os escrutínio secreto, a fim de assegurar a liberdade do voto. Tais são as regras inspiradas pelos mestres da vida religiosa.

A Igreja proveu sabiamente à prudente aceitação dos súbditos, decidindo que, nas congregações de mulheres, nenhuma pessoa fosse admitida sem a aprovação do Ordinário. Não é que ele possa constranger as comunidades a aceitar as pessoas que ele queira fazer entrar nelas; porque, mesmo depois do seu exame e juízo favoráveis, a Congregação não é obrigada a admitir as pessoas que ela julga desprovidas das qualidades necessárias. Todavia, diz Fagnen, o Bispo pode, sem violar os direitos dos superiores, intervir na admissão das candidatas, forçar até um convento rico a receber pessoas competentes, quando se apresentam..., no caso de obstinação.

Exame acerca das aptidões

A idade.

Se falo de idade aqui, não é para recordar, segundo as prescrições da Igreja, que não se deve admitir uma noviça à profissão antes dos 16 anos completos, mas para afirmar com os teólogos e canonistas, entre os quais um dos maiores, Suarez, que toda a Ordem ou Congregação religiosa tem o direito de receber na sua escola, de admitir na sua família, de proteger no seu seio toda a criança que, tendo o uso da razão, quer abraçar a vida religiosa com a autorização de seus pais ou se deixa apresentar por eles para esse fim.

Como é grande na história o número daqueles cuja vocação religiosa nasceu ao abrigo do claustro e sob a tutela da Igreja, oferecidos a Deus desde os seus mais tenros anos por pais cristãos, ansiosos de os iniciar bem cedo nas práticas duma vida santa! No tempo de S. Bento, as famílias cristãs mais distintas de Roma honravam-se em lhe confiar os filhos. *“É bom para o homem, diz o Sábio (III, 27) ter levado na sua mocidade o jugo do Senhor”*. Entende-se geralmente no mundo que ninguém se habitua nunca cedo de mais ao género de vida que escolheu. Aqueles que querem abraçar o estado eclesiástico iniciam-se desde a infância nos conhecimentos úteis a esse estado; os que se destinam à carreira militar habitam-se com muita antecedência ao manejo das armas; os que devem aplicar-se a uma arte ou a um ofício, não receiam conhecer cedo demais os preceitos, as regras e manejar os instrumentos dessa arte ou ofício; porque é que a vida religiosa há-de fazer excepção a essa regra? Quando mais dificuldades oferece um género de vida, tanto mais necessário é que a pessoa que o deseje seguir se habitue desde a infância a vivê-lo, a sujeitar-se a ele, diz S. Tomás. Todo o Instituto religioso tem, pois, o direito de admitir às práticas da piedade a criança que, tendo chegado à idade da razão, vem, sob a inspiração do Espírito de Deus, por conselho ou desejo de seus pais, pedir asilo e protecção.

S. Francisco de Sales escrevia a Santa Joana de Chantal: *“Quanto às nossas pequenas (as filhas mais novas da Santa), aprovo que as faças criar nos mosteiros, com intenção de lá as deixar, mediante duas condições: uma que os mosteiros sejam bons e reformados..., a outra, que tendo chegado o tempo da sua profissão, se saiba fielmente se elas querem abraçar o estado religioso com devoção e de boa vontade. É preciso*

mete-las lá dentro com doces e suaves impressões; e se elas ficam neles assim, serão felizes e sua mãe também, de as ter plantado nos jardins da Igreja, que as regará com cem mil graças celestes". Deste modo, segundo S. Francisco de Sales, podem-se receber e sustentar as crianças no convento com intenção de as conservar e guardar, mas é preciso educá-las com suavidade e doçura, cultivar fielmente a graça de Deus e adquirir a certeza, antes de as admitir, de que elas têm os verdadeiros sinais de vocação. Não há, não pode haver dúvida alguma de que lhes é muito vantajoso viverem desde bastante cedo em comunidade sob a vigilância das superiores, sob o regime duma regra, sob a influência dos bons exemplos e crescerem assim sob o orvalho fecundo e vivificador da graça divina.

A Beata Imelda tinha apenas doze anos quando morreu entre as dominicanas. Santa Rosa de Viterbo fazia voto de castidade em sua mais tenra infância. Aos cinco anos, Santa Rosa de Lima contraía o mesmo vivendo com o Esposo celeste. Aos seis anos, Achas de Thoronth obtinha, à força de lágrimas, licença para vestir o hábito franciscano.

Se a Igreja permite que um Instituto proteja a criança contra a corrupção do século, cultivando os seus piedosos desejos e os seus juvenis atractivos, não o autoriza a admiti-la ao noviciado antes de completos os quinze anos de idade. Oferecida por seus pais ou tendo vindo por si mesma com licença deles, pode-o começar na idade de doze anos (tratando-se de meninas), revogar a oferta que dela fizeram e deixar o convento; os pais não têm o direito de a forçar a entrar em religião contra sua vontade. Se consente em ficar, pode-se admiti-la como noviça, logo que faça dezasseis anos, e aplicá-la seriamente a fazer a aprendizagem da vida religiosa.

O Concílio de Trento, proibindo que se admita uma pessoa à profissão antes dos dezasseis anos completos e exigindo que seja precedida dum ano inteiro de noviciado, indicava dum modo suficiente que se podiam receber as crianças em religião, e admiti-las mesmo ao noviciado aos quinze anos, quando assim o desejassem. O novo Código de Direito Canónico, porém, isto é, a legislação moderna da Igreja, que altera em parte as disposições do Sagrado Concílio de Trento, determina que ninguém possa ser admitido ao noviciado sem ter quinze anos completos, sob pena de nulidade, e que ninguém possa ser admitido à profissão religiosa temporária, antes dos dezasseis anos completos e à profissão solene ou à profissão simples perpétua antes dos vinte e um

também completos. Antes de entrar em vigor o novo Código de Direito, o que sucedeu em 1918, as disposições do Concílio Tridentino não impediam de modo nenhum que fossem admitidas à vida de comunidade, ou mesmo ao noviciado, aspirantes ou postulantes que tivessem atingido a idade da puberdade, isto é, os doze anos completos.

S. Francisco de Sales escrevia à madre Chantal em favor de uma menina que pedia a sua admissão no Instituto da Visitação de que eram fundadores: *“Esta menina, contanto que tenha à volta de doze anos, poderá muito bem ser recebida. É verdade que esta gente miúda dá trabalho, mas que se há-de fazer?... Não temos vinho sem (?)²⁶, sem borra, neste mundo. É preciso ponderar e comparar: é melhor que no nosso jardim haja espinhos para termos rosas ou não termos rosas para não termos espinhos?... (O resto não diz respeito ao nosso Instituto, porque já está resolvido pela autoridade competente que os seus membros não tendo hábito próprio e privativo, mas vistam segundo a sua condição fora das casas do Instituto guardando sempre com o mais rigor as regras da simplicidade, da pobreza e da modéstia cristã; mas em todo o caso, sempre (?)²⁷ porque é interessante). Quanto ao hábito, não lhe é necessário; não me parece que seja preciso dar-lho antes da idade; mas sim, proporcionar-lhe um muito simples e uma pequena écharpe que traga na cabeça da menina que parecia uma religiosa”*.

Como cada Congregação é chamada a pronunciar-se sobre as aptidões das aspirantes, não poderia começar cedo de mais a estudá-las. Nessa idade em que o coração conservou a sua inocência e o seu entusiasmo, o seu transporte para o bem, para a virtude, quando os cálculos humanos ainda não influem nas determinações do espírito, é fácil penetrar até ao fundo da alma, conhecer o que há de elevado ou de fraqueza natural no carácter, corrigi-lo, enobrecê-lo e transformá-lo, desenvolver os germens sobrenaturais e julgar com menos incerteza o que vale a aspirante e o que se pode razoavelmente esperar dela no futuro. Tudo isso com o maior proveito da liberdade das almas; a Igreja deseja ardentemente formá-las, não quer forçá-las, constrange-las.

S. Paulo, Santo Antão, Santo Hilário, todos três eremitas aos quinze anos, venderam todos os seus bens e, depois de terem dado o produto da venda aos pobres, consagraram-se indissolúvelmente ao serviço do Senhor. S. Bento não tinha senão dez anos quando deixou o mundo. Santo Antonino, S. Tomás e S. João Colybita entraram

²⁶ Palavra imperceptível.

²⁷ Palavra imperceptível.

em religião aos catorze anos. S. Francisco de Paulo, o fundador dos Mínimos, aos treze anos. S. Vicente Ferrer fez-se religioso aos dezoito anos e S. Lourenço Justiniano aos dezanove.

É nesta ordem de (?)²⁸ que se filiam a obra dos jovens clérigos, das escolas apostólicas, dos juvenatos e tantas outras instituições deste género, em que cada Congregação reúne, à custa de tantos sacrifícios, jovens cristãos ou jovens cristãs, a fim de cultivar bem cedo nas suas almas os germens da vida religiosa. Porque se havia de esperar que o coração fosse estragado pelo mal e a inteligência manchada pelos desejos impuros, antes de trabalhar nessa formação. Não é mais fácil, muito mais fácil mesmo, preparar para a vida religiosa aqueles cujo espírito não recebeu ainda nenhum mau vício?

A principal dificuldade que se experimenta ordinariamente em religião provém dos maus hábitos que se adquiriram no século e das lembranças de tudo o que se fez no meio do mundo. As más inclinações a que uma pessoa se entrega enquanto está no meio do mundo, são muito difíceis de corrigir mais tarde. Os primeiros hábitos exercem sempre uma influência considerável na nossa vida.

Dos catorze aos vinte e cinco anos, a rapariga, como o rapaz, embora com menos frequência, graças ao natural resguardo próprio do seu sexo, tem inclinações que a expõem aos maiores perigos. É então que ferve nela o ardor juvenil, cheio de audácia e de temeridade; os prazeres obscurecem a razão; é então que chegam com os naufrágios da castidade o esquecimento de Deus e da salvação eterna. Quantas se perdem nessa idade, de corpo e de alma ao mesmo tempo. Uma Congregação que aceita uma aspirante nos seus primeiros anos evita todos estes inconvenientes. Por isso é muito vantajoso para uma rapariga entrar em religião e começar o seu noviciado, logo que chegou à idade determinada pela Igreja, e os pais procedem com prudência e sabedoria confiando, antes dessa idade, a sua filha à ordem ou congregação religiosa para a qual se sente atraída, a fim de que se acostume à vida que deverá abraçar mais tarde e não contraia as manchas do século.

A Igreja que é dirigida pelo Espírito de Deus, favoreceu sempre esta tendência. Ela entende que uma rapariga na idade de doze anos se acha em condições de deliberar seriamente sobre o seu estado de vida. Suarez afirma que é muito útil para as crianças

²⁸ Palavra imperceptível.

serem recebidas numa comunidade regular onde a disciplina religiosa esteja em vigor. S. Tomás ensina que a prática de oferecer as crianças às comunidades religiosas é fundada sobre o exemplo de Jesus Cristo que disse que deixassem ir a ele as criancinhas, sobre a doutrina dos Santos Padres e sobre a prática dos séculos. (?)²⁹ declara que seria “*imprudente e injusto*” nesta matéria encontrar que dizer ao que foi determinado pelos Papas, pelos Concílios, pelos Doutores, pelos Teólogos e pelos Canonistas.

Eufrásia, parente do imperador Teodósio, que ficara viúva depois de alguns anos apenas de casada, não tinha senão uma filha que usava o mesmo nome. Para fugir a um casamento rico e brilhante que o imperador lhe oferecia, retirou-se para o Egipto com sua filha e visitou com ela os numerosos conventos de homens e de mulheres que floresciaam então nesse país. Um deles estava cheio com mais de cem religiosas que viviam numa rigorosa penitência. Eufrásia encontrava um motivo de consolação em vê-las muitas vezes e levava sempre consigo sua filha, que podia ter então pouco mais ou menos sete anos. A superiora comprazia-se às vezes em entreter-se com a jovem Eufrásia, em que ela reconhecia disposições prematuras para a piedade; e, querendo sondar como de gracejo e divertimento os sentimentos do seu coração, perguntou-lhe um dia se ela gostava do seu convento. A criança respondeu com ingenuidade que gostava muito dele. Mas, disse-lhe a superiora, se a menina gosta de nós fique conosco. Decerto, respondeu a criança, que desejaria imenso ficar, se isso não causasse desgosto a minha mãe. Este desejo era acompanhado dum santa alegria, e Eufrásia, a mãe, manifestou a sua com lágrimas que derramava.

Mas o caso tornou-se mais sério quando chegou a hora de saírem do convento, porque então a pequena disse à mãe que desejava ficar e persistiu na sua resolução. Não houve meio de a dissuadir. Como a sua resistência parecia um capricho de criança, pensou-se que deixando-a passar a noite no convento, ela não ficaria disposta a permanecer lá no dia seguinte. Mas viu-se no dia seguinte que a sua vontade não tinha mudado. A superiora reconhecendo o que quer que fosse de sobrenatural na sua constância, disse à mãe: “*Deixe, minha senhora, deixe ficar a sua filha conosco, porque é a graça que opera nela*”. Eufrásia, cuja virtude era maior que a ternura, tomou então a filha pela mão, conduziu-a diante dum imagem de Nosso Senhor e exclamou

²⁹ Palavra imperceptível.

chorando: “*Meu Senhor Jesus Cristo, recebi esta criança, porque ela não deseja senão a Vós*”. Depois voltou-se para a filha, fez-lhe as suas recomendações e entregou-a nas mãos da Superiora. Alguns anos mais tarde, essa mãe generosa, depois duma vida santa, morria no convento nos braços da filha. E a jovem Eufrásia caminhava a passos largos nessa carreira de virtudes e de prodígios que a tornaram tão célebre entre os gregos e que fizeram que fosse venerada pela Igreja como santa – Santa Eufrásia.

S. João Crisóstomo escrevia a Lacta a respeito da filha que Santa Paula, sua avó tinha consagrado a Jesus Cristo: “*Acautelai-vos de lhe furar as orelhas, de pôr rouge num rosto consagrado a Jesus Cristo; de lhe carregar o pescoço com ouro e pérolas e a cabeça com pedras preciosas; de lhe fazer ruivos os cabelos, para que essa cor não seja para ela como que um presságio do fogo do inferno. Dai-lhe antes pérolas, de que ela faça em seguida um santo negócio para comprar a pedra preciosa do Evangelho.*”

Em muitos casos, a idade, antes ou depois da qual não se pode admitir uma pessoa no postulante ou no noviciado, é determinado positivamente pela Regra ou pelas Constituições; é evidente que nesse caso importa proceder em conformidade com tal disposição. Se a Regra guarda silêncio sobre esse assunto, pode o Instituto cingir-se às prescrições gerais da Igreja, que acabo de indicar.

A mocidade é sempre o melhor tempo para entrar em religião: ela sujeita-se melhor aos deveres que velhos hábitos não contrariam. Todavia a idade avançada não é por si mesma um obstáculo à entrada em religião. A Beata Maria da Encarnação, fundadora das Ursulinas da Nova França, foi recebida aos trinta e dois anos; a princesa Luísa, filha de Luís XV, tinha trinta e três quando entrou para o Carmelo e a baronesa de Chantal, viúva, tinha trinta e oito anos quando fundou a Visitação, de que ela foi a primeira religiosa. Para ser admitida em religião, basta que a idade não seja um obstáculo à observância da Regra que se quer abraçar. “*Que se tenha toda a cautela, diz Santa Clara, em não se receber nenhuma pessoa que, em virtude da sua idade avançada, seja tida como incapaz de cumprir bem a Regra, porque as pessoas idosas não servem senão para subverter o estado da religião e enfraquecem o vigor da disciplina regular*”.

A cada comunidade compete examinar com atenção o que é que uma pessoa pode na ordem das observâncias religiosas, quando uma boa saúde ou a energia do carácter corrige as deficiências da idade. É neste espírito que Santa Clara, que permite

receber no postulante aos doze anos, não quer que se mostre demasiada severidade até à idade de quarenta anos; as Beneditinas vão até aos cinquenta anos. Leandro Chizzola entrou na Companhia de Jesus na idade de setenta anos; edificou a Igreja com a generosidade do seu sacrifício e o Papa Bento XIV aprovou a sua resolução, pedindo ao seu Bispo que não o obrigasse a deixar o Instituto. Entre nós, há poucos anos relativamente, isto é, pouco antes da implantação da República, um médico católico muito célebre, de Lisboa, o Dr. Mandes Lages, fez-se também jesuíta, quando a sua idade ultrapassava já os setenta anos, pedindo na sua humildade aos Superiores durante o noviciado que o equiparassem em tudo aos outros noviços. E quando, estabelecido o novo regime, o Governo provisório dissolveu as Congregações religiosas e expulsou os jesuítas da sua Pátria, o Afonso Costa, ministro da justiça, amigo e admirador do grande médico, grande pelo saber, pelo carácter e pela virtude, lhe oferecia, à sua escolha, um dos lugares oficiais mais remunerados da capital com a condição de sair da Companhia para não ter de sair do país, o generoso filho de Santo Inácio declinou com santa altivez o oferecimento que lhe era feito, preferindo acompanhar os seus irmãos em religião e partilhar com eles as agruras do exílio, onde pouco tempo depois expirou santamente no Senhor.

Gaspar Dragonetti era da idade de noventa e dois anos quando foi visitar S. José de (?)³⁰, no seu leito de morte. Este, muito preocupado com o futuro da sua obra, pediu ao seu grande amigo que não a deixasse em perigo e suplicou-lhe que, pondo de lado todo o pensamento terreno, se consagrasse à educação de tantas criancinhas pobres só por amor de Deus. Ele cedeu a esse pedido instantâneo do santo e viveu ainda vinte e seis anos nos trabalhos do seu novo ministério.

Estes três exemplos são excepção, todavia mostram o que se pode sempre esperar duma vontade enérgica, temperada pela graça; e este elemento de apreciação não deve ser desprezado, quando se trata de se pronunciar sobre a admissão duma pessoa de idade.

Em todos os tempos, cada comunidade se atribui este direito de exame.

Santa Catarina de Génova não conseguia fazer-se admitir entre as Agostinhas do convento de Nossa Senhora das Graças, apesar dos seus instantes desejos, apesar das recomendações e da intervenção pessoal do seu confessor; ela tinha então apenas treze

³⁰ Palavra imperceptível.

anos e as regras opunham-se por esse motivo à sua admissão. Essas religiosas teriam de bom grado acedido ao pedido da criança e do seu director, porque não ignoravam as graças extraordinárias de que gozava Catarina, mas preferiram renunciar ao tesouro que lhes propunham a transgredir as regras.

As religiosas de S. Marcos das Rosas não quiseram nunca consentir em aceitar como religiosa Santa Rosa de Viterbo. Não merecia ser admitida entre as suas fileiras essa donzela que pelos seus jejuns, pelas suas mortificações, pelos seus êxtases e pelos milagres realizados em seu favor, tinha sido canonizada pelo povo de Viterbo que lhe chamava a santinha? E contudo quando ela pensou em realizar o mais ardente desejo da sua vida e se apresentou no convento, as Irmãs, usando do seu direito, recusaram-na obstinadamente, quer por ser ainda muito nova, quer por causa da sua pobreza ou do brilho extraordinário que o seu nome irradiava.

O fim próximo do homem ou o serviço de Deus fundado sobre o domínio supremo de Deus

I - Domínio supremo de Deus

A – Origem e fundamento do supremo domínio de Deus.

O fundamento do domínio supremo de Deus sobre nós encontra-se na essência do nosso ser, na nossa existência e na nossa origem: essencialmente e originariamente somos criados, isto é, não somos de nós, mas somos doutrem, somos de Deus por meio da criação. “*Criar*” é um acto positivo no grau mais elevado, um acto exclusivamente divino, que produz do nada um ser, que dá tudo a esse ser, sustenta e opera tudo nele: a sua essência, a sua existência, as suas faculdades, a sua conservação, os seus actos e a sua felicidade. “*Criar*” é o acto mais sublime de Deus, enquanto opera fora de si (*ad extra*) e “*ser criado*” implica a maior dependência para com Deus e a sujeição mais absoluta a Deus. Tal é o fundamento do supremo domínio de Deus sobre nós. Esse domínio, Deus nunca o perde; e até se alarga e se fortalece cada vez mais com a nossa vida e com as nossas obras. Nosso Senhor, nosso Salvador, é Deus (Dt 4,39): Ele cria-nos, conserva-nos, possui-nos, é tudo em nós, como em todas as coisas.

B – Qualidades do supremo domínio de Deus.

A soberania de Deus é única e superior a todas as outras. Com efeito, não há senão um só Deus; portanto, não há senão um só Senhor ou Proprietário em toda a força do termo. Esse Senhor é Deus; todos os outros senhores estão abaixo Dele e não são nossos senhores senão por Ele. A soberania de Deus é além disso absoluta e sem limites, como o próprio ser de Deus. Abrange tudo, o visível e o invisível, o corpo e a alma, a vida, os pensamentos e todas as relações, o tempo e a eternidade. Ninguém se pode subtrair a Ele nem na terra nem no céu. Finalmente, a soberania de Deus é benéfica e torna os seres felizes. Assim como Deus não cria por necessidade, assim não exerce o Seu poder supremo senão para nos conduzir à felicidade. Quanto mais esta soberania se alarga e se fortifica, tanto mais perfeita, poderosa e feliz se torna a criatura: podemos verificar isso no homem, no cristão, no sacerdote, no santo.

C – Exercício e uso do poder supremo de Deus.

Deus exerce o Seu poder supremo sobre nós de duas maneiras: em primeiro lugar como Senhor absoluto, sem ter em linha de conta a nossa liberdade, em tudo o que diz respeito à nossa vida física e material, e às suas relações: decide da nossa existência sobre a terra e da nossa morte, da nossa saúde e das nossas doenças, dos nossos talentos, das nossas riquezas e da nossa pobreza. É o Senhor e a nossa sorte está nas Suas mãos (Sl 30,16)

1 - A AMIZADE DE DEUS

(1944 – NATAL)

Que é a Religião? É um laço. Por isso os independentes e os egoístas não a amam. Qual é a natureza deste laço? Qual é o seu destino? Fariam bem, em todo o caso, procurar sabê-lo. Não o fazem. “*Não quero depender senão de mim*”, repetem eles em todos os tons. É fácil dizê-lo, mas é possível?

Os que têm medo da Religião provam, precisamente porque impõem. Mas não sonham sequer as consolações e mesmo a felicidade que trás consigo.

Vós mesmas que sois almas consagradas, que sois religiosas, vós que rezais, que assistis à missa, que comungais todos os dias, sabeis bem o que é a Religião? Permitted que eu, com toda a franqueza, vo-lo diga: não o creio.

Se, na verdade, tivésseis do amor do Criador pela sua criatura, da ternura do Pai celeste para com Seus filhos, este perfeito, sereno e radioso conhecimento, experimentaríeis em grau mais elevado e de modo mais permanente a paz da alma e a alegria do coração que Jesus, vosso irmão e vosso Salvador, veio trazer à terra

De que Deus seja bom, de que Ele seja, como dizem os franceses, o bom Deus, não duvidais, mas até que ponto supremo, extremo, é bom, não o sabeis. Não sabeis tão pouco que recompensas no Céu, e que cêntuplo mesmo sobre a terra reserva aos Seus servos, aos Seus amigos, aos Seus filhos.

É necessário, porém, que o saibais. Isso não interessa apenas à glória de Deus, mas também à vossa felicidade. Importa que o saibais, porque esta ciência admirável que, como diz Bossuet, ensina a amar, vos tornará ao mesmo tempo melhores e mais felizes.

Foi por esta razão que resolvi consagrar neste retiro uma série de instruções à amizade de Deus.

A amizade de Deus! Que palavra!

Esta palavra, só por si, desperta no nosso coração um mundo inteiro de pensamentos tão atraentes como encantadores.

Detenhamo-nos um instante a saborear esta bela palavra: amizade: Nós vivemos numa época de movimento, de velocidade, de agitação febril – época do avião, do

automóvel, da bomba voadora, da rádio – época em que ninguém pára. Toda a gente corre, toda a gente se precipita de um objecto noutro sem reflexão! Esta corrida louca não é salutar à alma. Em matéria de religião este hábito é desastroso, mais que em qualquer outra matéria. Quando não se reflecte, como é possível que se compreenda a fundo?

O que vale para nós a amizade de Deus, é o que queremos saber. Mas, antes de mais nada, que é a amizade? E como descobri-la se não se sabe o que é o coração humano?

O coração do homem foi feito sobre o modelo de coração de Deus. Daí os seus puros transportes, os seus ardores generosos, os seus ardentes desejos, os seus nobres amores. Como é belo o coração humano num Santo Agostinho, num S. Francisco de Assis, num S. Vicente de Paulo, numa Santa Teresinha, em S. José, esposo virginal da Virgem das virgens, em Nossa Senhora, Mãe de Jesus e nossa Mãe!

Todavia, entre o coração do homem e o coração de Deus há diferenças essenciais. Eis uma que se manifesta aos olhos menos atentos.

O Coração divino e o coração humano são dois abismos ou, se assim se quiser, dois vasos. Um está cheio e tão cheio que transborda da sua plenitude divina toda a felicidade. O outro está vazio e, à sua maneira, ele pode, ele implora, ele clama em altos gritos: os gritos da sua indignação.

Que significam esses apelos? Significam que o homem tem necessidade de ser amado. Dai-lhe prata e ouro, contos de reis; dai-lhe os primeiros lugares, honras e dignidades; proporcionai-lhe triunfos. Os vossos aplausos e aclamações exercitarão talvez a inveja em muitas almas... Não, porém, que esse homem assim festejado, assim elogiado, adulado, incensado, se ninguém o ama, será profundamente desgraçado.

A todo o custo, essa necessidade de ser amado que devora o nosso coração, procura satisfazer-se. A todo o custo! Ai, nós somos criaturas de Deus, filhos de Deus, que não sabem saciá-Lo com afeições legítimas e puras; entregam-se a afeições culpáveis, grosseiras, degradantes. Não há ninguém neste mundo que se resigne a não ser amado.

Não se deve, pois, acreditar naqueles que dizem: *“Pouco me importa que não me estimem, contanto que me temam, que façam o que eu quero, que me estejam sujeitos”*. Falando assim, mentem a si próprios.

Sem dúvida, é uma espécie de sacrilégio manchar o coração com amores criminosos; mas ao menos a queda do pródigo prova esta verdade profunda, a saber, que o coração do homem está vazio, é indigente, é impotente, e que quer ser amado, enriquecido, repleto. Não há felicidade sem afeição.

Ora esta afeição, que se dirige ao encontro da nossa, este coração que se dá ao nosso coração, o qual também por sua vez se quer dar, esta fusão íntima e misteriosa de duas almas que se procuravam e que, tendo-se encontrado, já não farão em certo modo senão uma só vida, é a amizade.

Note-se agora que, de sua natureza, a amizade é livre. As afeições de família são em parte permitidas, exigidas pelo sangue, os amores desregrados sofrem o jugo tirânico da paixão cega e louca que os ata e desata na medida da sua loucura. A amizade é plenamente livre. Se se pretendesse, se se tentasse impô-la, já não seria amizade.

Entre Deus e o homem realiza-se esta condição essencial de liberdade. É com efeito mais que evidente que Deus nos ama na inteira independência da sua natureza. Qual é a força que poderia constranger o Onnipotente a amar-nos? Por outro lado, a que necessidade imperiosa o Altíssimo poderia ceder inclinando-se para nós, pois que encontra em si mesmo uma felicidade sem fundo e sem medida? Ele não nos deve nada, porque todas as nossas riquezas, de corpo e alma, incluindo a existência, vem-nos da Sua mão liberal e magnífica, da Sua mão de Criador, da Sua mão de Rei.

E nós também somos livres. Se quisermos amar a Deus, amá-Lo-emos. Se quisermos deixar de O amar, podemos. Não é que tenhamos o direito de recusar a Deus o nosso amor; não temos esse direito, mas temos esse terrível poder. Sejamos, pois, fiéis ao nosso dever, amemos o nosso Criador e Pai, amemo-Lo livremente. Deus não impõe a Sua amizade, propõe-na, oferece-a. Pede-nos o coração e espera pacientemente a resposta.

Mas quê! A amizade de Deus não é para o homem uma quimera, uma orgulhosa quimera? Que seria do axioma filosófico: “*A amizade encontra a igualdade ou fá-la*”.

É verdade que o homem não pode subir até Deus. Que o anjo no Céu, que Lúcifer tenha tido esse pensamento audacioso e sacrílego de se elevar, pelas suas próprias forças, em certo modo de uma (?)³¹ até à luz inacessível onde habita o Altíssimo, é uma coisa que custa a compreender. Contudo, o anjo era então tão sábio,

³¹ Palavra imperceptível.

tão poderoso, tão belo! Ele dominava todo o mundo material de uma altura incomensurável. Ele ignorava as nossas trevas, as nossas fraquezas, as nossas quedas.

Mas o homem! O homem tal como o fez o pecado original, o homem, filho da Eva culpável e de Adão prevaricador, o homem de quem Bossuet disse que não havia nele senão miséria, miséria profunda, extrema miséria, o homem, grão de areia perdido na imensidade do deserto, um átomo sobre a face do globo que por sua vez não é senão um átomo no meio dos sóis sem número que giram na extensão imensa dos céus, o homem que ontem ainda não existia e que amanhã desaparecerá numa sepultura!...

Que se diga ao homem que procura algum amparo ou consolação na amizade dos seus semelhantes, isso facilmente se concebe, mas que ouse aspirar à amizade de Deus!

Mas assim é na verdade. Se se considera a Deus na inefável perfeição do seu ser, está muito alto e o homem seria louco em aspirar à sua amizade...

Mas, se considerarmos a Deus não já no Seu ser esplêndido, mas na Sua bondade infinita, tudo muda.

É sempre verdade que o homem é incapaz de subir até Deus; mas Deus pode descer até ao homem. Ele pode fazer isso, porque pode tudo. Pode fazê-lo, sem se rebaixar, porque, quanto mais condescendente se mostra a bondade, tanto mais aumenta o Seu esplendor e tanto mais ela irradia.

S. Luís, rei de França, servindo os pobres com as suas régias mãos, é menos grandioso que S. Luís à testa dos seus cavaleiros, de espada em punho, nos campos de batalha de Damieto ou de Taillebourg?

Toda a questão para nós consiste, pois, em saber se aprouve a Deus oferecer ao homem a Sua amizade.

Mas a esta questão o Evangelho deu a mais eloquente das respostas e a mais peremptória.

Para pedir o nosso coração, o Verbo desceu um dia das colinas eternas aos nossos vales da terra. Sob um vestido de carne e de sangue, inteiramente semelhante ao nosso, menos o pecado, escondeu a Sua majestade divina. Quis lágrimas nos Seus olhos. No Seu peito surpreendemos estranhas palpitações e ouvimos repetir-nos a palavra de Job: *“E eu também tenho um coração, exactamente como vós tendes um coração e eu*

valho tanto como vós” (Jb 12,8) Ele é da nossa raça. Numa palavra, Ele tornou-Se nosso irmão, para nos mostrar que nos queria por amigos...

Deus propõe-nos a Sua amizade? Que nos responda o presépio, Nazaré, a montanha das bem-aventuranças, o mar de Tiberíades! Que nos responda o Jardim das Oliveiras, o Pretório, o Calvário! Que nos responda o altar, o sacrário, a sagrada mesa e que nos diga se Deus nos oferece ou não a Sua amizade!

Como se compreende muito bem o grito de alegria de S. Agostinho: *“Se quiser ser amigo de Deus, no mesmo instante o sou”!*

Deus, nosso Criador e nosso Pai, Jesus, nosso Salvador e nosso Irmão, quer ser nosso Amigo: queiramos ser amigos Dele, hoje, amanhã, na hora da nossa morte e por toda a eternidade.

2 - A AMIZADE DE DEUS É A VERDADEIRA NOBREZA

(1944 – NATAL)

A amizade de Deus, livremente oferecida, a amizade de Deus, livremente aceite, é toda a Religião. Assim se compreende até que altura a religião nos faz subir.

A Religião exorta-nos a desprender-nos das coisas deste mundo, das riquezas e dos bens; prega-nos a humildade. Mas a humildade não é a baixeza de coração. A humildade é um caminho que conduz à glória, mesmo o único caminho que conduz à verdadeira glória.

Todos nós sentimos o desejo de subir, de ser grandes. *“Se eu fosse rei!”* dizia-se outrora. Ou então: *“Se eu fosse um dos cortesãos do rei, seu favorito!”* Ninguém teria ousado dizer: *“Se eu fosse seu amigo!”*. Os grandes da terra muitas vezes não têm amigos

O Rei dos reis, o Senhor dos senhores, esse tem amigos. *“Quem quer ser amigo de Deus, é-o”* (S. Agostinho).

Deve dizer-se então que a amizade de Deus é uma coisa banal? Não, certamente; mas é que o Coração de Deus é duma largura incomensurável.

Os nossos corações são estreitos, lamentavelmente estreitos, sobretudo quando a caridade não vem dilatá-los. Há-os que não podem amar vivamente duas pessoas ao mesmo tempo. Admiramos os corações generosos que têm um grupo de amigos e que se dedicam a cada um deles sinceramente.

Esta fraqueza do coração é irmã da fraqueza do espírito. Quem é que pode pensar em muitas coisas e em muitas pessoas ao mesmo tempo e seriamente?

Estes limites do espírito e do coração Deus não os conhece. Todos os homens podem ser, com toda a força do termo, seus amigos. Por isso Deus trata cada um de nós como se Ele e nós fossem as únicas pessoas no universo.

Não foi só com a natureza humana que o Verbo quis fazer aliança; foi com cada uma das nossas pessoas. Estamos todos e a cada instante em relação pessoal com Deus.

Se Deus tivesse proposto a um só homem a Sua amizade, com que santa inveja o olharíamos! Só ele poderia dizer: *“Eu sou o amigo de Deus!”*

Eu sou o amigo de Deus... Não se trata de uma benevolência superficial e cega, de uma afeição imprecisa. Não. Eu sou o amigo de Deus verdadeiramente!

A toda a hora do dia, a toda a hora da noite, em todos os pontos do espaço, posso falar-Lhe. Peço-Lhe audiência, logo se apresenta, logo me atende. Posso prolongar a conversa, não se queixará de que sou inoportuno, não me despedirá nunca. Confio-Lhe os meus mais pequenos desgostos, as minhas mais leves inquietações, compadece-Se de mim; e, por maioria de razão, se Lhe confio as minhas dores profundas de corpo ou de coração, as minhas perplexidades de espírito, as minhas angústias de alma.

Ele provoca-me a pedir-Lhe... O quê? A pedir-Lhe tudo. Contanto que a minha súplica não seja contrária aos meus próprios interesses sobrenaturais, Ele a atenderá. Poço pedir-Lhe um lugar à Sua mesa. Ele a porá para mim, tantas vezes quantas eu quiser, e Ele próprio me servirá e me dará a Sua carne e me dará o Seu sangue. Posso pedir-Lhe tudo, incluindo as graças mais assinaladas, incluindo a glória no Seu paraíso eterno.

E que mais? Tive a desgraça de O ofender. Talvez até gravemente. Pois bem. Imploro a Sua bondade misericordiosa. Ele esquece as minhas infidelidades, as minhas revoltas, a minha ingratidão e choro sobre a minha miséria...

E ainda não é tudo.

O Verbo falou de mim a Seu Pai e disse-Lhe: *“Meu Pai, desde o princípio do mundo preparei para ele um reino. Esse reino, é o Vosso e é o Meu. Depois de rápidas provações desta terra, ele terá por partilha a Nossa glória”*.

Mas o Senhor quer que todos os filhos de Adão sejam Seus amigos e chama todos à partilha da Sua glória.

Todos, mesmo os mais pequenos, mesmo os mais pobres.

Sobretudo os pobres. De resto, diante de Deus, todos nós somos pobres. Os mais ricos como os mais indigentes, recebem tudo Dele que é o Senhor de tudo. Entre os pobres e os ricos, perante Deus, a única diferença é que os ricos, no dia terrível da prestação de contas, terão de prestar ao Juiz Supremo contas mais difíceis e mais rigorosas, porque, do Senhor universal receberam mais.

A pobreza não é um obstáculo à amizade de Deus.

E a ignorância?

Para ser amigo de Deus é preciso poder amá-Lo; e, como amá-Lo, se não se conhece?

Esta ciência divina aprende-se facilmente de tal maneira que os iletrados ultrapassam os intelectuais e os sábios, quando é mais recta a sua alma e mais puro o seu coração.

A ignorância também não é um obstáculo à amizade de Deus.

E o pecado?

Ah, eis o inimigo, o grande inimigo, o único inimigo de Deus, e, portanto, o obstáculo, o grande obstáculo, o único obstáculo à Sua amizade.

Todavia, tal é a misericórdia e a clemência do celeste Amigo que o próprio pecador, logo que se arrependa, pode aspirar de novo à Sua amizade. O caso de S. Maria Madalena.

Portanto, esta honra da amizade divina que nenhuma outra sobre a terra iguala é acessível a todos, em toda a parte e sempre.

Mas esta honra é preciso conquistá-la. É o prémio da virtude e só da virtude. Quereis ser o amigo de Deus? Não é preciso que pertençais a uma família ilustre. Não é preciso que sejais ricos. Não é preciso que sejais sábias. O que importa é que sejais almas de luz, de boa vontade, de dever, que sejais almas de virtude.

É assim que a amizade de Deus cria uma nobreza que nenhuma revolução poderia destruir, a nobreza da virtude.

Deus honra os Seus amigos. Por sua vez e honrando-se a si próprios pela sua fidelidade ao Seu serviço, os Seus amigos honram a Deus diante dos homens e glorificam-No.

Em prova desta afirmação, seria fácil encontrar nos séculos passados numerosos exemplos e poderíamos pedir à Igreja as altas lições que ela nos dá na canonização dos santos.

Que espectáculo admirável o dos nossos altares e como ele é sublime! Todas as classes ali se encontram confundidas. Vemos S. Luís que era rei e Bento José Labre que era mendigo. Clotilde, a rainha e Zita, a criada, Isabel, rainha de Portugal, e Genoveva, pastoreava. Eustáquio foi um soldado famoso e Rodrigues um irmão porteiro. S. Pio era Papa e João Baptista Vianney era pároco de aldeia. Em todas essas frentes resplandece o mesmo círculo de ouro ou resplandecerá um dia. Para todos esses heróis sobem, como uma nuvem de incenso, as homenagens do mundo católico. Porquê? Porque todos foram e perseveraram sempre os amigos de Deus. “(...) *honorati sunt amici tui Deus*”.

A amizade de Deus, eis a verdadeira grandeza e a nobreza imperecível.

As pessoas do mundo gostam de se distinguir. Mas não há nada que eleve alguém mais alto do que esta dupla coisa: a amizade de Deus e os nobres sentimentos que ela inspira. É essa amizade que faz os heróis e os santos. O General Sounis, que comandou na (?)³² a carga que decidiu da vitória, comandou em Patay essa outra carga em que os zuavos do Papa, esmagados pelo número, sofreram a sua derrota imortal. O general Sounis era um herói: era um santo também e foi sem dúvida o santo que fez o herói.

Evocai as vossas recordações pessoais. Haveis de encontrar, haveis de reconhecer que as almas belas que conhecestes, as mais belas: um sacerdote, um religioso ou uma religiosa, uma professora, a vossa mãe, um criado, uma criada, um vizinho, viviam intimamente da amizade de Deus.

Todos os anos a Academia francesa concede os chamados prêmios de virtude. Essas criaturas a quem ela rende assim pública e solene homenagem, quem são em geral? São fervorosos amigos de Deus.

As virtudes que se chamam laicas são raras e tornam-se cada vez mais raras. Seja como for, o leigo que conserva na sua alma alguma nobreza, no seu coração alguma generosidade, é o filho de uma mãe cristã. Por trás de Agostinho pecador, vê-se Mónica em lágrimas e em oração.

Sim, é a amizade de Deus que os caracteres respeitáveis. Ela os faz por toda a parte, em todas as classes da sociedade baptizada. Ela dá aos iletrados, aos deserdados, aos servos, aos infelizes de toda a espécie, sentimentos às vezes de uma elevação sobre-humana e de uma delicadeza encantadora. Vede num jornal os casos de todos os dias. Oh, como a pobre criatura humana, quando vive longe de Deus, longe do pensamento de Deus, mais longe ainda da sua amizade, desce depressa e desce tão baixo! Lede a vida dos Santos, lê-de os Anais da P. da Fé. Visitai os c. fervorosos. Frequentai as famílias sólida e profundamente cristãs. Como a natureza humana sobe tão alto e como é bela quando é sustentada, levada, transfigurada pela amizade de Deus!

³² Palavra imperceptível.

3 - A AMIZADE DE DEUS É A VERDADEIRA RIQUEZA **(1944 – NATAL)**

Porque somos os amigos de Deus, os amigos do Rei da Glória, nunca a nossa ambição subirá alto de mais. Importa apenas que essa ambição seja razoável. É preciso que ela aspire não a uma glória que passa, mas a uma glória de eternidade.

Todavia, se somos os amigos de um Deus infinitamente rico, não podemos ter por destino a indigência. “*Fazei tesouros*”, diz o Evangelho; mas que esses tesouros sejam dignos de ser desejados, procurados, possuídos pelos amigos de Deus!

Que é um tesouro?

Um montão de objectos preciosos. Há várias espécies de tesouros, porque há várias espécies de valores.

Diz-se: o tesouro público; são as rendas do Estado. Nas Igrejas chamamos tesouros às relíquias, vasos sagrados, paramentos.

Numa grande propriedade, num convento, numa abadia, dá-se esse nome ao lugar onde se guardam os arquivos e os títulos, todos os papéis da propriedade ou da comunidade.

Um cofre forte cheio de notas do banco, de acções, de obrigações, de ouro e de prata; uma colecção de minerais, de vegetais, de aves, de obras de arte; uma biblioteca provida de livros raros ou de obras primas do génio humano, podem ser também tesouros.

Esses tesouros, não há mal em possuí-los, contanto que tenham sido adquiridos licitamente e que se faça bom uso deles. E pode dizer-se mesmo que é bom para todos, que é útil à sociedade que alguns dos seus membros façam montões desses que servem os interesses gerais da indústria, do comércio, da ciência, das letras e das artes, numa palavra, da civilização.

Contudo não é desses tesouros que o Evangelho fala quando Nosso Senhor diz: “*Amontoai tesouros que não vos façam falta no Céu*” E ainda: “*Fazei para vós tesouros no Céu onde nem a ferrugem nem os vermes os comem*”.

Encontram-se nos comboios e nas camionetas de carreira viajantes atulhados de bagagens e embaraçados com elas. Uma das razões é que durante a viagem têm à mão

as provisões de que precisam; outro motivo é que, chegados ao seu destino, podem sem demora abrir as malas e os sacos para se servirem dos objectos de uso mais frequente.

Quantas pessoas, ao fazerem a viagem para a eternidade, procedem do mesmo modo! Mas que lhes aproveitam tantas e tantas coisas, se de tudo o que não é eterno nada levam para a outra vida?!

Quais são, pois, esses tesouros que são a verdadeira riqueza de uma alma imortal? E de que mão a criatura tão indigente como esfaimada, os pode receber?

Esses tesouros são impalpáveis e são invisíveis. São os dons espirituais que sobre a terra engrandecem os corações e os aformoseiam e, do outro lado do túmulo, pagam o direito de entrada no Céu. Esses dons imperecíveis, Deus que é a sua fonte única, concede-os aos Seus amigos e não os concede senão aos Seus amigos.

Eis um homem. É rico. É mesmo opulento. Tem dez, vinte, trinta, mil contos de rendimento. Tem palácios, tem castelos, tem vastíssimas propriedades. Tem colecções científicas e artísticas. É muitas vezes um milionário. Não é um ímpio, um livre pensador, tem fé. Não basta. Estará em estado de graça? Pratica, vai à Missa todos os Domingos e dias santos de guarda? Não basta. Confessa-se e comunga todos os anos? Não basta.

Se não viver sempre na graça de Deus, se cometer pecados mortais e não se reconciliar logo com Deus, esse rico, esse multi-milionário, é mais pobre que um mendigo que trás Deus no seu coração.

Olhai para esse mendigo... O seu vestuário, quase em farrapos, já mal o defende do vento, da chuva, da neve, do frio. Está cheio de fome e de fraqueza. Onde passará a noite? Ainda o não sabe. Onde lhe darão um pouco de pão no dia seguinte? Ignora-o. Mas tem Deus no coração. Deus é Seu amigo. Dir-se-á: se Deus o ama, aliviá-lo-á. Engano! Deus não prometeu a ninguém os bens da terra. E o Amigo celeste compraz-Se também na resignação, na paciência, na dor amarga desse pobre indigente. Faz mais cem vezes do que dar-lhe um pão, que não o impediria de morrer; prepara-lhe o eterno banquete do Seu paraíso.

É por isso que o pobre é rico. A graça tomou posse da sua alma. A graça sustenta-o. A graça consola-o. Ela condu-lo ao triunfo por caminhos tanto mais gloriosos quanto mais ásperos são. É rico, sim, esse mendigo, porque tem o Céu no seu coração.

Aquele leproso cuja história referem os Anais dos Santos, sabia bem em que consistia a verdadeira riqueza. Como! - disse-lhe um viandante, vós cantais? E não havia de cantar? - foi a resposta. Vejo a minha prisão de argila dissolver-se e a minha alma, assim liberta das prisões do corpo, prepara-se para voar para Deus que a ama e que a chama.

Se tiverdes Deus, e certamente o tendes, tendes tudo. O resto não tem importância.

Quem por sua culpa perdeu a Deus, fosse mil vezes milionário, é o último dos miseráveis.

Amai a graça de Deus como o tesouro mais precioso que podeis possuir sobre a terra. Vigiai e orai para nunca a perderdes. Esforçai-vos por aumentá-la cada vez mais. Pedi todos os dias a perseverança na graça e a graça de uma boa e santa morte. Pedi também a conversão dos pecadores. O Anjo disse aos pastores de Belém: *“Eu vos anuncio uma grande alegria que será para todo o povo. Nasceu para vós um Salvador. Paz na terra aos homens de boa vontade”*. Todas as manhãs em todas as Igrejas, em todos os altares em que se celebra a Santa Missa, o nascimento do Salvador renova-se para todos, para todo o povo, e, se todas as almas fossem almas de boa vontade *“a grande alegria”* seria universal. Decerto, se tivéssemos estado em Belém no momento das aparições angélicas, teríamos corrido todos à gruta para beijar os pés do Divino Infante. Ora, no altar como no presépio, Ele espera.

4 - O CÉU – A GRAÇA

(1944 – NATAL)

Tomando a qualidade de nosso amigo, Deus não perde a Sua qualidade de Soberano. Os encantos da amizade divina adoçam para nós o jugo da lei, o fardo do dever, mas não os suprimem. Esta amizade de um irmão é ao mesmo tempo a amizade de um Deus.

Esta observação é necessária. Há cristãos que consideram a Deus como um amigo cego ou como um pai fraco cuja ternura sem moderação e sem prudência desculpa todas as loucuras. Nem cega nem fraca é a amizade de Deus. Ela não o impede de ver as nossas faltas e, se voluntariamente não fizermos penitência, de nos castigar. Quanto mais uma alma é cara a Deus, tanto mais Deus tem horror e desgosto do mal que nela descobre, tanto mais o Seu coração se entristece com ela. Quanto mais uma alma é cara a Deus, tanto mais Ele a aguilhoa para seguir pelo caminho da virtude até à ascensão dos cumes. Quanto mais cara uma alma é a Deus, tanto mais intimamente Deus a associa aos Seus sofrimentos, ao Seu cálix, aos Seus espinhos, numa palavra, à Sua paixão e Lhe faz carregar com uma cruz pesada.

É que esta amizade divina se propõe um grande objectivo, maior do que as felicidades terrestres e passageiras.

Qual é esse objectivo?

É a nossa santificação. Ora a santidade não se faz com dinheiro, prazeres, vestidos, festas, e êxitos mundanos; a santidade é feita de trabalhos, caridades, privações, lágrimas e às vezes sangue.

Não nos gradará muito o caminho por onde o Senhor nos conduz Preferíamos um com menos poeira, menos pedras, menos rochedos.

Mas, se reflectirmos bem, concluiremos que a amizade de Deus não podia levar-nos por outro caminho.

Deus, na Sua aliança com uma alma, dá-lhe três presentes: o Céu, os auxílios e as consolações da vida presente.

O primeiro é o Céu. Não o possuímos ainda. Mas foi-nos dado. Para o Céu, para a vida do Céu é que fomos criados. Não o terá só quem não o quiser.

No princípio, na Sua obra criadora e, mais tarde, sobre o Calvário, na Sua obra reparadora, Deus propôs-Se esta maravilha do Seu poder e do Seu amor.

“*Vinde benditos...*” Ao criar o mundo, Deus põe nele o paraíso. Não põe o inferno. Este não aparece senão depois do pecado.

Assim, no plano primitivo da cidade de Deus, o plano do amor, não nenhuma prisão. O que Deus tinha preparado para os filhos de Adão, como para os Anjos, era o paraíso. E, ainda agora, se quisermos, o Céu será a nossa morada para sempre.

O que muitas pessoas pretendem é a saúde, a fortuna, uma vida tranquila e alegre, uma espécie de paraíso terrestre; depois, numa idade muito avançada, a partida para o Céu.

Mas à porta do Céu, com que é que se paga a entrada?

Com o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, sem dúvida, mas ao resgate opulento que pagou por nós, Jesus quer que juntemos o nosso óbolo. “*Eu completo em mim, na minha carne, dizia S. Paulo, o que falta aos sofrimentos de Cristo*”(Col 1, 24).

Esta vida, de comodidades e de confortos, esta vida de gozo, é uma vida pagã e não cristã.

Ah, se compreendêssemos quão pouco, em troca do que dá, Deus nos pede!

Deus dá-nos um segundo presente. É a graça.

Não é agora ocasião de estudarmos o Dom inefável da graça. Limitemo-nos a considerar em curtas fórmulas o essencial.

A graça é uma primeira comunicação da vida de Deus à alma cristã.

A graça eleva-nos acima de nós mesmos. A graça dá-nos uma força que nos torna capazes de resistir a todas as tentações e de praticar todas as virtudes.

Para não perder esse título que recebemos no nosso baptismo, esse título à felicidade, é preciso em primeiro lugar resistir à tentação. Quem não é tentado uma ou outra vez na vida? Convém que o saibamos. Mas é necessário que saíamos vitoriosos da batalha.

S. Paulo (2 Cor 12,7)

Eis o gemido da natureza humana.

Agora escutai a resposta do Senhor: “*Basta-te a Minha graça, porque o Meu poder resplandece melhor na fraqueza do homem*”.

S. Paulo tinha prestado homenagem à força da graça nele, às suas transfigurações, às suas vitórias. *“Eu sou o menor dos apóstolos. Não sou sequer digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. Mas o que sou, sou-o pela graça. A graça não foi estéril em mim”*.

A graça transfigurou S. Paulo de um aborto, de um monstro, como ele se exprime no seu realismo humilde e brutal, fez-me herói, um santo, um santo muito grande.

Mas não foi unicamente para nos fazer evitar o mal que Deus nos criou e resgatou. O servo inútil não tinha insultado o seu Senhor; não tinha roubado o menor óbolo da soma que lhe havia sido confiada.

Não basta não fazer o mal. É preciso fazer o bem. E que bem? Pelo menos todo aquele que Deus exige; e, às vezes, a obediência às adoráveis exigências de Deus reclama da nossa parte, renúncias meritórias, sacrifícios dolorosos, talvez até heróicos.

Nessas renúncias, nesses sacrifícios, nesses heroísmos, a graça está connosco. Deus, diz o Profeta, é admirável nos Seus Santos. Porque as virtudes dos Santos assentam sobre a graça, as grandes virtudes sobre grandes graças. Vede a Santíssima Virgem, a ideal beleza, brancura e esplendor, da neve, dos lírios, das rosas, o radioso modelo de todas as virtudes! Donde vem a Nossa Senhora esta perfeição sem mancha? Ela era cheia de graça. Magnificat! *Qui fecit mihi magna qui potens est.*

O acto de virtude é, pois, a obra comum do homem e de Deus, a obra da graça e da boa vontade.

Mas em que medida é dada a graça? Ela não é dada a todos nas mesmas proporções. Recordai-vos da parábola dos operários da vinha: O Senhor deu a todos o mesmo salário tanto aos que trabalharam durante o dia como aos contratados no fim do dia, trabalharam só uma ou duas horas. E em face da murmuração dos primeiros, disse-lhes: *“Não tenho o direito de dar os meus bens a quem eu quiser?”*

Desta página evangélica deve concluir-se, por um lado, a gratuidade da graça, e por outro lado, o reconhecimento, por assim dizer, sem medida. De resto, depende de nós que a graça seja abundante. A correspondência, pronta e fiel a um primeiro dom provoca outro depois outro, todas as larguezas, todas as riquezas do Coração de Deus. A oração atrai a graça como um orvalho. A prática da caridade fá-la correr como uma torrente.

Em Nosso Senhor Jesus Cristo há um verdadeiro corpo e uma verdadeira alma com a sua inteligência, a sua vontade e a sua liberdade. Mas a subida direcção à divindade que possui este corpo e esta alma é absoluta; assim em Nosso Senhor há só uma direcção das obras, há só uma pessoa.

Quando Deus vem a nós, quando opera connosco nas obras unitárias, há duas pessoas; a pessoa de Jesus Cristo e a nossa. Elas estão muito unidas e, por assim dizer, abraçam-se, mas permanecem bem distintas. Por isso, temos a faculdade de desobedecer a Deus, de resistir à graça. Se desobedecermos, que sucede? Por nossa culpa, a obra da nossa santificação não se consuma.

Pelo contrário, quando somos dóceis às inspirações e aos toques da graça, passam-se coisas maravilhosas. A união com Deus fortaleceu-se e aumenta. Quanto mais profunda e mais viva é a semelhança, tanto mais íntima é a amizade. O nosso paraíso, esse paraíso que levamos no coração também cresce. E ele pode crescer? Sim; vós sabeis que as estrelas não têm todas a mesma claridade. Há estrelas de primeira grandeza, há outras de segunda e terceira grandeza. Todo o acto de submissão a Deus, à vontade de Deus, ao desejo de Deus, toda a resposta a um apelo da graça aumenta um grau à felicidade eterna. Todos os vasos estão cheios no paraíso; mas os mais vastos contêm evidentemente mais felicidade. Para todos o banquete é o mesmo; mas as almas que melhor saborearam a Deus sobre a terra encontram-no mais delicioso no paraíso.

Que tesouro que é a graça!

E que sabedoria corresponder-lhe!

Que sabedoria e que glória!

5 – AINDA A GRAÇA

(1944 – NATAL)

No universo inteiro só o anjo e o homem podem tornar-se os amigos do Criador. As outras criaturas não são outra coisa mais do que os ornamentos do palácio que a bondade do Pai celeste preparou para os seres racionais. Para O podermos conhecer deu-nos a razão, para nos aproximarmos Dele, imitando-O, conferiu-nos a liberdade. Esses dois já seriam só por si motivo para uma gratidão ardente. Mas, na Sua magnanimidade, acrescentou-lhe um terceiro dom: o dom da graça, o maior dos três, mas o menos apreciado porque menos compreendido.

Se vos perguntasse, depois do que vos disse a respeito da graça, o que é a graça, responder-me-íeis: *“É um auxílio que Deus nos concede para nos ajudar a praticar o bem”*.

Esta resposta é exacta mas incompleta.

Há grande diferença entre criador e filhos. A criatura racional é filha de Deus e servir tal Senhor é já grande honra. Tudo exige que ela o sirva com fidelidade. Esta fidelidade terá a sua recompensa.

A condição dos filhos é ainda melhor. Eles devem também ao Chefe da família respeito, submissão e amor. Os seus deveres quotidianos não são menores, mas quanto mais excelente será a sua recompensa!

Ora aprouve ao amor infinito que fôssemos seus filhos. A graça é para o homem a honra insigne da adopção, essa adopção, Deus no-la confere gratuitamente. De resto nada a poderia merecer. Mas não se trata de uma imposição do nome, senão de uma mudança de estado.

Entre a cepa da videira e os ramos é íntima a comunidade de vida; é a mesma seiva e, de alguma sorte, o mesmo sangue. Assim Deus, o homem e a graça tornamo-nos de algum modo participantes da natureza de Divina cuja vida eterna se faz, pela graça, nossa vida.

A graça é a bem-aventurança em germe, a bem-aventurança, isto é, Deus, Deus visto face a face e a vida bem-aventurada de Deus partilhada eternamente por seus eleitos.

O sol e o grão de poeira. Deus faz isso pelo homem e muito mais ainda.

A graça é, pois, o Céu, mas o Céu velado, encoberto. Era preciso que o Céu fosse velado; era preciso para honra de Deus e também para honra da nossa liberdade; o Céu sob condição.

Tornados pela graça filhos de Deus, somos por isso mesmo seus herdeiros. Como? Herdeiros se Deus não morre? São os homens que morrem. Mas, quando morrem em graça, revivem na glória e lá gozam de todos os tesouros da vida divina: tesouros espirituais que Deus não perde comunicando-os, mas que se multiplicam, como na terra o tesouro eucarístico dos nossos altares, para saciar a todos os eleitos, sem diminuir nunca. Filhos de Deus nós somos seus herdeiros.

Adão e Eva, Maria foram criados nesse feliz estado. Nós, nascidos na decadência, recuperamos o privilégio divino pelo santo batismo e é nessas condições gloriosas que Deus nos concede a sua amizade e reclama por sua vez a nossa.

O dom da graça vai mais longe que os dons da razão e da liberdade. A razão e a liberdade permitem-nos ser na casa do Senhor bons servos; a graça faz que sejamos seus filhos. A razão e a liberdade permitem-nos viver para Deus; a graça permite-nos viver como Deus. A razão e a liberdade permitiam-nos um longínquo conhecimento de Deus e o gozo das obras de sua mãos; a graça permite-nos a vista clara da beleza infinita e o gozo da felicidade infinita. A razão e a liberdade punham-nos em comunicação com Deus; a graça dá-nos Deus e quase se diria que faz de nós deuses.

S. Dionísio Areopagita e Nossa Senhora. A vista de um eleito.

Sem dúvida, a graça não é ainda a vida bem-aventurada, mas é a sua germinação e é por isso que desde já se podem suspeitar as suas energias e grandezas.

Chama-se à graça, assim considerada na sua essência e no seu conjunto, graça santificante, porque produz na alma um estado novo, sublime, divino, um estado de união sobrenatural com Deus que se chama santidade.

A santidade tem graças inumeráveis. Da santidade da criança que acaba de receber o batismo à santidade de S. Francisco de Assis, de S. Francisco de Sales, de S. Vicente de Paulo morrendo depois de mais de oitenta anos de boas obras, há grande distância. Da santidade de um cristão que se limita ao cumprimento do dever pascal, à santidade de Nossa Senhora, há uma distância incomensurável. Além disso, sobre esta terra de atrações, de tentações e de miragens, se exceptuam o estado inteiramente

excepcional de algumas raras pessoas confirmadas em graça, a santidade não é de alguma sorte senão provisória, porque o pecado grave pode destruí-la.

Mas a santidade em toda a parte onde se encontra - e encontra-se em toda a parte onde o baptismo e a penitência fizeram a sua obra, isto é, apagaram o pecado - a santidade é uma união sobrenatural com o Santo dos santos, união que vem terminar, depois desta vida mortal, na vida eternamente feliz. Se, no momento da morte, a santidade é completa, o paraíso abre-se. Falta-lhe alguma coisa, algum traço da fisionomia de Jesus? Lá está o Purgatório para isso.

Portanto, entre os santos do paraíso e os cristãos em estado de graça, há um bem comum, um bem que faz deles uma família comum: é a *amizade divina*, fruto da adopção divina. Como o fruto está na flor, contanto que a flor permaneça na árvore, assim o eleito está no cristão em estado de graça, desde que esse baptizado esteja unido a Jesus Cristo.

Certamente, para os nossos olhos mortais, entre a flor e o fruto, a diferença é profunda, é extrema. Não é o mesmo aspecto, nem a mesma, nem o mesmo gosto. Quem jamais diria que de uma flor branca, a flor da laranjeira, sairá um fruto de ouro, tão delicado e tão firme? O habitante do norte que visse essa flor pela primeira vez, não esperaria tal fruto e responderia talvez às nossas afirmações com um encolher de ombros e um sorriso de incredulidade. E contudo nada mais real. O fruto está na flor, mas oculto. Deixa-se ao sol se o tempo de realizar a sua obra, e à flor branca sucederá o fruto de ouro.

Vede agora sobre a cruz Jesus em flor. Ele é a rosa do Calvário. “*Eu contemplei-o*, dizia S. Bernardo: *os Seus pés, as Suas mãos, o Seu coração, impurpurados de sangue, têm o esplendor da rosa dos nossos jardins*”. Vede ainda: a rosa desfolhou-se. Jesus já não é senão um cadáver branco. Olhai sempre, ou antes não, baixai os olhos porque em face dos esplendores irradiantes de que a Sua ressurreição se revestiu, como os soldados que guardavam o sepulcro, ficaríeis deslumbradas e seríeis derrubadas por terra. É o mesmo Jesus, mas já entrado na glória.

Ele é o nosso chefe, Ele é a nossa cabeça, Ele é o nosso coração, e a Sua história é o primeiro capítulo da história dos eleitos.

A graça põe em nós esperanças, esperanças infinitas e energias maravilhosas.

Dizer do cristão que ele pode realizar sobre a terra actos divinos, parece uma afirmação louca. Um ser pode praticar actos superiores à sua natureza? A planta pode andar, voar, cantar? O animal pode raciocinar? Que o homem faça convenientemente actos humanos é o que a natureza pode facultar-lhe.

Este raciocínio é justo, mas no baptizado, no homem unido a Jesus Cristo, há mais que o homem. Que há então? Uma imitação deste prodígio: a Encarnação, a inefável presença de Deus que comunica a sua vida... E quando duas vontades se unem até quase se confundirem, a vontade de Deus que habita numa alma e a vontade dessa alma tão amante como dócil, admirai-vos de que se operem obras sobre humanas, obras que têm um lado divino, obras que são como que o prolongamento luminoso das obras de Jesus Cristo?

Contemplai Pedro e Paulo pregando o Evangelho, Inês ou Lúcia na figueira, Teresa em oração, tantos e tantos religiosos e religiosas que passam todos os seus dias a ensinar a leitura, a escrita, as contas e a doutrina aos filhos dos pobres, e muitas religiosas de diversas Congregações entregues a trabalhos rudes e repugnantes, de dia e de noite, e muitas vezes mal compreendidas e não raro expulsos pelas revoluções ou por governos jacobinos. Contemplai essas maravilhas e tantas outras que a fé produz e não podereis deixar de exclamar: Deus está ali.

Esses cristãos falam e procedem, eles vivem como em iguais circunstâncias faria Jesus. Falam, agora, vivem, não eles sós, mas a graça de Deus neles.

Fiz-vos compreender ou pelo menos entrever o valor deste dom incomparável que se chama a graça? Ai, não! Pode-se dizer da graça o que S. Paulo disse do Céu de que ela é a branca aurora: nem os olhos do homem viram, nem os seus ouvidos ouviram nem o seu coração sentiu nada que traduza a sua pura e radiosa beleza.

Mas as minhas palavras não terão sido inúteis se elas vos derem da graça uma ideia mais alta, se elas vos inspirarem um temor mais forte de a perder, um desejo mais ardente de a conservar, de a aumentar enfim nos vossos corações.

6 – O VERBO INCARNADO, FONTE DE GRAÇA

(1944 – NATAL)

Quando uma pessoa séria me falar desta adopção divina que eleva a criatura tanto acima de si mesma e até ao ponto de a fazer entrar na participação da vida increiada, é-lhe difícil, mesmo que aceite com inteira submissão toda a doutrina, não propor à Igreja a pergunta da Santíssima Virgem ao Arcanjo S. Gabriel: “*Como é que isso pode suceder?*”.

Decerto Deus é onnipotente; mas como é que a Sua onnipotência descubra assim todas as leis providenciais, a fim de elevar uma criatura a um tão alto grau de honra e de felicidade? As expressões bíblicas não encobririam a realidade? E toda essa (?)³³ mais que humana, sobrenatural, seria outra coisa mais do que o sonho de uma imaginação exaltada? Em que bases assenta essa “deificação” que deve ser um dia nossa partilha? Somos nós verdadeiramente filhos de Deus? E podemos crer racionalmente, podemos esperar que o Seu paraíso de luz, o Seu reino de eterna glória e de inalterável amor nos espera?

Tal é a questão que põe a piedade católica e põe aliás com moderação àqueles que têm a missão de ensinar. A piedade católica tem direito a uma resposta e espera-a.

Mas, antes de mais nada, na questão assim levantada e posta, é preciso frisar um ponto a que falta exactidão.

A ordem da graça não destrói a ordem da natureza. Respeita-lhe todas as leis. Acrescenta-lhe apenas novos benefícios e estes são incomparáveis.

Donde vem esta ilusão dum antagonismo entre a graça e a natureza? Vem de que a graça combate os instintos perversos da natureza decaída, os seus vícios e as suas misérias. Mas, se a graça faz o ofício de médico, se ela administra ao doente remédios entre os quais há alguns amargos, nem por isso faz de modo algum o ofício de carrasco. A graça corrige a natureza, não a esmaga. E não só a corrige. Mas purifica-a, santifica-a, transfigura-a. É muito verdade que ela conserva sob o seu jugo a carne e o sangue e que mortifica o corpo a que chama um corpo de pecado. Mas tem tão pouco ódio ao corpo que, pelo sacrifício, pela penitência, pela Eucaristia, prepara-o para as honras da

³³ Palavra imperceptível.

ressurreição, e depois para uma beleza, uma juventude, um esplendor, uma vida imortal. Tem tão pouco desprezo pelo corpo que, sobre a terra, presta solenes homenagens aos ossos dos mártires, às relíquias dos santos. A graça quer unir a Deus o homem inteiro e é por isso que ela começa a transfiguração do homem inteiro. Ela é, pois, a grande benfeitora da natureza humana e de modo nenhum sua inimiga.

Vamos agora ocupar-nos deste prodígio incrível da adopção divina.

Ele tem a sua raiz e a sua explicação noutra prodígio ainda mais admirável: a Encarnação do Verbo. Porque, afinal de contas, que é o homem sobrenatural, o homem da graça, o homem filho adoptivo do Pai, o homem em que Deus, na glória, resplandece tão maravilhosamente que o próprio homem parece um Deus?

O homem da graça, é o irmão de Jesus Cristo. Não por simples adopção desta vez: Jesus, pela sua humanidade, por esse corpo que recebeu de Adão por Maria, Jesus é homem como nós. À letra é nosso irmão.

Ora o Verbo de Deus fez-se carne por dois motivos, por dois fins sublimes.

O *primeiro* e o mais directo **é a glorificação do Pai que está no Céu**. Por isso, ao entrar no mundo, o Verbo humanado disse a Seu Pai: “*As vítimas imoladas sobre os altares da terra não vos são suficientemente agradáveis; eis-me aqui*” (Hb. 10,7)

O *segundo* diz respeito a nós: **é a nossa glorificação e a nossa felicidade**. O pecado feriu-vos e desagradou-vos; a Encarnação redentora não se limitará a curar as nossas chagas, restituir-nos todas as glórias e toda a felicidade da filiação divina. Quereis assistir pelo pensamento ao grande desígnio que Deus forma de fazer descer uma das Pessoas divinas até à criação para que ela cante aí dignamente o Criador?

Nessa criatura unida pessoalmente a Deus, toda a criação estará representada; o mundo dos espíritos porque Jesus terá uma alma; o mundo material porque Jesus terá um corpo. Mas esse Verbo incarnado na natureza humana e que se chamará Jesus, estará sozinho? Estará isolado na criação como num montão de escórias? Não parece mais digno da majestade de um Deus que ele tenha um cortejo, uma família, um povo? Não parece mais belo, mais, mais divino, que milhares de vozes cantem com Ele o hino de glória ao Omnipotente?

Com certeza, me direis vós; mas já a Providência pensou nisso; já proveu a isso. Por ventura os anjos, por ventura os homens, dotados de razão, de liberdade, de amor, não podem cantar com Jesus o cântico de glória?

Eles estão demasiado longe. O seu cântico não pode ser senão um acompanhamento vago e confuso. Estão demasiado longe, repito. Não vêem a Deus. Não vêem senão a Sua sombra na criação. Um conhecimento tão fraco não pode produzir senão um bem fraco amor e o cântico de glória deve ser um cântico abrasado de amor.

Então que fazer? Ir-se-á pedir a Deus que faça incarnar mil e mil vezes o seu Verbo? Não, de modo nenhum, e tal é a grandeza do Verbo incarnado que, se houvesse vários Cristos, talvez essa maravilha ficasse amesquinhada. O Verbo incarnado deve ser o rei da criação e em todo o reino um rei basta. Não podemos ter a audácia sacrílega de ditar a Deus os Seus planos de acção, mas se Ele tem o pensamento grandioso de nos aproximar do Seu Cristo, sem nos igualar a Cristo, de um tal acto de poderosa bondade ficaremos maravilhados, arrebatados, mas não admirados.

Como! Deus decide-se a dar ao homem uma medida de benefícios que excede os seus desejos, os seus sonhos, e da parte da bondade divina, havíamos de ficar surpreendidos? Mas nesse caso que ideia temos da bondade de Deus?

De cada um de nós, como ensina o catecismo, a graça não faz um Deus; a graça não faz o impossível: ela não faz tão pouco um homem-Deus: é esse o privilégio único, o privilégio incomensurável do Filho de Maria; mas chamando-nos à participação da vida divina faz de nós mais que simples criaturas humanas, eleva-nos mais alto que a natureza, a uma distância, por assim dizer, infinita dela.

Assim por um acto de generosidade superabundante, Deus engrandece a nossa inteligência e engrandece o nosso coração; faz pela nossa alma o que faria pelo nosso corpo, se lhe desse asas. Essa torrente de bênçãos que lança sobre Jesus, Seu Filho em toda a realidade e esplendor da palavra, fá-la refluir sobre nós. Ele quer, - Ele, o nosso Deus, o nosso Pai, - que sejamos não só semelhantes a Jesus, mas não só Seus servos, mas Seus irmãos e Seus amigos.

Mais uma vez, este excesso de bondade encanta-nos, transporta-nos, arrebatamos; mas não devemos sentir nenhuma dificuldade em acreditá-lo. O amor que o Pai tem por seu Filho eterno, ele se compraz em manifestá-lo, cumulando de honras e de inefáveis alegrias os irmãos adoptivos desse Jesus infinitamente amado, e eis que pela graça os filhos do pó e do tempo se tornam filhos da glória e da eternidade. Com Jesus, sua cabeça e seu coração, Jesus, seu rei, verão a Deus face a face e, vendo-o assim, na

irradiação esplêndida da sua beleza infinita, amá-lo-ão com um amor intenso e o cantarão com um entusiasmo que não se cansará jamais.

Não, nada nos deve causar admiração nos sublimes destinos que a graça nos prepara, quando vimos a pensar que cada um de nós é o irmão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A graça é o Dom que Ele nos prodigaliza. O Dom é inefável. Mas, precisamente porque é inefável, é mais manifestamente digno Dele.

Estejamos, pois, plenamente tranquilos: as promessas de felicidade sobre humana e de glória eterna que em nome de Deus nos faz a Santa Igreja nossa mãe, não são criações ambiciosas de nosso espírito, brilhantes quimeras; elas têm uma base sólida, um fundamento histórico; assentam sobre o maior facto da história que é a Encarnação do Verbo de Deus na pessoa adorável de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A graça é em nós a obra do Verbo Incarnado. (Jo,1, 17).

Certamente, a nosso respeito, o Verbo Incarnado terá podido restringir as suas liberalidades; mas aprouve-Lhe ostentar todas as suas magnificências, as suas generosidades mais que reais. Conhecemos o Seu Coração, surpreendemos as Suas pulsações de amor e não nos admiramos. Quando O vemos descer à terra, não nos admira que queira um dia levar-nos para o Céu. Quando O vemos partilhar as nossas misérias não nos surpreende que queira que partilhemos um dia da Sua felicidade. Os seus abatimentos, os seus aniquilamentos espantam-nos mil vezes mais que as suas (?)³⁴

³⁴ Resto de frase incompreensível.

7 – OS APÊLOS DE JESUS CRISTO NA EUCARISTIA (1944 – NATAL)

Assim, pois, o nosso glorioso parentesco com o Pai que está no Céu tem por corolário indiscutível e por título incontestável o nosso parentesco com Jesus Cristo, Seu Filho bendito, tornado por Maria nosso irmão. Se durante a nossa vida mortal, não repudiarmos esse parentesco, se corajosa e perseverantemente levarmos aos ombros os seus nobres encargos e na nossa frente o seu resplandecente carácter, no momento de comparecermos perante Deus, poderemos valer-nos do nosso parentesco com seu Filho eterno e dizer-Lhe: *“Pai, nós somos da vossa família”*, e o Pai celeste realizará esta palavra de Seu Filho muito amado: *“Eu quero que onde eu estiver estejam comigo aqueles que me destes”*. (Jo 27, 24)

Puramente gratuita é a felicidade eterna dos eleitos, não tendo proporção com os nossos méritos, mas, considerada em si, foi largamente paga por Jesus Cristo Nosso Salvador: (1 Cor 6, 20). Maravilha do Verbo feito carne!

Ai, o prodígio estupendo da criatura humana: Jesus é esquecido e a graça que Ele traz é esquecida com Ele.

Que faz então Jesus? A Sua ternura obstina-Se e Ele instala-Se entre nós, silencioso e encoberto, sem dúvida, porque quer respeitar a nossa liberdade, mas falando aos esquecidos e ingratos pela boca dos Seus sacerdotes, e mostrando-Se por (?)³⁵ nos ritos sagrados da Igreja desde o santo sacrifício da Missa até à bênção do Santíssimo Sacramento.

Por ventura a distância é um obstáculo para o Homem-Deus? Por ventura das alturas do Seu paraíso não poderia interceder por nós junto de Seu eterno Pai e lá do alto derramar sobre nós as Suas graças? Certamente que podia, mas não quis. Porquê? Porque estabeleceu Ele a Sua morada entre nós e para sempre até ao fim dos séculos? Quem é que o não sabe? Foi para forçar-nos de algum modo a pensarmos Nele, para poupar, pelo menos a alguns de Seus irmãos, o crime da ingratidão e do esquecimento, para nos obrigar com mais força o permanecer fiéis à divina amizade, para aquecer incessantemente ao contacto do Seu grande coração os nossos pobres corações.

³⁵ Palavra imperceptível.

Em certos dias e nas nossas casas todos os dias, sempre que é possível, Jesus Eucaristia transpõe o limiar do sacrário, a estreita prisão em que a sua caridade o imobiliza e encadeia, e, durante alguns instantes, no cimo radioso do altar, a cruz cede o seu lugar à Eucaristia, o divino Crucificado ao divino Ressuscitado.

É sempre o Cordeiro do Calvário. Se os véus do Sacramento caíssem, se Deus nos desse o olhar dos Anjos, veríamos todas deslumbrantes de claridades gloriosas, as chagas das mãos, as chagas dos pés, a chaga perfurada do coração, todas as chagas de onde o sangue correu durante a marcha dolorosíssima até ao Calvário. É sempre Jesus, o nosso Jesus, o Cristo imolado mas que já não morre, o Cristo compassivo que se apiada da triste, fraca e pobre humanidade...

E que faz Jesus na Hóstia consagrada solenemente exposta? Que é que quer? Que é que espera?

Prestai atenção aos ruídos do exterior. O mundo entrega-se a todas as suas loucuras.

Enquanto a Igreja nos recorda que um dia o nosso corpo será levado para o cemitério, e a nossa alma subirá ao tribunal de Deus eternamente vivo, os mundanos continuando nos seus divertimentos frívolos, perigosos ou maus, dizendo uns para os outros: “Vinde, coroi-vos de flores, esvaziemos a taça dos prazeres e apressemo-nos a fazê-lo, porque amanhã havemos de morrer!”

Pois bem! O Deus da Eucaristia espera que os Seus fiéis venham a Seus pés em grande número para protestar contra esse ultraje à austeridade da vida cristã, à pureza de costumes, à lei da penitência.

Jesus é de uma paciência admirável e, como já disse, a Sua ternura é uma ternura obstinada. Suceda o que suceder, Ele não nos deixará e sempre o Seu amor o encadeará aos nossos altares. Podem soar horas e na realidade elas soam em que o sacerdote se verá forçado a esconder o cibório. Cristo permanece entre nós. Ele permaneceu durante a Comuna. Ele permaneceu durante a guerra civil de Espanha. Ele entrou de novo nas prisões para reconfortar os mártires, como nos primeiros tempos da Igreja.

Teremos, entre nós, dias semelhantes aos da França e aos da Espanha? Quantos e quantos fazem tudo quanto podem para que eles apareçam! E se, quanto a nós, não temos ao nosso dispor outros meios para os evitar, pelo menos há dois que se encontram ao nosso alcance: a *oração* e a *reparação*.

Que recomendou Nossa Senhora em Lourdes e em Fátima?

Oração e penitência.

O Deus dos nossos altares, o Deus do Sacrário e o Deus do trono, é o Deus do sacrifício, o Deus dos espinhos, dos cravos e da cruz, o Deus do Calvário, o Deus crucificado.

S. Paulo dizia: *“Eu não conheço senão Jesus”*, mas depois de pronunciar estas palavras, acrescentou para completar o seu pensamento: *“Não conheço senão Jesus crucificado”*. (1Cor, 2, 2)

As nossas adorações solenes, as nossas invocações, os nossos cânticos, as nossas súplicas, as nossas reparações, tocam-nos e, por assim dizer, consolam-nos; mas é preciso que durante o dia, o espírito de penitência, o espírito de sacrifício completem o que na capela, a oração e o louvor começaram.

Sei que nos prega mais eloquentemente que todos os sermões e que todas as práticas a presença de Nosso Senhor Jesus Cristo nos nossos altares.

O mundo e o demónio têm os seus escravos. Nós, por mercê de Deus, somos e queremos ser de Jesus. Não é uma questão de gosto, é um dever. Os mundanos chamam triste à nossa santa Religião, porque não admite senão penitentes entre os seus adeptos.

A vida é séria, mas não é triste. Pelo contrário, os que seguem a Jesus são consolados até no meio das suas privações voluntárias e das suas livres renúncias com esperanças imortais. Sim, Nosso Senhor vê em torno da Sua Pessoa adorável penitentes; mas um penitente é um enfermo que emprega o remédio, porque quer ser curado. O prazer vai dar à decepção quando não ao desespero. A penitência é a força e é a felicidade.

Somos de Jesus porque é o nosso Deus. Somos de Jesus porque é o nosso irmão, porque é nosso amigo. Somos de Jesus que é nossa coragem, nossa alegria, nossa salvação. Somos de Jesus, porque, tendo-nos amado até ao ponto de suportar por nós todos os tormentos e a morte, ama-nos ainda até afrontar por nós as nossas infidelidades e as nossas ingratidões.

Ele convida-nos à oração. Ele convida-nos ao sacrifício. Ele convida-nos à reparação. Correspondamos ao Seu apelo e sigamo-Lo. E à amargura do Jardim das Oliveiras, à caminhada dolorosa pelas ruas de Jerusalém, ao drama angustioso do Calvário sucederá o triunfo da Ressurreição, a alegria da glória imortal, a palma

resplandecente e eternamente verde da vitória no Paraíso celeste que Jesus, o Homem-Deus, o Primogénito dos mortos, nos ganhou com o preço das Suas dores, das Suas humilhações, do Seu sangue divino.

8 – A AMIZADE DE DEUS E A SANTÍSSIMA VIRGEM (1944 – NATAL)

Entre o mistério da amizade de Deus e o mistério da Santíssima Virgem há alguma correlação?

Certamente, e até uma correlação maravilhosa.

Se se quer saber até que prodígios pode ir a generosidade do Criador para com uma criatura, até que altura pode subir o reconhecimento de uma criatura para com o seu Criador, se se quer saber com que (?)³⁶ ternura o Criador pode dar-se a uma criatura, com que abnegação e com que coragem uma criatura pode corresponder ao amor do seu Criador, é preciso contemplar Maria.

A aliança de Maria com o Criador, eis a obra prima da amizade divina.

Só a humanidade adorável de Jesus recebeu mais de Deus e o amor maior. Mas a humanidade de Cristo não faz senão uma só e a mesma pessoa com o Verbo de Deus. Há na pessoa de Nosso Senhor, entre a natureza divina e a natureza humana, uma união pessoal, perfeita e indissolúvel. Não é essa aliança livre das duas partes que constitui a amizade. Jesus é Deus. Maria é uma pura criatura. No momento em que sai do nada, não difere de cada um de nós senão por uma maior perfeição nas faculdades que lhe são comuns connosco, pela isenção de uma mancha de que os nossos primeiros antepassados, à sua entrada no mundo, não estavam manchados; e pelos tesouros da graça desde esse primeiro instante depositos na sua alma. Mais tarde brilhará outra diferença, a saber, a imunidade dos seus méritos oposta à pequenez dos nossos.

Mas que vai Ela ser pela graça, isto é, pela livre generosidade de Deus?

Se quisermos sabê-lo ou pelo menos imaginá-lo, abranjamos num só golpe de vista, toda a vida mortal de Maria. Sigamo-la até ao Céu.

Sem dúvida, a isenção da mancha original é um privilégio assombroso; todavia não é senão um primeiro penhor dum amor que se manifestará por dons de muito diferente medida e de inapreciável valor.

³⁶ Palavra imperceptível.

Um dia, a essa criatura, Deus pedirá uma parte de si mesma para honrar a humanidade que quer assumir. Um dia, Maria será a Mãe de Deus.

Desde então, a graça que é uma participação da vida divina inunda-a e enche-a a transbordar. *Ave gratia plena!* A amizade do Criador não pode sem dúvida comunicar a nenhum ser criado a sua natureza; ela é incomunicável; mas comunica-lhe os atributos, as grandezas e alegrias. Deus vive eternamente, sem princípio e sem fim; Maria teve princípio e não terá fim. Deus é onipotente; Maria verá esta onipotência empenhada em satisfazer os seus menores desejos. Deus espalha por toda a parte os benefícios do Seu coração e é essa a Sua alegria. Maria, tesoureira dos dons celestes, derramá-los-á jubilosamente e a mãos cheias, e sempre sem jamais se empobrecer. Enfim, a Divindade se unirá tão intimamente a esta criatura que nos séculos dos séculos, durante perpétuas eternidades, Maria, Mãe de Deus, verá toda a criação a seus pés e não será excedida em grandeza e em bondade senão pelo Ente infinito, seu Criador, seu benfeitor e seu amigo.

Assim, a Imaculada Conceição não é senão o primeiro elo de uma cadeia de graças que devem elevar-se até à maternidade divina e terminar pela coroação da Rainha dos Anjos, dos eleitos, de todo o mundo da glória, no mais alto do Céu.

É sobretudo nas relações de Maria com o Verbo feito carne que se manifesta mais profundamente a ternura divina, para com esta criatura ideal. O Altíssimo não desce a ela até essa espécie de igualdade que a amizade deseja e cria, quando quer receber dela o corpo, o sangue, o coração que um dia imolará sobre o Calvário? É ela ainda a súbdita do seu Deus, a mulher de que Deus fez Sua Mãe? Sim, ela ainda o é, porque os direitos do Criador são inacessíveis. Ela é e proclama-se sua serva; mas é como Mãe, como Mãe ternamente venerada que o divino Rei a tratará sempre.

Assim, por essa amizade tão estranha, tão íntima, tão profunda, Ele lhe entrega o seu coração, esse coração de homem que serve de reservatório e de canal a todas as bênçãos do amor divino. A amizade tem por essência o Dom do coração. Quem será capaz de avaliar a medida em que Jesus ama Sua Mãe imaculada e em que medida lhe entrega o Seu Coração?

Sim, o Coração de Deus está nas mãos da divina Mãe. Pode-se dizer que lhe pertence e que é o seu tesouro. Ela é a sua chave misteriosa. Por isso dizia um Santo que nas suas mãos está o cofre das divinas misericórdias.

Não há razão para nos admirarmos desta doutrina; ela assenta sobre uma base sólida e magnífica.

O Coração de Jesus, esse Coração que é o símbolo, que é talvez a sede do seu amor de homem e o instrumento do seu amor de Deus, foi do sangue de Maria que foi formado. É o centro da vida corporal do Homem Deus. Homem, Jesus tem quereres humanos e pratica virtudes humanas. Ele se compraz particularmente no respeito filial. Como Deus, criou Maria e é o Seu soberano. Como homem, é Seu Filho e está-lhe sujeito e é a Sua alegria. Se os pedidos da Virgem Mãe fossem, por impossível, desarrazoados, Jesus responderia: “(?)”³⁷ Mas tal é a sabedoria e tal é a discrição de Nossa Senhora que nada de semelhante se poderia verificar. Maria não faz senão pedidos subordinados à sabedoria de Deus, e então porque é que Deus se havia de recusar a Si mesmo o delicado prazer de dar, como se diz familiarmente, satisfação a Sua Mãe? Ela estava ainda sobre a terra de provação no dia memorável das bodas de Caná: todos nós sabemos o que Nosso Senhor fez a pedido de Sua divina Mãe.

O Coração de Jesus, de uma sensibilidade estranha, comunica-se com os menores sinais de dedicação à Sua Pessoa que percebia e toda a obra realizada por amor Dele por qualquer pessoa fazia-a penetrar mais e mais na Sua graça, nas Suas boas graças. E quais não teriam sido as obras santas de Maria durante os trinta anos mortais da vida de Jesus e depois até à sua Assunção ao Céu? E assim quem será capaz de compreender os acréscimos ininterruptos do amor de Jesus por Sua Mãe? Não é, pois, de admirar que Jesus lhe tenha dado o Seu Coração.

É preciso acrescentar que Maria se associou heroicamente a todos os sofrimentos do Sagrado Coração do Homem Deus, seu Filho. Os estigmas não são senão uma pálida imagem do seu martírio interior e silencioso. Como poderia Jesus melhor e mais eficazmente testemunhar a Sua gratidão filial do que confiando às suas mãos maternais o tesouro das graças tão custosamente compradas, todo o tesouro? É por isso que S. Pedro Damiano dizia numa espécie de êxtase: *In manibus tuis sunt thesouri miseretionem Domini!*

Que é que Maria, nas suas relações íntimas e prolongadas com o Coração de seu Filho, viu, contemplou, admirou, adorou? Veio o Espírito Santo, como que num trono

³⁷ Frase em latim imperceptível.

incompreensível, e, com o Espírito Santo, o mais esplêndido dos cortejos, o cortejo dos mártires mais brilhantes, todas as virtudes.

E entre essas inumeráveis virtudes que foi da parte de Nossa Senhora objecto de uma admiração enternecida e que ela particularmente resolveu imitar foi decerto a misericórdia. *In manibus tuis sunt thesauri miseretionem Domini!*

A misericórdia é ainda o amor mas o amor que se inclina para aqueles que não mereceram as suas atenções, os seus benefícios, as suas carícias. A felicidade de Maria é a obra da bondade de Deus; para nós, pecadores, ela será a obra da sua misericórdia.

A misericórdia é uma torrente misteriosa de indulgência e de compaixão. Nós vemo-la em acto em todo o Evangelho. Os Fariseus julgavam ferir Nosso Senhor chamando-Lhe o amigo dos pecadores (Mt 11,19). Ele respondia-lhes com as emoções admiráveis do pai do filho pródigo: *“Et surgens venit ad patrem suum”*. (Lc 15,20). Recordemo-nos do bom Samaritano, da Samaritana, da Madalena, de Zaqueu, do bom ladrão.

Maria viu, ouviu, admirou, meditou as palavras e as acções do Salvador. Ela passou também por todas as provações. Sofreu e aprendeu a ser misericordiosa. Por isso a Santa Igreja a saúda na Salvé Rainha como Mãe de misericórdia (*Salve Regina, Mater misericordiae!*)

Nesta virtude de bondade compassiva, de piedade indulgente, de misericórdia, Maria Santíssima deve ser e quer ser imitada.

Não seríamos mesmo cristãos se, a exemplo de Nossa Senhora, não fôssemos misericordiosos e no juízo serão implacavelmente condenados aqueles que não tiverem feito misericórdia. (Mt 25,42-46).

Ora é um acto de misericórdia que excede todos os outros e que é, poderia dizer-se, a obra prima do Coração da Virgem, o favor que ela concede sempre aos seus verdadeiros servos e filhos quando se esforçam por obter esse milagre por seu intermédio, isto é, a conversão dos pecadores, a sua reconciliação com Deus, a sua entrada na graça de Deus, na amizade de Deus.

Rezamos pelos pecadores, mas sem nos esquecermos de nós mesmos. Uma das mais doces alegrias de Maria é estreitar cada vez mais os laços que nos ligam ao Coração de seu Filho. A solicitude perpétua do Coração de Jesus é a nossa salvação. A solicitude de Maria é a manutenção do fervor nas nossas almas, é o desenvolvimento, a

expansão da caridade sem a qual não há amizade divina, sem a qual não há salvação. Nossa Senhora do Sagrado Coração é a guarda desse tesouro inestimável: a graça de Deus em nós, a caridade de Deus em nós, a amizade de Deus em nós. Sem cessar ela nos protege contra o ladrão que é o pecado. Peçamos-lhe todos os benefícios, sobretudo os espirituais. O seu poder é imenso e a sua bondade não tem limites, peçamos-lhe por isso tudo, mas a graça que nunca lhe pediremos em demasia e que sem interrupção solicitará para nós do Coração adorável de seu Filho, porque conhece a sua altura, largura e profundidade, o seu valor infinito, é o nosso fortalecimento e o nosso progresso na amizade de Deus, o nosso fortalecimento e o nosso progresso na graça santificante – princípio e fundamento da nossa glória no Céu.

ÍNDICE TEMÁTICO

Breve história da Visitação	3
O fim do homem	13
O fim das criaturas	17
O juízo Universal	23
O juízo Particular	25
A morte	27
O pecado venial	30
A tibieza	35
A oração	40
Necessidade e condições da oração	43
A oração afectiva	46
A oração de simplicidade	48
A penitência	51
A mortificação	54
Prática da mortificação	56
O segredo dos bons retiros	59
O fim da vida humana	62
O pecado	67
A morte	72
Depois da morte	77
As tentações	83
A confissão	89
A vida cristã	93
O estado religioso	98
A pobreza	104
A castidade	111

A obediência	117
A caridade	124
A bondade	125
A paciência	127
A humildade	134
Para as Superiores	141
O fim próximo do homem	157
A amizade de Deus	159
A amizade de Deus é a verdadeira nobreza	163
A amizade de Deus é a verdadeira riqueza	168
O Céu. A Graça	171
Ainda a Graça	175
O Verbo Encarnado, fonte de Graça	179
Os apelos de Jesus Cristo na Eucaristia	183
A amizade de Deus e a Santíssima Virgem	187